CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

SAMBA DE MATARANDIBA, VOA VOA MARIA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS
(2008-2023)

Walmir Pimentel Baptista

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico Raciais.

Orientadora: Professora Doutora Maria Renilda Nery Barreto.

Rio de Janeiro
Janeiro de 2023

SAMBA DE MATARANDIBA, VOA VOA MARIA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS
(2008-2023)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca,CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico Raciais.

Walmir Pimentel Baptista

Banca Examinadora:

_____
Presidente, Prof. Dra. Maria Renilda Nery Barreto (CEFET/RJ) (Orientadora)

_____
Prof. Dr. Roberto Carlos Borges da Silva (CEFET/RJ)

_____
Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib (UFBA)

SUPLENTES

_____
Prof. Dr. Samuel Silva Rodrigues de Oliveira (CEFET/RJ)

_____
Prof. Dr. Olival Freire Junior (UFBA)

Rio de Janeiro
Janeiro de 2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

B222 Baptista, Walmir Pimentel
Samba de Matarandiba, Voa Voa Maria: memória, história e identidade na Baía de Todos os Santos (2008-2023) / Walmir Pimentel Baptista. — 2023.
138f. : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2023.
Bibliografia : f. 136-138
Orientadora: Maria Renilda Nery Barreto

1. Mulheres. 2. Samba de roda. 3. Matarandiba (BA). 4. Cultura afro-brasileira. I. Barreto, Maria Renilda Nery (Orient.). II. Título.

CDD 305.4

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

À minha mãe Dirce Pimentel, mulher
de força sem igual.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente, as forças do Orum que guiaram meus irmãos antepassados na travessia macabra pelo Atlântico tenebroso, marcados como gados, num porão insalubre de trágico negreiro, com memórias indestrutíveis.

Aos pescadores e marisqueiras de Matarandiba, assim como todo povo do mar daquela ilha que me acolhe, sem economia de bons afetos.

O seun, awon arakunri ati arabinrin mi, fun fifun wa ni agbara ti iya Afirika.

Obrigado, meus irmãos e minhas irmãs, por me dotarem da força de mãe África.

Agradeço a minha mãe, sem a qual, nada disso existiria.

Muito obrigado ao povo do PPRER, em especial a professora Talita, sempre pronta a ajudar.

Aos professores Roberto Borges e Samuel Oliveira, como seres humanos ímpares.

Minha gratidão às competentíssimas mulheres da Associação Sociocultural de Matarandiba, na figura de Jeane, de Deni, de Denise, de Thaís, de Magali, de Maura e de todas essas meninas mestras da cultura, nesta ilha de encantos, onde tudo acaba em samba.

Agradeço, sobremaneira, aos meus companheiros e minhas companheiras de turma no curso de Mestrado em Políticas Étnico-Raciais do CEFET/RJ, destacando a malunga Carolina Michaella Torelli que, muito me ajudou em minhas dificuldades tecnológicas e organizacionais, com mãos sempre dispostas a sanar aflições.

Agradeço ao meu irmão Ronaldo que, no correr de uma vida de esgarçamentos sociais e profundas carências financeiras, sempre foi meu maior parceiro, nas dores e nas delícias, como meu melhor amigo e incentivador neste projeto de pesquisa.

Agradeço a minha companheira, a professora Doutora Thula de Oliveira Pires, mãe de Dandara, por todo amparo teórico, pelas dicas em uma co orientação despretensiosa e informal, com mãos de cuidados estruturais, materiais, emocionais e gerais, desde o projeto de pesquisa apresentado na inscrição do processo seletivo. Axé, Preta! Que sua mãe Iansã

lhe mantenha essa mulher búfala e seu pai Oxóssi, o rei de Ketu, lhe possibilitem as armas certas nas lutas feministas e antirracistas.

Minha robusta gratidão à minha orientadora que, ao acreditar nessa aventura epistêmica, veio comigo e me acolheu de forma imediata, com muita ternura com o objeto estudado. Falo da Maria Professora, da Doutora Maria Renilda Nery Barreto, mulher iluminada do Recôncavo baiano que, vêm me segurando no colo, nos meneios tépidos de uma orientação inusitada.

Agradeço a memória do meu pai que, em suas turbulências, fraquezas, desejos e ranços herdados do patriarcado, me deu réguas mínimas civilizatórias para que eu aqui chegasse. Pai, foi como deu para ser e, hoje eu entendo perfeitamente todas as tramas da vida que lhe tiraram de mim tão cedo. Siga em paz!

Agradeço a minha tia rainha Silvinha, uma tia a quem tenho amor total e absoluto. Meu tio e padrinho Valmir, uma referência. Ao meu tio Rui, minha amada tia Mana, meus irmãos e amigos da Geografia, Gilson Leite, Marcos Paulo Ferreira Madeira, Fausto Roberto, Wanderley da Silva Ferreira, entre muitos e muitas.

RESUMO

Samba de Matarandiba, Voa Voa Maria: Memória, História e Identidade na Baía de Todos os Santos (2008-2023)

A presente dissertação tem como objeto de pesquisa o samba da ilha de Matarandiba, representado pelas mulheres do grupo Voa Voa Maria. Propõe-se a investigar o Samba de Roda local constituindo-se como sustentador mais altivo de toda a cultura de Matarandiba, tendo essas mulheres como protagonistas no resgate dessa memória, a partir da perspectiva dos estudos decoloniais. Debruça-se no campo da história/historiografia, nos campos de disputas temporais e territoriais, por relatos e vivências que, revelam dimensões e conexões diversas do samba de roda Voa Voa Maria nessa comunidade insular, como pujante motor de empoderamentos coletivos e ressignificador de fazeres e saberes ancestrais afrocentrados. Visa ainda contextualizar memórias antagônicas, plenas de subjetividades que se intercomplementam e amparam reminiscências mais remotas, consubstanciadas com tradições do povo do mar de Matarandiba, seus sons, suas cenas e os ritmos de vida, num samba original que vai e que vem nas enchentes e vazantes da maré. Propõe-se uma tônica analítica que atenue, com fôlego e vigor, o epistemicídio cultural pretendido historicamente pelo colonizador europeu em relação à herança cultural dos povos negros e indígenas, utilizando-se da sabedoria e das intrincadas ciências destes povos do mar, produzidas das experiencias nos manguezais, nas florestas e nas vivências seculares das marés bravias. Baseada também por intermediações com outras obras acadêmicas, como teses, artigos e dissertações, além de revisão bibliográfica específica, esse estudo traz em sua estrutura, as marcas temporais do samba de Matarandiba, seus ancoradouros territoriais e as interconexões de cenas entre presente, passado e futuro, alargados com a patrimonialização do samba de roda e o resgate do gênero corporificado como Voa Voa Maria.

Palavras-chave: Mulheres; Samba de Roda; Matarandiba; Voa Voa Maria.

ABSTRACT

Matarandiba Samba, Voa Voa Maria: Memory, History and Identity in Baía de Todos os Santos (2008-2023)

The present dissertation has as object of research the samba of the island of Matarandiba, represented by the women of the group Voa Voa Maria. It proposes to investigate the local Samba de Roda constituting itself as the most proud supporter of all the culture of Matarandiba, having these women as protagonists in the rescue of this memory, from the perspective of decolonial studies. It focuses on the field of history/historiography, in the fields of temporal and territorial disputes, through reports and experiences that, evidence and diverse connections of the samba de roda Voa Voa Maria in this island community, as a powerful engine of collective empowerment and a new meaning of actions and Afrocentric ancestral knowledge. It also aims to contextualize antagonistic memories, full of subjectivities that intercomplement and support more remote reminiscences, consubstantiated with traditions of the people of the sea of Matarandiba, their children, their scenes and the rhythms of life, in an original samba that comes and goes in the floods and tidal ebbs. An analytical tone is proposed that attenuates, with breath and vigor, the cultural epistemicide historically planned by the European colonizer in relation to the cultural heritage of black and indigenous peoples, using the wisdom and intricate sciences of these peoples of the sea, produced from the experiences in the mangroves, in the forests and in the secular experiences of the wild tides. Also based on intermediations with other academic works, such as theses, articles and dissertations, in addition to a specific bibliographical review, this study brings in its structure, the temporal marks of the samba of Matarandiba, its territorial anchorages and the interconnections of scenes between present, past and future, extended with the patrimonialization of samba de roda and the rescue of the genre embodied as Voa Voa Maria.

Keywords: Women; Samba de Roda; Matarandiba; Voa Voa Maria.

Lista de Figuras e Mapas

Figura 1- O Voa Voa na maré 13

Figura 2- Pés no território sagrado da maré 34

Figura 3- O fruto sagrado do mar 38

Figura 4- A Vila de Matarandiba 45

Mapa 1- Comunidades de Vera Cruz e Itaparica 46

Figura 5- A canoa e o silêncio do mar 47

Figura 6- O samba do mar 51

Figura 7- A força da mulher de Matarandiba - Dona Mercedes 53

Figura 8- Tocadores do Voa Voa Maria 56

Figura 9- O Voa Voa em dia de samba na ilha 59

Figura 10- Uma mestra do samba de Matarandiba - Dona Didi 63

Figura 11- Segura a saia Maria 64

Figura 12- Dona Gela do prato, mestra de samba de roda 67

Figura 13- O navio onde nasceu a sambadeira 76

Figura 14- Tocadores do Voa Voa Maria 82

Figura 15- Associação 114

Figura 16- É mais feliz quem samba na maré 118

Figura 17- A força que vem do mar 122

Lista De Termos e Siglas

APICUN Nas localidades da contra costa de Vera Cruz, é como se chamam as áreas de lava areia não inundáveis dos manguezais.

ASCOMA Associação Comunitária de Matarandiba, fundada em 2007, localizada na Rua das Flores, s/n, Matarandiba – Vera Cruz.

ASCOMAT Associação Cultural de Matarandiba, fundada em 09 de março de 2008, como reflexo de mobilização da comunidade em relação ao resgate e fortalecimento da identidade local e sua riqueza cultural.

BAPEBA Fruto típico de restingas no clima tropical brasileiro, bastante comum no litoral do sudeste e nordestino. De cor amarelada quando maduro, tem uma substância pegajosa como o visgo de jaca.

CABILA OU CABULA Termo regional para designar o batuque primitivo dos escravizados Bantos, antes da chegada da viola machete pelas mãos dos Nagôs, vindos da Nigéria e do Reino do Daomé.

CAMPANHA Instrumento de barro, tradicional nos sambas de roda no passado. Atualmente, vem sendo deixado de lado nos sambas, até mesmo por adequações ético-ambientais ligadas ao seu empachamento (encouramento), com peles de animais silvestres, como a jiboia, o surucucu e a cotia. Os sambas nas localidades de Jaguaripe, Aratuípe e Salinas da Margarida são dos poucos que ainda preservam as campanhas de barro feitas em Maragogipinho, tradicionalmente afinadas com cunhas e amarradas de cipócamarão.

CONCHA Nome da moeda própria de Matarandiba, como parte de um projeto de economia solidária implantado pela UFBA junto a ASCOMAT.

DOWN QUÍMICA Empresa multinacional de mineração, especializada na extração de sal gema, estabelecida na fazenda Caboto-Guará (Matarandiba), desde a década de 1970.

FAZENDA DO CABOTO Como é documentalmente conhecida a área que engloba a ilha e a Vila de Matarandiba, sob concessão da União à empresa multinacional Dow Química, desde a década de 1970. O Caboto parece ser um ponto simbólico dos primeiros batuques de cabila em Matarandiba, bem antes de adentrar como diversão nos quintais das marisqueiras e pescadores.

PANACUN Cestos de palha utilizados por marisqueiras do sul e do Recôncavo sul da Bahia, até os limites dos baixios do Recôncavo no encontro da maré entre o Paraguaçu e as águas verdes da Baía de Todos os Santos, até Vera Cruz e Itaparica. Adquire nomes diferentes em outras regiões da Bahia.

PAU DE MUSSERENGUE OU CASCA DE JACA Designação cotidiana informal que remete a uma condição de algo firme, denso, de verdade, difícil de competir, de fôlego, forte, como por exemplo se refere ao samba de Roda Voa Voa Maria: O samba de Matarandiba é pau de musserengue (árvore típica da mata atlântica, em locais de mata ciliar, também conhecida como taporoca ou pau de rato, altamente resistente).
O termo casca de jaca, provavelmente, advém da aspereza dessa parte do fruto tropical.

RELATIVO O termo relativo, no samba de roda, refere-se a resposta sobre a estrofe principal no samba chula.

SAMBA CORRIDO E SAMBA DE BARRAVENTO Duas modalidades do samba de roda comum no Recôncavo da Bahia, em lugares como Apaga Fogo, em Nazaré das Farinhas, no Calolé de Santo Amaro, em Belém de Cachoeira, no Caquende, em Terra Nova, em São Sebastião do Passé, no Acupe, em São Brás, em Conceição do Almeida, em Saubara, no Barandão, no Iguape, em Bom Jesus dos Pobres, no Cabuçú, em Amélia Rodrigues, em Jaguaripe, no Orupí, em Oliveira dos Campinhos, em Sinimbú, no Mutá, em Pirajuía, em Sapeaçu em vários outros baixios do Recôncavo.

TERNO DA PRIMAVERA Terno de Reis que teria dado origem ao atual Terno das Flores. Manifesta-se em janeiro na ilha de Matarandiba, em referência ao dia de Reis.

SUMÁRIO

Introdução 13

Objetivos e Estrutura do Trabalho 19
Metodologia 23
Nas marés da pesquisa (revisão bibliográfica) 26

1- Voa Voa Maria, Maria não sabe voar 33

1.1 - Catarina levanta o boi, Doriê, Doriá 40
1.2 - Voa Voa Maria, orgulho e empoderamento 49
1.3 - A maré tá toda cheia, Maria levanta a saia 57

2 - O samba do mar de Matarandiba 67

2.1 - O batuque histórico na Geografia do samba de Matarandiba 81
2.2 - Oh minha filha, onde é que você tá? 83
2.3 - Sambaê, sambá, samba de Matarandiba 98

3- Arrasta a sandália Ioiô, requebra as cadeiras Iaiá 108

3.1 - O Voa Voa ao vento das muitas Marias 112
3.2 - O samba corrido de Matarandiba 117
3.3 - Caminhos do samba do mar, na memória das águas 120

Considerações Finais 131

Referências 136

Introdução

Essa pesquisa é filha do mar de Todos os Santos, das estrelas sobre as redes, das marés de enchente, das luas grandes, das águas, do samba do Voa Voa Maria que a tudo toca, tece, gruda feito visgo de jaca dura ou de bapeba madura.



Figura 1: O Voa Voa na maré. Fonte: Acervo ASCOMAT (S/D).

(...)
Areia e Coroa,
No samba que voa,
Sereia e canoa,
Maria e Maré,
Maré e Maria.
Maria Mareia,
Mareia Maria,
Maria Maré[1].

Nada em Matarandiba é tão decolonial quanto o samba de roda Voa Voa Maria, com forte protagonismo feminino que preserva memórias, resiste aos apagamentos coloniais e questiona a nova ordem mundial, atraindo políticas públicas e privadas, pela velha ordem cultural afro diaspórica.

Um educativo lastro de rijos saberes, pertenças, fazeres e vivências, assimilado dos batuques enraizados nos espaços de cultura, ao largo da maré, renascido da força de

[1] Trecho de *Maria Maré* - Poesias e Africanidades, de Walmir Pimentel Baptista, BA, 2011.

memórias, de tradições afro diaspóricas latentes e do marcante protagonismo feminino do lugar.

Dê-me licença, mais velhos!

Dê-me licença, mais velhas!

Dê-me licença as donas e os donos dessa maré!

Dê-me licença, maré!

Licença aos pescadores, às marisqueiras, tocadores e sambadeiras insulares [2] dessa Matarandiba de encantos e arengas coletivas que, ao mundo, muito tem a partilhar!

Agô[3] ao povo da Baía de Todos os Santos!

Aos que já navegam nas encantadas marés do Orum[4] e aos que ainda labutam pelas duras marés desse Aiyê[5], me deem licença!

Agô para investigar como o Voa Voa Maria reconstruiu-se como arrimo vigoroso do rico acervo cultural na vila - ilha de Matarandiba.

Entre o ano de 2008 e o tempo de materializar essa aventura acadêmica, um mar de episódios marcantes teceu todo um processo de inquietações, alegrias, aflições e alumbramentos, num contato quase que onírico com Matarandiba. Afinal, 2008 é o momento em que chegamos a essa comunidade, no longínquo município de Vera Cruz, três anos após a patrimonialização do samba de roda e seu reconhecimento pela Unesco como Herança Imaterial Cultural da Humanidade.

Fomos guiados por uma amiga inusitada que conhecemos numa pousada da Ladeira da Barra que, bastante sensibilizada com os maus tratos da dona do estabelecimento para conosco e sobretudo os maus tratos de sua própria relação de trabalho, nos convidou a visitar sua terra natal, no interior da ilha.

E assim fizemos, depois de muita reclamação de minha parte, confesso!

---

[2] Referente a ilhas. Residentes em arquipélagos.

[3] O mesmo que licença, anuência, autorização na língua Yorubana.

[4] Como é chamado o plano espiritual por povos africanos. Seria o céu dos cristão, com algumas ressalvas simbólicas.

[5] É o plano terreno, material, físico, como algumas etnias africanas nomeiam a Terra.

Patrícia Santiago, foi quem abriu as portas de Matarandiba a nós. A filha da marisqueira Cordinha logo ganhou nossa amizade e, posteriormente, virou nossa comadre. Observei que, para além daquele gesto doce e generoso, abria-se para nós quatro, eu, Thula e mais um casal de amigos, um mosaico de lugares encerrados num só tempo, num só ponto de infinitas surpresas. Sob visível perplexidade diante de tanta beleza natural e de imediato acolhimento daquele povo que nos veio de súbito, como um metaverso na contramão, pude começar a compreender o ditado yorubano que se refere ao pássaro morto por Exu, numa pedrada que subverteu o tempo.

Era Matarandiba invadindo a vida, inundando a alma, criando laços, possibilitando trocas, nutrindo pontes de afetos interespaciais, como paixão avassaladora que nos arranca do prumo em sua passionalidade violenta que a quase nada viola, para além do campo dos desejos, dos novos quereres, das vivências que nos arrebatam absolutamente.

E, eu ainda não tinha acessado a cultura…

Grudada na famosa e concorrida Itaparica, para lá do antigo mercado de feiras de Cacha Pregos[6], na boca beijada de um território pleno de muitos pertencimentos identitários, entre a ponte do Funil[7] e o Recôncavo sul da Bahia, Matarandiba entrou em minha vida e na vida de minha família de forma definitiva, arrebatadora e literal. Ali construímos amizades, criamos enlaces familiares e nos conectamos às pertenças ancestrais/territoriais misturadas na cultura. Ali fincamos rancho de alegria e nos ligamos àquele chão por meio do nosso cantinho sagrado, lá na casinha branca do Alto do Cruzeiro, guarnecida pela dona do mar na ponta da cumeeira.

Em 2008, meus olhos conheceram apenas a impactante beleza natural e aquela forma de acolhimento impressionante por parte daquele povo da maré.

O correr do tempo e o regime entre marés, as luas grandes e os fluxos de agudos pertencimentos se amalgamaram em minhas percepções, apresentando a esses olhos e a

[6] Localidade vizinha à Matarandiba, na ilha de Itaparica, pertencente a Vera Cruz, onde existiu uma feira dinâmica no correr do século XIX e início do século XX. Por se localizar muito distante de Salvador e pela dificuldade de acesso, virou sinônimo para se referir a lugares muito distantes.

[7] Nome popular que apelida a ponte construída em 1968, sobre a Baía de Todos os Santos, ligando a ilha de Itaparica ao continente. Seu nome oficial é Ponte João das Botas, em homenagem ao tenente nascido em Itaparica João Francisco de Oliveira.

alma, toda a beleza de uma cultura riquíssima, de esplendor escandaloso, promovida, resguardada e ressignificada pela memória protagonista de astutas mulheres daquela comunidade tradicional, num dos mais recônditos braços de mar na Baía de Todos os Santos.

Foi um alumbramento[8] mexendo com algumas emoções que, até então, eu desconhecia por completo.

Ali nascia minha pesquisa.

Ali começavam a amainar as tempestades que emborcavam minhas canoas de pertencimentos étnico-raciais em mares afro diaspóricos, assaltados de colonialidades.

Ali irrompia um amor não só topofílico, mas, sobretudo, de conexões ancestrais.

Sem que me desse conta de todos os mil desdobramentos e achegas que adviriam desse amor frente a um covarde e injusto golpe político no Brasil, contra uma mulher eleita presidenta por vias democráticas; de uma pandemia devastadora ao planeta, que ceifou milhões de vidas e de um governo trágico, negacionista, mórbido, com claras inspirações fascistas, de alinhamentos ultra conservadores, numa extrema direita fétida e de destruição integral da cultura popular periférica, à Matarandiba me pus de coração aberto.

Em meio à dureza dessas marés e os quentinhos produzidos por relevantes xodós fora dela, decidi: irei retomar meus estudos acadêmicos falando desse povo e das coisas que me afetam significativamente, aprendendo a ler com eles, para ensinar outros e outras camaradas nesses tempos difíceis.

Nas rias desses aprendizados promovidos por vivências diretas, efetivas e viscerais em Matarandiba, entre marisqueiras, pescadores e todo povo do mar, me atentei ao quanto o samba Voa Voa Maria é fruto poderoso das reminiscências genuínas do samba na ilha, sendo promotor soberano de diversos resgates culturais, se impondo como vigoroso atrator de políticas públicas, empoderador de sua gente e mantenedor de preciosíssima memória.

O Voa Voa Maria, enquanto manifestação espontânea, tornou-se uma icônica expressão cultural do lugar, como rica potência de sabedorias genuínas da ilha.

[8] Mesmo que encantamento súbito.

Pessoas diretamente envolvidas com essa cultura de Matarandiba, com suas reminiscências sobre o samba, estarão nas entrevistas entremeadas ao texto, com suas narrativas que atravessam a vida da comunidade, desafiando o tempo das águas, das mágoas, das luas nuas, das dores cruas, das cores suas, das lutas, labutas, dos cheiros, encantado por mistérios nas umbigadas de marisqueiras, em sororidade[9] no samba.

Como se diz na velha Bahia, sobre esse pesquisador do povo de Matarandiba: E *qual foi o caso, seu mano?* Em 26 de julho de 1972, nasci. Fui batizado Walmir Pimentel Baptista, homem preto e periférico, lá do Buraco da Ventania, na Covanca, em São Gonçalo, numa borda de esgarçamentos socioespaciais da região metropolitana do Rio de Janeiro. Como observador atento de inquietas águas que vão e vêm, nas grandes marés de luas afro diaspóricas, me entendi escrevedor em cadernos plenos de canoas, catraias[10], saveiros e vapores[11.]

Cortejando a melodia que emerge da vida simples do povo da princesa de Aiocá, onde o samba no mar é batuque de Caiala, me compreendi pescador. Observando as coroas de pedras perigosas, com olhos que atam e desatam as redes de princípios civilizatórios nas marés do mundo, me concebi professor de Geografia no ensino público do Estado do Rio de Janeiro e na cidade de Petrópolis.

Celebrando culturas populares de samba duro, de samba sambadô, da Zambiapunga, do samba corrido, da Chula, do Côco, do Martelo, do Barravento, todos vindos originalmente com os povos Bantos, em seus representantes Berbecins, Felupos, Fons, Mandingas, Berberes, Ixejás, Hotentotes, Bosquímanos, hibridizados aos Nagôs, aos Malês, aos Ashanti etc., percebi a urgência de reabrir bandeiras.

Como a Bandeira enrolada do Bloco Recreativo Teimosos do Zumbi, a antiga agremiação carnavalesca verde e branca da minha família, me ressignificando sambista e um dos músicos organizadores da legendária Roda de Samba da Pedra do Sal, pelas

[9] Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e companheirismo que une mulheres. É ainda respeito e admiração ativados por identidade de gênero.

[10] Embarcações pequenas e simples comuns na rampa do mercado que, durante muito tempo, davam apoio nas descargas dos saveiros, além de também de serem utilizados para pesca artesanal em águas calmas. Possui dois remos laterais, com popa e proa afuniladas. No Rio de Janeiro é conhecido como caíco.

[11] Grandes embarcações que singravam os mares da Bahia, movidos por carvão e uma grande roda a girar. Eram nomeados popularmente como navios de roda.

segundas feiras do tempo de Exú e de Omulú, no Largo João da Baiana, aos pés do assentamento de Xangô, como é conhecida pelo povo de santo a Pedra do Sal, assim batizada por João Alabá e o velho Bambosse Obitikô.

Assim, através do samba de roda, dos contos e causos e de canoas, de cuícas, de redes de ressa, de pandeiros e campanhas[12] encourados com pele de surucucu, jibóia ou Cotia, me pus pesquisador no mestrado em Relações ÉtnicoRaciais, no Cefet/-RJ, sobre algo que me inquieta emoções e questionamentos no Samba de Roda de Matarandiba.

Makumbeiro desde menino, a mim foi confiada, informalmente a tarefa de empachar[13] os tambores sagrados do terreiro de Umbanda de Seu Chico Mineiro, lá na minha casinha velha do Buraco da Ventania, na profunda cidade de São Gonçalo, um lugar ladeado de pluralidades, colos e subjetividades periféricas.

Ali me fiz corpo preto em resistências, resiliências e rebeldias.

Ali vi sempre portões abertos às trocas comunitárias, aos bons afetos, às rezas, às ladainhas, aos festejos de balões, às serestas, as partilhas em dores periféricas, aos aprendizados e vastas memórias em oralidade, assumindo pertenças, experimentando inadvertidamente minhas tônicas vindas de África.

Estudante de escola pública e graduado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, me fortaleci chancelado na vida por minha mãe, uma mulher preta herdeira de duras marcas da vida, com a coragem de uma búfala, com a descomunal força de todas as mulheres atlânticas. Desde cedo, foi ela quem nos fez compreender o significado vital de frases como: “Ninguém larga a mão de ninguém”, "Dinheiro não compra sossego”, “O amor cura, abraça e eleva".

Produto dos interstícios na resiliência de ovos fritos compartilhados com meu irmão, das resistências e superações em simpatias de mães rezadeiras, nas doridas marés de convulsões epiléticas, cá estou eu de mãos dadas com o Voa Voa Maria, o grande Samba de Matarandiba, um patrimônio do lugar.

---

[12] Instrumento de percussão feito de barro, com formato cilíndrico, comum nos sambas de roda do Recôncavo, encourado com couro de cobra jiboia ou pele do mamífero cotia. Atualmente, resiste apenas em alguns sambas, como no caruru de Jaguaripe, por exemplo.

[13] Forma antiga de se referir ao encoramento de instrumentos de percussão com peles de determinados animais.

É uma pesquisa fruto de trabalho em campo que visa contribuir no combate ao epistemicídio[14] e aos apagamentos provocados por colonizadores, via arcabouço decolonial, pela oralidade da cultura africana, condensada no verde das águas reconcavianas e da Baía de Todos os Santos.

Conforme observou Sueli Carneiro (2005) o colonialismo sequestra a razão pela negação da racionalidade do outro ou, pela assimilação cultural imposta pelos colonizadores, anulando, desqualificando a cultura de povos subjugados.

Nesses escritos, miro o peso da arte de um povo, dos afetos entre lutas, luas, peixes e mariscos, como forma de continuar ao lado da cultura, da luz ancestral vinda do continente negro.

Ante um dos mais graves e dramáticos capítulos da nossa história política, de deliberadas e simultâneas desconstruções de pertenças e saberes, de covardes revisionismos históricos culturais para mais ainda massacrar grupos historicamente subalternizados, essa dissertação sobre o samba de Matarandiba busca compreender sua força e seus protagonismos. A fim de colaborar com estratégias de preservação, sopesando possibilidades de caminhos que, definitivamente, recusem os mil arroubos neofascistas, colonialistas e de imposições golpistas eurocêntricas, essa pesquisa navega por epistemes populares.

Mais que uma declaração tenaz de gratidão à cultura afro diaspórica presente em Matarandiba, esses meus escritos buscam melhor compreender esse samba do mar. Parafraseando o poeta Roque Ferreira, se parecerem meus palavreados clichês e insossos aos leitores que por aqui ancorarem suas canoas, o Voa Voa Maria há de me perdoar.

Objetivos e Estrutura do Trabalho

Com o tema *Samba de Matarandiba: Voa Voa Maria – Memória, História e Identidade na Baía de Todos os Santos,* essa pesquisa navega pelo campo da História, da historiografia e da Geografia cultural. O trabalho tem por propósito investigar como o Voa

[14] Conceito criado pelo sociólogo das epistemologias do sul global, Boaventura de Sousa (ano???) para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo saber ocidental.

Voa Maria, movimento com forte protagonismo feminino, reconstruiu-se como arrimo principal do rico acervo cultural do lugar, poderoso atrator de políticas públicas e privadas para a cultura do lugar.

A presente pesquisa namora com alguns soluços etnográficos[15] e caminha pelas veredas do arcabouço teórico decolonial, com uso da oralidade enquanto fonte epistêmica de acesso a memórias profundas.

Nesse sentido, na mira de cumprir alguns objetivos, busco citar aqui, por relevância e gratidão, sobretudo num campo de disputas tão caro, menções que destaquem o peso político do Movimento Negro Politicamente Organizado. Desde as lutas imperiosas da Frente Negra[16] na década de 1930, às brisas artísticas e militantes do Teatro Experimental do Negro[17] em 1944, à fundação fundamental do MNU[18] em 1978, às pressões articuladas e desembocadas em Durban[19], às políticas afirmativas do início dos anos 2000 no governo do presidente Luiz Inácio Lula Da Silva e à patrimonialização[20] do samba de roda em 2005.

Num cuidado reflexivo, há de se constatar uma estreita conexão nessas lutas coletivas por frear os apagamentos coloniais, pelas arengas libertárias advindas do Giro decolonial que, muito contribuíram para definir outros objetivos dessa pesquisa e, sedimentaram anseios de outros povos latino-americanos, colonizados e subjugados, propondo um rompimento com a visão eurocêntrica, desumanizante e preconceituosa.

---

[15] Etnografia é um dos métodos utilizados na antropologia, visando coletar dados que viabilizem estudar um determinado grupo social e manifestações culturais através de detalhada descrição de fatos, cenas, cheiros, paladares, cores, sensações, entre outros.

[16] Fundada em de setembro de 1931, durou até 1937, tendo se tornado partido político em 1936. Foi a mais importante entidade de afrodescendentes na primeira metade do século XX.

[17] Conhecido também como TEN, foi fundado em 13 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro, em 1944, por iniciativa do ator e economista Abdias do Nascimento, com apoio de amigos e intelectuais, buscando reabilitar e valorizar socialmente a herança cultural, a identidade e a dignidade do afrobrasileiro.

[18] Movimento Negro Unificado, fundado após uma deliberação em uma reunião de entidades negras, realizada em São Paulo, em 18 de junho de 1978.

[19] Cidade sul africana onde se realizou a conferência da ONU, de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001, como desdobramento e celebração do Ano Internacional de Mobilização contra o Racismo. Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata.

[20] Ação que tem por finalidade o fomento, o desenvolvimento, a revitalização de uma determinada cultura e seu patrimônio integral.

Fiz o lançamento da minha pesquisa pelas redes em profunda maré de oralidade das marisqueiras e de dois pescadores, sob as frescas brisas do discurso decolonial, a fim de alcançar meu propósito principal nessa intrincada trama.

Definir caminhos e linhas, ajustando-as aos esforços de preservação de tradições culturais seculares manifestas em Matarandiba, como signos do saber ancestral afro diaspórico, levou meu olhar a observar um imenso acúmulo de questões latentes por anestesias colonialistas, em seus barcos opressores que, assombrando comunidades tradicionais, vêm encontrar saudáveis resistências nas marés de Todos os Santos.

Ao que indicam alguns códigos, bastante fidelizados pela preservação de reminiscências vindas pelos muitos sambas encantados na ilha, com seus traços simbólicos e lastros materiais perceptíveis no bailar das vistosas saias, o perigo maior parece querer amainar. A acentuada tentativa de destruição do protagonismo negro e feminino pelos "patriotas fascistas" de plantão, enfrentam resistências contribuintes na escolha dos seguintes objetivos:

1) Analisar, como o samba do Voa Voa Maria se impôs como peça-chave na engrenagem local, orientadora do patrimônio identitário e contribuinte para um padrão de comportamento que enfrenta barreiras raciais, sexuais, sociais e outras.

2) Produzir um material iconográfico com o Voa Voa Maria.

3) Localizar, nas famílias envolvidas com a cultura local, práticas que reforcem o sentido de pertencimento e de manutenção de valores compartilhados na oralidade.

O grupo Voa Voa Maria que se desdobra de manifestações existentes há muito tempo em Matarandiba, vem se reconstruindo como o maior motor de preservação da memória local, sobretudo entre as/os mais antigas/os moradores/as, sendo um instrumento poderoso de valorização do patrimônio imaterial, de resistência cultural e de resgate de importantes vivências adormecidas.

Como me disse a octogenária Angelina Gonçalves, com a propriedade majestosa de uma rainha nativa, dona de uma das memórias mais ativas de

Matarandiba, "(...) *No início, antes do enraizamento e do fortalecimento do samba, Matarandiba era apenas uma ilha solta no mar. Depois que o samba voltou com essa força do Voa Voa Maria, vem aqui meio mundo de gente, de tudo que é canto".*

A partir dessa e de outras falas, me pego percebendo que o samba Voa Voa Maria, refundado, revitalizado após seu resgate em 2009, como herança cultural afro diaspórica de potências proeminentemente femininas, sai de um lugar de profundo apagamento, latência e reconstitui-se robusto instrumento de conquistas e de preservação da cultura.

Para apresentar o samba Voa Voa Maria em suas múltiplas possibilidades, o trabalho se organizou de forma a permitir que determinados aspectos sobressaiam em cada capítulo, sem que haja a possibilidade de apresentá-los a partir de uma separação rígida. Será o tempo das conversas e dos encontros o ponto de referência para o desenrolar do trabalho.

No primeiro capítulo, como forma de chegar aos poucos, pisar manso no território de Matarandiba e não atravessar o samba, serão trazidos alguns símbolos e personagens culturais da ilha, centrais para a narrativa que será apresentada. Nesse momento, pretende-se trazer o samba a partir da sua localização e de algumas das pessoas que o protagonizam, em diversos períodos. No plano iconográfico, serão as atuais sambadeiras e os tocadores, assim como a maré, que corporificarão a tradição que guarda uma longa trajetória aqui representadas por dona Didi, dona Mercedes e dona Gela. Para os relatos em primeira pessoa, a fala que organiza outras conversas será aquela colhida da maneira em que me sinto mais acolhido e presente na ilha - pescando.

A pesca com seu Miguel oportunizou a enunciação de distintos símbolos culturais, muitos dos quais diretamente relacionados ao Voa Voa Maria. Conforme vou mergulhando no samba de Matarandiba, vou sentindo a necessidade de buscar os variados caminhos que trouxeram características distintas aos sambas tocados/vividos nas diversas regiões do Recôncavo.

Outro aspecto central ao trabalho e, portanto, já indicado em seu início, é o reconhecimento da resistência e do protagonismo feminino na ilha, aqui mais destacado na dimensão da preservação e reinvenção da cultura local, mais especificamente do samba Voa Voa Maria.

Depois de assentadas as bases para que a prosa se desenrole, no segundo capítulo miro na decodificação das influências do samba Voa Voa Maria na preservação de toda a teia cultural produzida no lugar, bem como sua mobilização no desenvolvimento de políticas públicas e privadas na ilha. Vou tecendo um diálogo que toma como marco referencial e essencial, as narrativas de seus agentes culturais. Aqui, serão as vozes das mulheres que darão o tom da conversa. Entre as muitas que falam, estão Condinha, Edmaris, Taís, dona Mercedes, dona Angelina, dona Deni, dona Didi, dona Marica e Taninha. Através de suas memórias e relatos, o voo das Marias vai retomando signos identitários e políticos que possibilitam Matarandiba confrontar a continuidade distópica da colonialidade.

No último capítulo, as narrativas sobre o samba Voa Voa Maria vão sendo amarradas com as políticas de cultura que através dele vão aportando em Matarandiba. Políticas que tomam a cultura como âncora da cidadania, mesmo, e sobretudo, diante de marés violentas, como no período do (des)governo Bolsonaro e da pandemia de Covid-19. É no terceiro capítulo que os relatos sobre o samba em Matarandiba vão atribuindo e ganhando sentido em relação ao Ponto de Leitura Tia Dazinha, ao Ponto de Memória Tia Dina e ao próprio Ponto de Cultura Voa Voa Maria. A patrimonialização do samba e a capacidade de articulação do samba Voa Voa como patrimônio cultural tem semeado novos frutos de memória, de cidadania, de pertencimento, de cultura em relação de integralidade com a natureza.

Metodologia

Para aprofundar a discussão em torno do Samba na Ilha de Matarandiba, decodificar suas influências na preservação de toda a teia cultural produzida no lugar, bem como sua mobilização no desenvolvimento de políticas públicas, busquei promover diálogos que tomassem como ponto de referência a narrativa de seus agentes culturais.

Através da técnica da história oral, busquei realizar um estudo aprofundado sobre a relação do samba da ilha, protagonizado pelas mulheres e, de que forma este se impõe

como peça-chave na defesa da cultura local, na costura dos retalhos históricos e políticos, inseparáveis na formação da identidade daquela comunidade.

Para alcançar os objetivos aqui expostos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze sambadeiras (marisqueiras ou não), e dois pescadores, priorizados por terem conexões familiares os primórdios do samba e, por serem alguns dos mais antigos e antigas, diretamente envolvidos (as) com o samba do lugar.

Em seguida, entrevistei as mulheres integrantes da Associação Sociocultural de Matarandiba (ASCOMAT), como lideranças dos coletivos culturais do lugar e integrantes sambadeiras do Voa Voa Maria.

As entrevistas semiestruturadas foram pautadas num roteiro flexível, em certos instantes mudando de ordem conforme a narrativa dos (as) entrevistados e entrevistadas. Alguns outros questionamentos surgiram livremente, numa relação de espontaneidade, que me possibilitaram relacionar valores e significados.

Longe de uma abordagem que se ampare no mito da neutralidade, o elo que já existe há mais de uma década com a comunidade vem sendo fundamental para elaboração de uma pesquisa comprometida com a (re)construção e o resgate de memórias, entendimentos e compreensões, pautados em conexões qualitativas de interdisciplinaridade com a geografia, com a história, a antropologia, a política, a sociologia e a filosofia.

A pesquisa vai em busca de histórias que beijam a vida de marisqueiras e pescadores, na sua relação com o samba, com a sensibilidade e os reflexos cotidianos coletivos que compõem seu imaginário partícipe, na construção de identidades, memórias e ação política na ilha de Matarandiba, subsidiando informações cruciais para certas lacunas.

Algumas etapas da pesquisa foram realizadas com incursões periódicas ao campo para entrevistas, fotos e observação de possibilidades, direcionando, (re)adequando investigações ao tema proposto. A ASCOMAT foi a base local para viabilizar o contato com outras organizações que se voltam ao conhecimento, ao resgate e preservação de sua memória e identidade. Foram utilizados também como recursos de pesquisa: mapas, fotografias, registros documentais, escritos, materiais de audiovisual e pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados, constituído principalmente de

livros e artigos. Em meio a indicadores sociais adversos, junta-se a presença de uma multinacional em seus arredores, explorando suas riquezas naturais desde a década de 1970, com diversos e severos danos ambientais, inclusive sendo esta, possivelmente, a responsável direta pela abertura de uma cratera no meio da mata.

A existência do *Ponto de leitura Tia Dazinha*[21] e do *Ponto de Memória Tia Dina*[22], ambos localizados na ilha de Matarandiba, mostra uma intenção saudável de preservação cultural e irradiação de conhecimentos. São espaços emblemáticos que sugerem a intencionalidade de preservação de objetos, da história da cultura local, de memórias na maré. Nesses lugares de grande sociabilidade, são realizadas pesquisas e oficinas sobre memória social, sobre o patrimônio cultural e conservação do importante acervo histórico de Matarandiba.

A construção de identidades vai se fazendo e se refazendo das lembranças e esquecimentos vivos. Memórias e identidades vão se movendo no espaço e no tempo, como representações e reconstruções permanentes da realidade, impondose como fenômenos mais subjetivos do que concretos.

A memória pousa como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa, ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK,1992, p.204).

Por estar assentada numa perspectiva de oralidade, de resgate de uma tradição vivida e transmitida, sobretudo pela tradição oral, a ancoragem teórica será no pensamento decolonial em sua construção afrodiaspórica (BERNARDINOCOSTA, MALDONADO-TORRES, GROSFOGUEL, 2018).

---

[21] Espaço de extrema relevância para letramento, localizado na Associação Cultural de Matarandiba, financiado por editais públicos na esfera estadual e federal. O espaço leva o nome de uma importantíssima mulher, de nome Dáulia Angélica de Souza, nascida em 03/01/1919 em Salvador, tendo se formado como professora primária aos 16 anos, pela Escola Normal da Bahia. Deu aulas, por nomeação, em Itabuna e, seis anos depois, transfere-se para Itaparica. Em 1941, chega em Matarandiba para assumir a função de mestra e amiga dessa comunidade tradicional.

[22] Local dedicado à memória e à transmissão de saberes e reminiscências da ilha de Matarandiba, tanto aos mais jovens, quanto aos adultos interessados. É nomeado sob o signo de uma das mais emblemáticas pessoas de Matarandiba, Tia Dina. Ou seja, Ubaldina Conceição dos Anjos, filha de Matarandiba, nascida em 16/05/1923, filha de Elpidio Manoel dos Santos e Clara Maria da Conceição, extremamente festeira e cofundadora dos Ternos de Reis da ilha de Matarandiba.

Dos estudos decoloniais nos alinhamos ao esforço de refundar as relações de poder nas Américas, a partir do questionamento das estruturas de dominação coloniais que moldaram sociedades de herança colonial escravista. Ao colocar em questão a colonialidade do poder (QUIJANO, 2000), do ser (MALDONADOTORRES, 2007; FANON, 2005), do saber (MIGNOLO, 2008; MALDONADOTORRES, 2008), tais estudos propiciam a emergência de saberes e práticas políticas de grupos ignorados pela tradição hegemônica ocidental.

E, é na tradição de pensamento negro produzido na diáspora (GONZALEZ, 2020; NASCIMENTO, 2018; FANON, 2005; HALL, 2006; GILROY, 2001; 1999; MBEMBE, 2017; KILOMBA, 2019) que repousa o repertório conceitual que se forja nos mesmos termos do samba, na luta pela afirmação plena da humanidade negada pelo racismo patriarcal.

As bases teóricas que contribuem para a observação da contribuição do Samba de Matarandiba na formação de identidades na ilha precisam ser capazes de reverberar as práticas originadas nas bases familiares pela transmissão oral. E, deve estar aberta às complexas formas de ser e viver, nos limites da comunidade.

Como o trabalho é feito de vozes distintas que se vocalizam de modos igualmente diversos, optei por apresentar as músicas (do samba Voa Voa Maria ou de outros compositores) e trechos de poesias (autorais) alinhadas à esquerda e em itálico. As falas em primeira pessoa estão destacadas em itálico ao longo do texto e as iniciais dos nomes das pessoas identificando quem integrava aquela conversa.

Nas marés da pesquisa (Revisão bibliográfica)

O samba de roda, entre outros traços culturais, é produto da união cultural bantu e nagô, do vínculo inadiável, inalienável e necessário entre o batuque de Cabila[23] e a viola

[23] Kabila ou cabila é o nome do batuque trazido por escravizados bantos da região Congo-Angola que teria sido o embrião percussivo do samba de roda na união deste com a viola machete.

machete[24], ou a viola de 3/4. Nesse imenso universo, pesquisas se multiplicam em variadas abordagens tentando dar conta do que o passado colonial jamais quis alguma conta.

O caro intento desta pesquisa na análise da atuação do samba Voa Voa Maria, sob protagonismo das mulheres da ilha, na salvaguarda da cultura de Matarandiba, no município de Vera Cruz, aos pés do Recôncavo sul da Bahia, de cabeça para a contracosta, é investigar para preservar memórias.

Há evidentes exemplos desse protagonismo feminino no fazer do samba de roda, em suas várias nuances e modalidades. Com base em registros históricos sobre o samba de roda na região nomeada como Recôncavo, identifica-se mulheres produzindo e executando instrumentos de percussão, "tirando o samba" e "riscando o miudinho", como dona Dalva de Cachoeira, como a falecida dona Nicinha de Santo Amaro[25], entre tantas outras, evidenciado nos documentos do IPHAN para patrimonialização do gênero que lugar de mulher é também no samba de roda, como peça-chave. Esse registro do Instituto Histórico observa e identifica que a presença da mulher no samba vai muito além do papel de meras sambadeiras ou cantadoras de relativos, com características que, de forma mais ampla e, infelizmente, não se perpetuaram em todos os locais onde essa manifestação se aninhou. No geral, a participação da mulher na execução do samba de roda tem sido de tocar o prato com a faca, de samba de umbigada ao pé do tambor, ritmando com os quadris soltos o pinicar da viola, cantando o relativo.

Em Matarandiba essa força feminina é ainda mais sentida, por brotar da lida na maré mariscada, da vida e na fé partilhada, aquecida por vasta memória.

Comparando a volúpia feminina num tempo diferente e numa outra noção de regionalidade, tomando como referência a diáspora baiana ao Rio de Janeiro no final do século XIX e, início do século XX, é evidente a marca das mulheres no samba e em outros espaços de cultura o inclusive, propiciando em suas casas reuniões com e pelo samba,

[24] É uma viola de menor dimensão, com dez cordas e timbre bem mais agudo que as violas tradicionais. Em alguns outros locais são chamados de viola caipira, machinho ou violinha. Presumese que tenham chegado ao Brasil por mãos portuguesas, no período em que chegam aqui os primeiros sudaneses, entre os séculos XVIII e XIX (filho, 1946 p.61), do livro O negro na Bahia.

[25] Cortejada, célebre e saudosa sambadeira de Santo Amaro da Purificação, Maria Eunice Martins Luz era conhecida como Nicinha, esposa de Vavá de Popó, filho do lendário Popó do maculelê. Faleceu aos 72 anos, em fevereiro deste ano, 2022, em razão de problemas cardíacos.

como na casa da icônica tia Ciata, tia Perpétua, tia Bebiana, tia Carmem do Xibuca, tia Amélia, tia Perciliana[26].

Katharina Döring cita que, no caminho pelo reconhecimento do samba na cultura nacional, veio a profissionalização de músicos, dando destaque para compositores, letristas e exímios instrumentistas, cada vez mais afastando a importância e participação das mulheres negras no processo constituinte do samba, onde elas continuavam como "Baianas", "Tias", "Mães", reduzindo seu papel a vários estereótipos reunidos em torno da mulher em geral, e da mulher negra em especial, porque carrega consigo a conotação de séculos de escravatura, confinando a mulher negra ao lugar da "ama de leite", "reprodutora", "cuidadora", "cozinheira", ou então objeto sexual entre outros. (DÖRING, 2016, p. 22)

Jurema Werneck (2007) trouxe em sua tese a percepção do protagonismo feminino negro no samba, como compositoras, cantoras e instrumentistas, mesmo com os muitos atravessamentos e disputas com a sociedade machista branca, contribuindo com apagamentos relevantes nas atuações de mulheres no samba em geral, como exemplo de Dona Ivone Lara, Chiquinha Gonzaga e outras tantas.

Katharina Döring (2016) e o artigo de Francimária Ribeiro e Laila Rosa (2015) observam a visceralidade protagonista do corpo feminino nos sambas de roda em instâncias diversas, ora identificando a relevância do papel das mulheres durante a produção do samba de roda, ora pela presença essencial destas como sambadeiras, instrumentistas, compositoras, e cantoras nesses meios (DÖRING, 2016, p. 24).

Ao entrevistar dois pescadores de Matarandiba, diretamente ligados ao passado do samba na localidade, salta às claras a tendência de imolação da cultura ligada ao samba das mulheres da ilha, ante severa emulação ao passado em comparação ao presente. Tais narrativas coadunam para reforçar o debate factual e geracional do protagonismo dessas mulheres, na labuta por conviver com tentativas de inviabilizá-las como sujeitas, cidadãs, transmissoras dos saberes e produtoras das performances musicais (DÖRING, 2016, p. 26).

[26] Nomes das lendárias "tias baianas" que migraram para o Rio de Janeiro no século XIX, instalandose na Gamboa, bairro da Saúde, na região portuária da cidade, nas imediações do Morro da Conceição e da Pedra do Sal. A mais conhecida foi Tia Ciata, mãe pequena do terreiro de João de Alabá de Omolu, terreiro localizado na rua Barão de São Félix, tendo sido Ciata, considerada por muitos e muitas, a mãe do samba e do carnaval carioca.

Francimária Ribeiro e Laila Rosa irão insistir na urgência de pesquisas que amplifiquem e resgatem o protagonismo na cultura dessas mulheres, para possibilitar o registro da história e do protagonismo de mulheres negras que é insistentemente ignorado e institucionalmente invisibilizado pelo capitalismoracista-burguês. (RIBEIRO; ROSA, 2015, p. 105-106).

No vai e vem das marés, em saias que rodam ao bem e mostram pés que zombam da mágoa, que tocam na água, na cheia, na areia, no mar mortágua, do samba que enxagua os caminhos verdes do mar.

Fernanda Castro de Queiroz irá ratificar em seu artigo "Notas sobre a patrimonialização do samba de roda: deslocamentos e perspectivas a partir do grupo Voa Voa Maria" (2021), como produto da articulação entre as mulheres em torno de práticas culturais outrora existentes e/ou outras dessas práticas reinventadas tendo em seu escopo latências de manifestações encobertas por um tempo que a tudo sedimenta na tumba do esquecimento.

Segundo Fernanda Queiroz, o ano de 2007 passa a ser fundamental para Matarandiba, uma vez que a ilha passa a experienciar o contato com a Rede Matarandiba de Economia Solidária da Cultura, alterando quase que por completo as relações e percepções de inéditas práticas dinâmicas econômicas, simbólicas, sobretudo fortalecendo os laços coletivos na maré.

Tentando governar a canoa de minha pesquisa um pouco além dos fartos e generosos veios de informações contidas na obra da pesquisadora Fernanda Queiroz, sem objetivar divergir de suas certeiras pontuações, busco robustecer ainda mais alguns aspectos reminiscentes. Nesse sentido, acabo indo um pouco mais atrás no tempo, ligando o Voa Voa Maria e sua refundação em 11 de abril de 2009, aos lembrares/fazeres/saberes acumulados nos sambas do Caboto[27], com dona Nazinha, dona Sincinha e dona Alzira[28],

[27] Junto com os sambas espontâneos nos quintais, realizados pelos pescadores e pelas marisqueiras em seus momentos de descontrações e celebrações, o batuque produzido pelos e pelas mais antigos (as) moradores de Matarandiba, na fazenda do Caboto, foram marcos iniciais e tradicionais que subsidiaram o resgate da memória, desembocando no samba do Voa Voa Maria.

[28] Nomes de algumas senhoras marisqueiras do lugar, consideradas mestras, matriarcas do samba de roda de Matarandiba, com relação direta no surgimento, no desenvolvimento, no estabelecimento e fortalecimento do samba na ilha.

dos sambas nos quintais, dos vários batuques à beira mar, das cantigas das velhas marisqueiras na faina da mariscagem, nas lavagens das fontes e etc.

O Voa Voa Maria é água fresca e límpida a acariciar os arenitos benditos da fonte do Tororó, posto que é força indomável de um mar de estrelas mulheres, mestras em candura, a serviço da cultura, da ternura, da maré que murmura no cantar que vem de muito longe.

Segundo Renata Freitas em seu artigo "O Aruê e As Narrativas Sobre a Morte" (2016), o samba se faz alento nessa manifestação tradicional de Matarandiba, sendo bálsamo, agindo feito colo quente para cada coração presente, no instante em que "morre" o ano velho, com suas dores, aflições, dificuldades e a padiola colorida (jangadinha artesanal de troncos de bananeiras, com galhos de aroeira e de mamona) é posta no verde mar de Todos os Santos.

É o samba que, num compasso acelerado, apressado em levar o ano para o tempo do além, pulula do simbólico Alto do Cruzeiro a percorrer todos os cantos da ilha, catando todo mau agouro, toda má sorte na maré, toda sina de maldição, toda tristeza de amor, agonias de morte, doenças de reima. O samba segue em direção às águas de Iemanjá e, será unguento a ungir pelo batuque ancestral da ilha cada corpo, vivo ou morto, pelo sopro de uma fresca brisa atemporal.

Das memórias represadas em tantas saudades, em marés de lançamento[29] acumuladas, frente a tamanhas urgências percebidas numa modernidade avessa à essa memória, o samba salta nas lembranças como de dona Angelina, de Tia Marica, de dona Jandira, de dona Mercedes, Dona Didi, Dona Gela, de Seu Miguel Arraieiro e da força que mar cede a esse povo.

O Voa Voa Maria é fruto de uma infinitude de mãos, de pontes, de afetos, de afagos, algumas rusgas, certas arengas e, acima de tudo, do resgate cuidadoso de uma memória latente entre as mais velhas e os mais velhos da ilha de Matarandiba. Como tal, fez-se

[29] Maré de lançamento é como os povos tradicionais que praticam a pesca artesanal e a mariscagem na Baía de Todos os Santos e nas franjas de litorais do Recôncavo, nomeiam o primeiro dia depois do último dia de maré morta, ou negativa. É quando se dá o primeiro ciclo com um pouco mais de amplitude após uma lua intermediária (crescente ou minguante). Nesse instante, a maré começa a ganhar velocidade, aumentando sua potência em relação à proximidade com a lua grande do ciclo (cheia ou nova). O dia que marca o auge da lua grande, se chama cabeça d'água e, o dia seguinte a esse auge, marca o ocaso dessa maré imensa, caracterizando o início do que se chama de quebra da maré, até que se chegue ao auge da maré negativa, também chamada de mar mortágua, repetindo-se o ciclo ininterruptamente.

produto maior sob gratidões profundas, como por exemplo em relação a uma mulher forte que, sob finos cuidados, sem qualquer pretensão de elogios e/ou engrandecimento, vem de fora da comunidade e oferece seus afetos a cultura da ilha.

Adenildes Vargas Santana Leal, a dulcíssima dona Deni, sem qualquer desejo de louvação, de vaidade pessoal, sob sério direcionamento em pesquisas, fez-se fonte pródiga e atenta ao respeito em ouvir, em aprender, em amor pela cultura e rara sensibilidade.

Desde 2009, dona Deni foi incentivadora e fomentadora incansável, cuidadosa e resiliente, ininterruptamente. Sem hesitações, foi ela quem ofereceu mãos de ajuda, concedendo uma vida de fazeres coletivos, em um imenso coração de partilhas e uma força de búfala, contribuindo com o renascimento das joias culturais de Matarandiba. Adenildes Vargas Santana, mulher soteropolitana que se apaixonou por Matarandiba e, assim como eu, por lá fincou raízes de encantamentos diversos. Sem qualquer dúvida, dona Deni, foi e é uma grande e importante contribuinte nesse processo de renascimento do samba corporificado no Voa Voa Maria, com filtros de ouvinte atenta, sendo agente diretamente envolvida no resgate das mais distantes memórias.

A história do samba Voa Voa Maria, jamais poderia ser contada sem a contribuição fundamental de dona Deni e sem as memórias das muitas mestras do passado, das sambadeiras nativas enlaçadas à cultura. Aliás, a cultura da Ilha segue em mãos competentes de uma nova geração nativa que, por hora, comanda os rumos da ASCOMAT, com rigor, seriedade, extrema competência e o máximo amor à cultura de Matarandiba.

A 11 de abril de 2009, Matarandiba testemunhou, numa tarde gloriosa, embaixo da tamarineira, sob apoio da Fundação Palmares, com visita do Samba de Roda de Mutá, de Cações e do samba de Conceição, o ressurgimento de um coletivo de samba sob protagonismo robusto de mulheres, ressignificado aos novos desafios e demandas. Ressignificando profundas resistências, resiliências, preservações, subjetividades e solidariedade entre mestras diversas.

Estava resgatada, definitivamente, a nobreza do samba de Matarandiba.

O samba de Matarandiba se difere por ser carregado do que é mais essencial às tradições herdadas da diáspora: simplicidade e o apego ao chão. E quanto mais simples é o samba, mais nobre ele se torna, seja nas umbigadas das sambadeiras, seja no rufar dos tocadores, com suas mãos curadas de mar; seja na percepção de várias categorias analíticas

que se apresentam na sutileza do batuque, tais como religiosidade, música, memória, racialidade, identidade ou no cantar das marisqueiras, o samba de Matarandiba é, em suma, diferente e muito diferenciado.

Quando o compositor Roberto Mendes cita o cabila como samba cru ou samba duro de ascendência Bantu, com ausência de viola, sem saber, ele fala do grosso que se tem na beleza no samba corrido do Voa Voa Maria de Matarandiba, não partindo de uma contagem convencional em que o tempo UM é marco inicial (MENDES, 2007).

Entre as muitas culturas africanas que aqui se estabeleceram, sobretudo as de origem bantu, o ZERO é o tempo antes do tempo, assim como o batuque é o samba antes do samba.

Nesse sentido, o Voa Voa Maria subverte o tempo em seus marcos e, como Bará[30], é mãe-pai-filho-filha-avô-avó de tudo o que há na rica cultura da ilha de Matarandiba.

A composição do grupo Voa Voa Maria oscila no tempo e segue uma sazonalidade própria, balizada por aspectos distintos que vão desde afastamentos de membros da cultura por questões religiosas, passando por doenças da idade, por mudança de endereços, por distrações étnico-raciais, por falecimento ou pela própria época do ano. Entretanto, a determinação do coletivo supera qualquer empecilho para que se cumpra seu objetivo fundamental: valorizar e apoiar a cultura de Matarandiba como um todo, tendo o samba como seu arrimo maior e principal.

O Voa Voa Maria é parte significativa no cotidiano do lugar, tanto como patrimônio oral e simbólico de raízes afro-diaspóricas, quanto como maior referência da cultura, como agente essencial nas lutas políticas e nos encaminhamentos de solidariedade e sustentabilidade.

[30] Orixá principal nos cultos do candomblé, sendo o mensageiro entre os mundos dos orixás e mundo físico. É o princípio de todos os movimentos. É Exu, o rei das encruzilhadas, dos destinos, dos caminhos segundo as tradições que cultuam essa tradição religiosa de matriz africana.

1 - Voa Voa Maria, Maria não sabe voar

O presente capítulo propõe-se a dialogar sobre o papel do Voa Voa Maria como ator fundamental no mosaico cultural da ilha de Matarandiba, associado diretamente ao resgate de memórias, a partir do protagonismo feminino, em seus voos simbólicos.

Diante de uma geografia bem peculiar, no entroncamento entre o complexo insular de Vera Cruz e o Recôncavo baiano, o samba de Matarandiba tornou-se instrumento de luta política e forte elemento no trato de disputas diversas e pautas urgentes à realidade do lugar.

Vale como facilitação à leitura, pontuar que citações de trechos de algumas músicas do Voa Voa Maria, virão com recuo à direita do restante do texto, identificados dentro das normas e acordos.



Figura 2: Pés no território sagrado da maré (S/D) Fonte: Acervo ASCOMAT (S/D)

7 portas,
7 portá,
7 janelas,
7 janelá,

7 ama da minha cozinha,
tirei a bisaga botei no cotá[31]

O Voa Voa Maria é o um grupo de samba de roda da ilha de Matarandiba, protagonizado por mulheres em sua vasta sabedoria de maré, de memórias e de vivências, recheado de intenções empoderadoras, de sentidos identitários, de força política, de múltiplos e robustos saberes que fustigam comportamentos distraídos e alienados a se situarem, frente aos inflamados furúnculos do covarde sistema colonial.

Composto atualmente por 65 pessoas, aproximadamente, entre uma minoria de homens e uma base esmagadora de mulheres, o Voa Voa Maria constitui-se fundamentalmente por marisqueiras e pescadores da comunidade de Matarandiba, tendo ressurgido em 2009, na euforia da patrimonialização do samba para dar conta de uma série de lacunas, demandas e saudades.

> Voa Voa tá chegando, tá na hora de sambar, se prepare sambadeiras pras cadeiras balançar, grupo de Matarandiba, que Deus já abençoou, todos já estão sambando, samba Iaiá, samba Ioiô, arrasta a sandália Ioiô, mexe as cadeiras Iaiá[32].

Em Matarandiba, como em outras comunidades de base cultural e econômica advinda das oscilações das marés e dos ciclos lunares nas águas, embatendo com o forte patriarcado colonial, observa-se claramente a presença do feminino no samba como lastro importante de processos educativos, de resgates, de resistência e preservação.

Mesmo estando numa região de muito difícil acesso, com uma geografia peculiar embebida de mangue, mar e mata, em um braço recôndito da Baía de Todos os Santos, Matarandiba viu a celebração que marcou a chegada do Voa Voa Maria como um marco de promoção de intercâmbios entre as muitas e diversas culturas de comunidades tradicionais

[31] Samba de roda do lugar, normalmente entoado como entrada do Voa Voa Maria.
[32] Canção, Voa Voa tá chegando.

pesqueiras próximas, tanto nas bordas de Vera Cruz e Itaparica, quanto nas vizinhas cidades do Recôncavo.

Das trocas possibilitadas por esse salutar processo por via do samba, houve reflexo nas próprias relações familiares. Ao que se observa, a cultura passou a negociar com mais assiduidade, sob chancelas e anuências de tradições locais, fortalecendo às mulheres da ilha, ainda que permaneça uma cansativa e renitente retórica de questionamento a padrões normativos, ciosa em determinar um lugar de subserviência a essas Marias que, quanto mais voam, mais desejam e se permitem voar.

O samba lambuza tudo com seu pegajoso canto de encanto e ameniza as volumosas responsabilidades da casa, dos serviços domésticos, concomitantes a árdua mariscagem cotidiana e ao trato de cambubas, garapaus, xaréus[33], entre outros peixes da região que, historicamente, recaem como "coisa de mulher".

O Voa Voa Maria, refundado sob viés de maior criticidade, questionamentos, reivindicações por igualdade e afins, acaba por provocar as contradições do patriarcado.

É a resistência feminina, agenciada pela força cultural que reafirma o papel de força da mulher num campo de disputa ainda bem sitiado por colonialidades machistas.

Estivessem esses lugares de subserviência aceitos pelas mulheres de Matarandiba, talvez toda essa reconquista cultural recente na ilha, a partir da força da oralidade dessas mestras do samba sobre feitos de outras tantas, sedimentada na sabedoria do povo onde "tudo começa e acaba em samba", jamais pudesse ter ocorrido como despertador ao Voa Voa Maria no tempo.

Reafirmo que o Voa Voa Maria, como samba de Matarandiba, é Exu. É o senhor do tempo que nasceu antes da mãe e, continua a ser o dono de todos os tempos, nos tempos de toda cultura da ilha.

Seja Maria que dança na beira da praia, que roda na chita da saia, num céu azul que desmaia, na luz que o dia não raia, não importa. Seja Maria Mulambo, Maria das 7 encruzilhadas, Maria Padilha ou dona Maria rainha do reino de Aiocá [34]que, como legítimo

[33] Nomes de espécies de peixes característicos da Baía de Todos os Santos e das bordas de mangue no Recôncavo da Bahia.

[34] Princesa de Aiocá era como os negros canoeiros do antigo cais de Salvador chamavam a entidade Iemanjá, a dona do mar, conhecida como a mulher dos 7 nomes.

samba de Matarandiba, o Voa Voa tem por pautas fundamentais urgências de suas Marias das Marés.

Pela diversidade cultural do lugar e pela inesgotabilidade das fontes, esse trabalho pretende contribuir para além do paralelismo analítico na abordagem sobre o papel do Voa Voa Maria na vida cultural e política da ilha de Matarandiba.

Consubstanciando narrativas do povo da maré, resgates das tradições do samba de roda a reboque da memória dos sambas na velha fazenda do Caboto, com as lavadeiras-marisqueiras e com os antigos pescadores de calão[35] de piaçava, curado em tinta de folhas de mangue vermelho, o samba refuta colonialidades impregnadas na comunidade.

Ressignificada numa Matarandiba que acessa por esse samba políticas públicas de incentivos culturais diversos, a cultura passa a se fortalecer pela retomada de uma enraizada memória que, gera renda, melhora a qualidade de vida no lugar e liberta a arte.

Pegando emprestado as palavras do compositor santamarense Roberto Mendes, em suas entrevistas sobre a cultura do samba em Santo Amaro da Purificação, o Voa Voa Maria, além de tudo o mais, se faz lugar singular de encontros nos desencontros, onde a presença de certas ausências, sobretudo, se faz perceber nos cantos em oração pelas celebrações da ilha.

Como cantou Roque Ferreira, em seu álbum Tem Samba no Mar (2004) que muito bem pode ser o mar de Matarandiba, onde o Voa Voa Maria senta praça:

(...)
Sou eu
com o meu samburá cheio de estrelas,
a mão de afagar pra lhe benzer, os
olhos de Oyá pra lhe seguir, livrar do
mal, quando a luz faz um traço o
escuro é um laço que logo desata a
vaidade é um corte[36].

[35] Tipo de rede de grandes dimensões, no passado feita de piaçava que, constitui-se parte no vasto arsenal de pescaria artesanal entre os povos tradicionais das marés de Todos os Santos, como um enorme saco, puxado em direção a areia, em suas duas extremidades, por vários homens.
[36] Música *Menino do Samburá*, de Roque Ferreira.

Do barravento do samba ao barravento que beija o pano da canoa, a mariscagem ecoa na coroa de espécies, com nomes regionais decorados pela graça retórica do povo, como o carangondé, o rala coco[37], o aratu, a lambreta, o sururu, o chumbinho e a ostra.

Dos sambas corridos no barco perdido que aguça os sentidos tecidos no mar, Voa Voa que dá na canoa, num vento de proa, Maria a voar. E voa onde o samba ecoa, revelando uma Matarandiba carente de políticas públicas diversas, embebida de mar.

É o Voa Voa Maria, samba de plurais possibilidades socioeconômicas nas águas, como nos dias de fartas pescarias de sororocas, pescadas, corvinas, arraias, casacas, aramaçás, aracanguiras, prejerebas, xaréus, bijupirás, piranjicas, piraúnas, sambulhos, vermelhos, entre tantos outros frutos do mar de Janaína.



Figura 3: O fruto sagrado do mar. Fonte: Acervo ASCOMAT - (S/D).

Samba das águas que enchem e esvaziam as campânulas do alacolô[38] do tempo na ilha de Matarandiba, samba farto de memórias distantes em caros personagens da

[37] Como se nomeia regionalmente alguns mariscos da maré de Matarandiba. O carangondé, por exemplo, é uma espécie de caranguejo de pequeno porte que, segundo a sabedoria de marisqueiras e pescadores, assume a concha de um molusco conhecido como pegoarí, matando-o para assumir seu abrigo. Já o rala-coco é um marisco encontrado nas coroas de areia e nos manguezais, com uma carcaça de extrema aspereza, feito um ralador. Assim como o aratu, o sururu, o chumbinho e a ostra, essas espécies formam a grande riqueza de mariscos que, fortalecem a economia de Matarandiba e alimentam gerações, há muitos anos.

[38] Instrumento de chapa de ferro em forma de duas campânulas, unidas por uma corrente.

localidade, como a querida dona Angelina Santiago, como as saudosas tias Dina, Zilda Gonçalves, Zildete Freitas, Xandú, América entre muitas outras.

Mariscar e sambar sempre foram atividades redentoras na realidade cultural e econômica de Matarandiba, assim como pescar e tocar o samba. Nas normas patriarcais, quem marisca, via de regra, com raríssimas exceções, são as mulheres. Assim é por todo o Recôncavo. Mulher samba, não toca, exceto no prato. Homem brinca de mariscar em seus raros momentos na faina da pesca. Porém, se sente autorizado a não admitir a força múltipla das mulheres, como a da nativa dona Lígia, filha do falecido pescador Mussinho que, como filha de Matarandiba, governa pela fímbria do mar.

Aos incautos machistas, mariscagem é coisa de gente forte, como forte é o samba Voa Voa Maria.

Poderosas são essas mulheres que correm os manguezais e as coroas em maré de vazante, parecendo umas filhas da Orixá Nanã, por vezes ancoradas em seus Ibiris[39] particulares de urgências familiares e específicas.

Na dinâmica funcional de Matarandiba, pescadores não se responsabilizam tanto quanto as marisqueiras na preservação da memória cultural da comunidade, sendo inúmeras as festas bancadas por essas mulheres, tais como nos antigos ternos de reis da ilha, como no Terno de Reis Sou do Amor, no Terno da Primavera, no atual Terno das Flores, assim como no samba, nas festas de São Gonçalo e no ousado Cozinhado das mulheres.

O batuque que vive em Matarandiba, vindo quiçá da Costa da Mina ou das noites sem fim de Luanda, como samba duro e nobre, ajudou a construir tecidos e outros parâmetros subjetivos, com pontes diversas de liberdade, em elos sólidos de fraternidade e uma força descomunal que o negreiro não ceifou.

O samba do Voa Voa Maria é fonte inesgotável de poesias, onde o mar é testemunho de utopias de águas verdes no embate constante das distopias, da fome, da sede, na música que ronda a rede e preenche Matarandiba em suas identidades.

Olha a cama de lama do mangue
Olha a lua de sangue

[39] Acessório sagrado que faz parte da indumentária da Orixá Nanã.

Na dama em carmim.
Hoje o samba não tem Voa Voa
Nem vento de proa
Nem noite, nem fim.
Olha a capa de palha na areia
Candeia alumeia morada de Oyá.
Onde moram estrelas e a lua
E o samba flutua no mar.
Olha a noite, olha a saia, olha o açoite
Olha o samba de roda nas rondas do mar
Olha a brisa que alisa a canoa
Que atiça a menina Maria a Voar.
Olha o céu, a canoa e a vida
Olha a rede servida ao mar
Olha o peixe que vela de banda
Olha o canto do samba a ecoar[40].

O samba do povo do mar, outrora anatematizado e por tempo apagado pelo racismo colonial, foi ressuscitado pelas mãos, memórias, requebros e miudinhos de muitas destas e daquelas mulheres postadas em maré baixa, curvadas em barras de extrema carência pela sua sobrevivência e de seus dependentes. Com seus surrados cavadores de metais castigados pelo tempo de catação nas areias, em seus precários ajuntadores de mariscos e suas antigas cuias, as marisqueiras de Matarandiba se dão ao Voa Voa Maria até mesmo na maré, como indispensável instrumento cantado de alívio a labuta cotidiana.

Em suas *rodilhas*[41] *e panacuns*[42] *de cabeça,* catando seus mariscos, criando sua gente, retiram energia da alma, entoando sambas da tradição oral do lugar, produzindo outras perspectivas civilizatórias, reafirmando laços familiares de tempos remotos, no que observou Renata Machado (2019) em sua tese de doutoramento, nomeando essas relações afetivas como as antigas *comadres das marés.*[43]

Samba de Matarandiba, o Voa Voa Maria é Memória, é História e Identidade na Baía de Todos os Santos, sem a menor pretensão de conduzir a anacronismos, como bem

[40] Trecho de *Noites sem fim*, poesia de Walmir Pimentel Baptista, 2013.
[41] Torço de pano que se coloca sobre a cabeça para transportar cargas, também conhecido como rodouça ou rodoiça.
[42] Cesto grande com três lados, todo trançado de palhas, bambu ou cipó, utilizado por indígenas para levar cargas.
[43] Vínculo afetivo para toda a vida, entre duas marisqueiras mais chegadas nas fainas pela maré. As comadres da maré são amigas de sólidos afetos que partilham e acumulam segredos, dores e alegrias, não necessariamente tendo batizado algum filho ou filha uma da outra.

afirma esta pesquisa, navegando por mares da história/historiografia das manifestações culturais no Recôncavo sul da Bahia e da contra costa da ilha de Itaparica.

O samba do Voa Voa Maria é motor possante, lança pungente e principal sustentáculo de toda cultura de Matarandiba, atraindo políticas públicas e privadas, capitaneado pela associação cultural da ilha, protagonizado sob viés matrilinear.

Por mais que o racismo e o patriarcado se reinventem e se sofistiquem enquanto tecnologias malditas de opressão e desumanização na cultura popular, o povo do mar de Matarandiba faz-se um clássico, onde tudo acaba em samba.

A pesquisa toma esse samba da ilha, enquanto forte patrimônio cultural produzido por afrodescendentes, destacadamente por mãos femininas, investigando seu papel articulador central da rica teia ancestral do lugar e da agenda política disputada pela comunidade.

Minhas investigações na comunidade têm indicado gradativamente que o Voa Voa Maria reconstruiu-se como grande vetor de construção/execução de políticas públicas e privadas, muito atento às necessidades do lugar, confrontando pela arte, algumas necrosadas feridas colonialistas, além de cobrar pela legitimidade, incontáveis dívidas de reconhecimento dos privilégios que sustentam, entre outros atravessamentos, o patriarcado enraizado na ilha.

Em meio às naturais guinadas da pesquisa, sobretudo após as transcrições de algumas entrevistas com algumas sambadeiras mais antigas, venho consolidando percepções que tem possibilitado agarrar-me, ainda mais, à hipótese de que a Ilha de Matarandiba, possuidora de uma rica cultura de raízes africanas, ancorada num tenaz protagonismo feminino, desde os tempos mais remotos, nos quintais, nos batuques no Caboto e nas lavagens das fontes, ressignificou o samba do Voa Voa Maria como arrimo do seu rico acervo.

1.1 - Catarina levanta o boi, doriê, doriá!

Aproximo-me com meu amigo Lelisvaldo da casa de seu Miguel Arraieiro (Miguel Nepomuceno Lima - MNL), pescador e filho da sambadeira Catarina Santana e do velho Emídio Nepomuceno, em busca de acesso às memórias desse experimentado homem do mar, nascido e criado em Matarandiba. O mês era janeiro de 2021, numa daquelas noites

frescas de vento nordeste que varre o chão do Recôncavo e acaricia as águas do Paraguaçu, ofertando como sopro divino, um intenso cheiro de mar para boa resenha.

Chego na janela e cumprimento:

WPB: Noite, dona Niní (Vanildes Matilde Barbuda Lima- VMBL)!

Do sofá, a doce senhora responde:

VMBL: Noite, Walmir! E como vai a família, Walmir? E a esposa? E a menina?

WPB: Tudo bem, graças a Deus! E vocês aqui na ilha, como vão?

VMBL: Aqui na ilha tá tudo bem, meu filho. Miguel é que andou ruim de saúde e teve que viajar pra Salvador um dia desses. Ficou em Pituaçu uns dias pra ir ao médico. Mas, já melhorou, graças a Deus.

Acanhado, pergunto baixinho:

WPB: Dona Nini, e a senhora tem geladinho[44]?

Ela sorriu e, respondeu num orgulho contido:

VMBL: Ele não esquece o geladinho de Matarandiba. Tem sim. Você quer de que? Olhe: tem de graviola, de cupuaçu, de amendoim, de coco. O de Tamarindo não tem não, porque Miguel não tava bem e não foi em São Joaquim.

Agradeci, observei os movimentos e fui chupando um geladinho de graviola pela ladeira, até chegar em minha casa, lá no Alto do Cruzeiro. Antes, ansiei o tempo todo que seu Miguel chegasse repentinamente. Ele não apareceu!

Dona Nini, filha do velho caçador Hermógenes, companheira de longa vida de seu Miguel, dava-me a deixa que eu desejava: saber se seu Miguel estava em casa naquele dia, naquela hora. Voltei e, ainda meio sem jeito, perguntei:

WPB: Dona Nini, e depois disso tudo de viajar para Salvador, seu Miguel tá na ilha?

VMBL: Tá sim, meu filho. Nesse instante mesmo ele tava aqui mexendo em gaiola de passarinho. Deve tá de resenha lá embaixo, no Portinho.

Subi. Fui para casa com a intenção de retornar no dia seguinte, porque as horas avançavam ao encanto do canto do galo que, conforme contam os antigos e antigas, a tudo desfaz de quebrantos e magias. Havia resolvido não o procurar no portinho, para não empatar a prosa entre aqueles de pescadores de longa data. Seu Miguel é uma memória viva das coisas de sua mãe, a saudosa dona Catarina do Prato.

[44] Tipo de picolé dentro de um saco plástico de pequenas dimensões.

Como uma das matriarcas, compositoras, instrumentistas e guardiãs da tradição do samba de Matarandiba, há bastante tempo encantada no Orum, dona Catarina do Prato está para a memória do samba de Matarandiba, como Clarindo dos Santos[45] está para a história da viola machete no Recôncavo.

Retornei no dia seguinte, embaixo de uma chuvinha fina que muito lembrava um dia de inverno, com um ventinho suleiro[46] de friagem, em nada a lembrar a fresca brisa de nordeste da noite anterior.

Chamei cuidadoso:

WPB: Seu Miguel…

O nobre senhor me respondeu, com sua voz grave:

MNL: *Carioca… se chegue, homi!!!! Tá sumido. Niní disse que você veio aqui ontem e perguntou por mim. Tava distraindo, jogando dominó.*

Disse a ele:

WPB: Dona Nini achou que o senhor estivesse lá no Portinho e, eu fiquei sem graça de empatar sua prosa.

Ele reiterou:

MNL: Não! Tava no dominó! É um passatempo gostoso, disse ele rindo.

Iniciamos uma prosa qualquer e, entre causos de pesca de arraias e outras aventuras na maré, puxei o assunto sobre o samba da ilha.

Embutido em assertivas falas de casos antigos desse exímio pescador de raias manteiga e graúdos pintados[47], vinha tão profunda sabedoria, hibridizada a uma dose de comovente nostalgia. Impressionaram-me os ricos detalhes que me possibilitavam, ainda mais, compreender Matarandiba como lugar de um samba atemporal, presente, pleno de sambas passados, latentes e ligados por um mar de lembranças fundamentais e imperiosas.

---

[45] Seu Clarindo dos Santos foi um importante luthier popular, especialista em produzir violas machetes e outros tipos de viola. Vendia suas violas num box do mercado de Santo Amaro, sendo uma referência quando se fala na produção desse instrumento.

[46] Como é chamado o vento vindo da direção sul pelos pescadores da Baía de Todos os Santos. Normalmente é o vento que leva as frentes frias mais fortes que sobem do sul e do sudeste do país até o litoral baiano, trazendo o que se convencionou chamar popularmente de "frieza".

[47] Raia manteiga é uma espécie de raia também conhecida como raia borboleta, da família Gymnuridae, nativa do oceano Atlântico, bastante apreciada na culinária baiana. Já o pintado é outro tipo de raia, caracterizado pelas pintas em sua pele, com o nome científico Aetobatus narinari. É conhecida também como arraia-chita, papagaio, entre outros nomes

Entretanto, antes de continuar sobre as pistas que vinham em profusão das memórias agudas de seu Miguel, dos saberes e fazeres de sua mãe Catarina do Prato, me permitam uma digressão para poder contextualizar territorialmente a Geografia da ilha de Matarandiba, até para melhor situar o leitor e a leitora sobre esse braço de mar que se confunde nas águas do rio Jaguaripe com o mar de Todos os Santos.

Ao que muito há de possibilidades, imagino que Matarandiba tenha sido uma das marés que testemunharam o cabila bantu, entrando por embarcações via Cacha Pregos e pela praia do Garcez, tendo flagrado, possivelmente, inevitáveis trocas com elementos da cultura Tupinambá.

Esse samba que banha Matarandiba, possivelmente, é filho das umbigadas do semba de Congo - Angola, das tradições de orgias pelos terreiros das cubatas[48] nas bordas recônditas de Luanda. É broto dos Mampombos,[49] como observa o compositor e pesquisador Roque Ferreira.

Antes de retornar a cavaqueira[50] com seu Miguel, é salutar saber que Matarandiba é uma ilha distante, localizada no entroncamento entre a ilha de Vera Cruz e o continente, possuindo área média de 11,7 Km2. Logo, Matarandiba é uma unidade insular entre outras 56 ilhas constituintes da gigantesca Baía de Todos os Santos.

Matarandiba é uma entre as mais de 240 comunidades de pesca artesanal e comunidades tradicionais de mariscagem, figurando como o mais extremo distrito de Vera Cruz. Seus limites ficam aos beijos territoriais com o Recôncavo Sul, pelos braços da Ponte João das Botas, popularmente conhecida como ponte do Funil, em direção aos povoados da Banca, de Onha, do Apaga Fogo, dos municípios de Muniz Ferreira, Jaguaripe, Nazaré das Farinhas e Santo Antônio de Jesus.

---

[48] Habitação comum em certas aldeias africanas, de formato arredondado, feita de folhas secas em camadas e estruturadas com argila e bambus.

[49] Ritmo musical característico em certas regiões africanas, como Moçambique e em outras localidades que abrigam grupos bantos.

[50] Mesmo que conversa ou prosa.



Figura 4: A Vila de Matarandiba. Fonte: Acervo pessoal (27/07/2021)

Distando da sede municipal, Mar Grande (Vera Cruz), algo em torno de 34 km, Matarandiba fica ainda a cerca de 38 km do terminal marítimo de Bom Despacho, em Itaparica.

Atualmente, há algumas possibilidades mais seguras de acessar Matarandiba, sendo pelo terminal de lanchas de Mar Grande ao Comércio, pegando um coletivo próximo ao terminal, que te leva até a comunidade. Pelo sistema Ferry Boat, da estação São Joaquim (antiga Água de Meninos) até Bom Despacho (Itaparica), com o mesmo coletivo que serve em Mar Grande.

No passado, os povoados desta região da Bahia dependiam do transporte de Saveiros vindos de Barra Grande, das embarcações de madeira saídas de Mar Grande ou das embarcações da Companhia Baiana de Navegação, como Velho João das Botas, o Visconde de Cairu, o Anunciação, entre outros.

Atualmente, vindo Salvador, é possível também acessar Matarandiba pelo Recôncavo, via BR 324, BR 101 e BA 01 ou por vias secundárias, por São Roque do Paraguaçu, Salinas e Saubara.



Mapa 1: Comunidades de Vera Cruz e Itaparica
Fonte:http://www.bahia.ws/baia-de-todos-os-santos/ilha-de-itaparica/3360-ilha-deitaparica.html. Acesso em 9 de novembro de 2022.

Ou seja, o acesso não é tão tranquilo, demanda muita paciência e atenção aos horários dos ônibus, além de muita perseverança e fé de que a estradinha de chão, com seus longos 8 km, esteja mais ou menos em condições de trafegar.

Lugar de muitas canoas, muitas coroas de areia alva, por onde passavam os navios da legendária Companhia Baiana de Navegação, os centenários barcos à vapor, os antigos "navios de roda", o velho navio João das Botas, a importante embarcação Visconde de Cairu, os saveiros de velas de içar, entre outras embarcações, Matarandiba assistiu e contribuiu com fluxos intensos levando palhas, homens, mulheres, contas, caxixis, frutas, verduras, artesanatos de todo tipo, alimentando Salvador de vida, nutrindo o Brasil de esperanças.

E, falando em esperanças, retorno a resenha com seu Miguel. Papo vai, papo vem e, em meio a tantas informações, um convite me surpreendeu:

MNL: Você quer sair amanhã numa pescaria de baiacu?

WPB: Opa!!!! Claro que sim, seu Miguel. Não vou atrapalhar?

MNL: Deixe de coisa, minino. Vamos eu, Carlinho e, agora você.

Ávido por mais informações a respeito de sua mãe, dona Catarina do Prato e sua ligação com o samba, topei sair nessa pescaria noturna do dia seguinte, atrás dos baiacus. Chegado o dia, saímos no remo do portinho em sua canoa antiga e seguimos por trás de uma localidade chamada de Rato.



Figura 5: A canoa e o silêncio do mar. Fonte: Acervo pessoal – (2012).

Íamos fachear de chuncho[51], nome regional de uma modalidade de pesca artesanal que, em tempos remotos, se fazia com iluminação da lua cheia nas águas claras, por fachos de folhas de coqueiro, pelos velhos fifós com velas ou querosene.

Jamais vou esquecer dessa saída ao mar.

Era noite de suave vento nordeste no mar e, não tinha mais o frio anterior com chuva. Havia uma lua grande no céu iluminando a canoa centenária. Íamos nós no remo: eu,

[51] Modalidade de pescaria antiga, em que o pescador se utilizava de um facho produzido por uma folha de coqueiro com fogo para iluminar a maré e localizar os peixes. Atualmente, usa-se uma lanterna à bateria, enquanto um outro pescador, dotado de um vergalhão pontiagudo em sua extremidade, crava no peixe num golpe certeiro.

seu Miguel Arraieiro e Carlinhos, irmão de Mirinho dos Galos[52] (nativo da ilha e exímio pandeirista do Voa Voa Maria). Carlinhos, filho de Matarandiba, hoje reside em Belo Horizonte e estava passando férias em sua terra natal.

Durante todo o percurso fui perguntando sobre o samba de Matarandiba e as histórias foram pulando feito peixe corimã em maré de vazante. As lembranças vinham daquele homem na mesma proporção em que a água golpeava a madeira dura do remo em seu cedro rosa.

Memórias iam sendo externadas e se acumulando em mim, sucedendo-se uma após outra e, até que, de repente, seu Miguel diz:

MNL: Pronto! É aqui que a gente prende a vara da canoa. Pegue a vara e finque, Carlinhos! Deixe de moleza!!! Nem parece que nasceu em Matarandiba.

Chegávamos ao ponto exato, onde a sabedoria acumulada em vivências extremas por aquele homem, levava aos baiacus. Percebi ali o quanto seria complexo, embora prazeroso e extenuante, esse processo de buscas por oralidades diretas *in loco*.

Num sobe e desce de canoas, em pescarias de duras marés, tapando camboas[53], ressando[55], puxando o famoso e enorme calão do falecido pescador Orisvaldo, minha pesquisa foi se corporificando e ganhando mares epistêmicos.

Antes dessa experiência com seu Miguel, foram várias noites na maré com Lelisvaldo Amado, meu amigo pescador conhecido como Bad de Aidil. Bad é um ex-tocador de pandeiro da ilha, ativo mestre nas vivências e contendas na maré, neste ponto do mar da Baía de Todos os Santos.

Etapas necessárias que deram a minha pesquisa sentidos e significados, num mar largo de luas que vagam por um infinito de batuques, muitos ligados a dança angola da *Quizomba nupcial*[54], entre outros sons e danças vindas do candomblé de Jeje-Angola, como

---

[52] Mirinho é o apelido carinhoso do senhor Almir Correa da Silva, um conhecido pescador de Matarandiba, cujo hobby é criar galos de briga. Mirinho é exímio pandeirista do Voa Voa Maria e participa ativamente da cultura da ilha.

[53] Modalidade de pesca artesanal que consiste em cercar o mangue durante o ponto mais alto da maré, com uma rede de malha fina para que, ao descer da maré, os peixes fiquem presos [55] A ressa, talvez seja a mais utilizada modalidade de pesca de Matarandiba, caracterizada por uma enorme rede lançada ao mar, no sentido da correnteza, presa no barco em uma de suas extremidades.

[54] Dança entre os noivos que celebra o casamento em algumas aldeias no interior de Angola, caracterizado por movimentos sensuais e lentos.

os Batucagés, os Alujás, os Jeguedês, os Jarês, os Mampombos de Moçambique, as Cafuinhas de Luanda, as Cuissambas guerreiras ou as Uiangas, dançadas antes da caça, vindos da Costa do ouro, na observação atenta do mestre Roque Ferreira, em sua obra Terreiros de SambaChula (2015).

O samba de roda celebrado pelo Voa Voa Maria, conforme relata seu Miguel e, eu tento ir decodificando, no seu jeito redondo de narrar, é fruto genuíno desses encontros, dessas trocas, dessa engenharia misteriosa que não sucumbiu ao tempo e, sequer feneceu à sombra fria dos porões dos negreiros que singraram o grande mar tenebroso.

Seu Miguel olha pra mim, com olhar banhado de saudades e repete frases recentes:

MNL: Olha minino, essa minha mãe, dona Catarina, era uma das maiores tocadoras de prato daqui desse samba de Matarandiba. Vinha meio mundo de gente aqui, só pra ver o samba desses velhos ali no Caboto. Era uma coisa linda!!!! Era cada saveiro... Vinha Saveiro de todo tipo. Era uma alegria da zorra. Não tinha brincadeira igual em outra ilha, não.

Ele acrescenta:

MNL: Naquele tempo era gostosa a brincadeira, né não Carlinho? E veja, era tudo sem luz. Era na boca de luz da candeia, do aladdin. Eles não deixavam as crianças participar não. Eu era um minino traquina como quê… As memórias continuam a jorrar!

MNL: Eu lembro da campanha de Júlio de seu Paulo. Era um pote de barro que mandou fazer lá em Maragogipinho, com couro de jibóia. Quando esse homi chamava no couro dessa bicha, minino(...), a nega chegava gemer. Era o que chamava quem tava longe, por aí nesses cantos de mar e mangue afora. Era um som retado!!! Uma zuada da zorra que o povo ouvia lá no Mutá, lá em Cações. Vinha gente de Pirajuía, de Encarnação e dessas marés todas. Esses homens afinavam esse pote com umas cunhas de pau aí do mato e enrolava no cipó, em volta do couro (…)

Histórias do samba de Matarandiba que ele ouviu um dia, entre muitas outras que ele testemunhou em um tempo que não se pode precisar quando.

Substancial arquivo vivo, como legado cultural africano pelo samba do lugar, seu Miguel narrou histórias produzidas, colhidas ou ressignificadas por essa importante nuance. Pérolas harmoniosas e diversas de um antigo pescador, numa noite clara de maré calma e lua prenha de estrelas.

A pesca de baiacus nas coroas de areia branca reavivava cada vez mais a memória daquele *griot* sobre o samba dos(as) antepassados(das). Aliás, na beira de cada cais das aldeias no fundo da Baía de Todos os Santos, sempre haverá um xodó de mar, um amor de águas claras, marisqueiras e pescadores para contar histórias, como ninguém saberá fazer igual.

Em Matarandiba, são essas enciclopédias ambulantes, flutuantes, andarilhas dos manguezais, os museus vivos da comunidade, num autêntico processo de transmissão oral da rica cultura ali sedimentada em bases afro-brasileiras.

Seu Miguel, filho de uma protagonista do samba, marisqueira e sambadeira, com certeza indeclinável, me traz lembranças com muitos elos a dar sentidos correntes às minhas percepções. Associando a outros depoimentos, notei que dona Catarina foi uma das vigas mestras que, entre outras tantas, ajudaram a construir todo aquele arcabouço político, rítmico e estético, assimilado na contemporaneidade pelo samba Voa Voa Maria.

Aquilo que a memória de seu Miguel arraieiro nomeava como brincadeira de samba era, à luz das verdades do povo do mar, desde o início, caminhos estratégicos de emancipações políticas e solidárias, ainda que sob sutil mimetismo cultural.

Nesse aspecto, julgo de fundamental importância conectar essa pseudo genuinidade do samba de Matarandiba, ressignificada pelo Voa Voa Maria, a partir de informações a respeito desses e dessas personagens antigos(as) do lugar, tais como Dona Catarina, Dona Isídia, dona Sincinha, dona América, dona Alzira do Prato, entre outras sambadeiras e tocadores guardados na memória ativa do velho Miguel.

Ao fim daquela pesca, com o samburá de palha abraçando alguns parcos miúdos baiacus, agradeci a seu Miguel por me levar em sua canoa de lembranças preciosas, pela paciência em me contar de raízes e personagens tão profundas em relevância para a cultura de Matarandiba. Com ou sem peixe, pela riqueza do instante vivido e compreendido nas palavras das memórias, dos fazeres e pensares, o *quião*[55] já estava mais do que pago.

1.2 - Voa Voa Maria, orgulho e empoderamento

[55] Nome usado nas aldeias pesqueiras para se referir a quinhão. Ou seja, a parte que cabe a cada pescador na divisão do produto da pescaria.



Figura 6: O samba do mar. Fonte: Acervo ASCOMAT. (S/D)

Horas a fio adentrando os lares de marisqueiras e pescadores, guardiães de remotas lembranças em tempos distantes do samba da ilha que, vão dando a pesquisa inconfundível perfume de moqueca fresca, com coco e coentro saltando às janelas e portas. Cheiro de escabeche de peixe de fundo, de licor de jenipapo, de terra úmida, de azeite de seu Zequinha[56].

O mês de julho de 2022 chegou com a necessidade intransferível de trabalhar na pesquisa, numa agonia que se misturava à frustração da permanente chuva. Viajei 1650 km de ônibus, num desconfortável e perigoso caminho entre o Rio de Janeiro e Vera Cruz, com chuva na maior parte do percurso.

Dias longos de vento frio de sul, de chuva renitente em tempo de inverno, além de uma internet intermitente, claudicante, onde a base fica, via barco, há mais de 30 km de distância. Sem qualquer constrangimento de fala, confesso que houve dias em que a pesquisa ficava de lado ou, necessariamente, aquecia-se na ardência de uma pinga Nega Boa, de um alambique em Nazaré das Farinhas, puríssima.

Lá na alva casinha de Iemanjá, resguardada pelo silêncio sagrado do Alto do Cruzeiro, os dias de chuva corriam num outro tempo. Eram dias que não tinha jeito.

[56] Seu Zequinha é um afamado coletor e produtor de azeite de dendê de pilão, num rancho localizado dentro da Mata Atlântica, nas proximidades de Matarandiba.

Nada andava. Mais chovia, mais água rolava, mais água se comia!

No dia seguinte, ainda com muita chuva provocada por uma insana *La Nina* sobre o Pacífico neste inusitado ano de 2022, estava eu ávido por mais acessos e por recuperar o tempo das águas diversas. Corri em mais uma incursão à Associação Cultural de Matarandiba, depois de incontáveis contatos telefônicos e mensagens eletrônicas do Rio de Janeiro.

Meninas mulheres, mestras novatas, sambadeiras de berço, gestoras cuidadosas com o bem maior da ilha, sua cultura multicentenária. Vozes que botaram no samba da nossa pesquisa, com falas e sentires poderosos de mulheres da linha de frente organizacional, como a doce presidente Geane, herdeira fiel da perspicácia de dona Adenildes Santana, com seus filtros e outras demandas nativas. Outras como Denise, Magali, Taís, Maura, entre outras mais. Nascido há muitos anos do batuque, o samba da ilha continua firme pelas mãos que não se soltam dessas guardiãs determinadas e ligadas ao chão pelo fio das histórias que bordam identidades do lugar.

O samba de Matarandiba como ente amalgamador de potências acumuladas no Voa Voa Maria, ao mesmo tempo que instiga a imaginação, mais intriga nos caminhos percorridos. Os sentidos e signos de protagonização robusta, codificados nas simples saias de chita que rodam sem parar nas marés de minhas trepidantes aflições, se tornam combustível imprescindível para a presente dissertação.

Nas asas do Voa Voa Maria, ainda hoje, o samba se abastece, se revitaliza, da grandeza e da vivência de antigas sambadeiras marisqueiras e lavadeiras, como Taninha, como dona Marica, como Dona Gela do prato, como dona Mercedes, como dona Didi, dona Angelina, entre muitas outras.



Figura 7: A força da mulher de Matarandiba - Dona Mercedes. Fonte: Acervo ASCOMAT. (S/D)

Eis o samba Voa Voa Maria, carregado das tradições centenárias do lugar, das simpatias de curar mal de amor, doenças do corpo e, pleno de lendas vivas no imaginário do povo do mar, feito de águas que vêm e vão, como sonho das Marias a resgatar quem longe está espacialmente ou, quem perto está espiritualmente, idos ou idas com cabeças de cachorro[57].

À direita da barra do Paraguaçú, nas cálidas e alvas águas de um Recôncavo recuado, o Voa Voa Maria resguarda Matarandiba em seus arcos de sabedorias de mangue, em profundos saberes e fazeres diversos.

O samba de roda do Voa Voa Maria se faz presente, em ritmo acelerado, na celebração do réveillon, através da tradição do Aruê que, ao que tudo indica, seja uma manifestação assimilada nas tradições indígenas tupinambás, caracterizada por uma padiola que corre a ilha, simbolicamente catando as dores e os males do ano velho, a saudar os mistérios do ano novo, mandando esse ano velho embora na maré.

[57] Termo utilizado na comunidade de Matarandiba sempre que morre alguém, ou se conta sobre o falecimento desse alguém. Acredita-se que, ao se referir ao morto, dizendo que "o cachorro morreu também", faz com que a morte não leve mais ninguém da localidade por aqueles dias e, parta para outros lugares para carregar outras pessoas consigo. Na etnografia da pesquisadora Renata Freitas, A Morte e as Folhas Vermelhas do Mangue (2019), esse tema é bastante trabalhado.

Samba Voa Voa Maria que viu dona Lélia Gomes de Souza, a lendária mãe Célia, a líder espiritual da comunidade, preparar sua ida ao Orum dentro dos preceitos sagrados de sua fé e da cultura do lugar.

Voa Voa Maria que perdeu recentemente um excelente instrumentista e grande ser humano, dizendo adeus a seu Messias, um importante tocador do grupo, em seus últimos momentos afastado por razões pessoais. Filho de Maragogipe que, como eu, foi adotado por Matarandiba, seu Messias foi um membro ativo na cultura local e alguém que deixou na memória do samba Voa Voa Maria sua marca.

O protagonismo das mulheres no samba de roda de Matarandiba robustece a fé no povo que veio do lado de lá do Atlântico, nos *banhos de folha de algodão*[58] na hora dos difíceis partos de antigamente, pelas divinas parteiras, nos sambas de dar à luz.

Samba que cura a alma na calma da maré, aliviando a dura lida nos difruços[61] cuidados com *mingau de cachorro*[59] e chá de *canela de velho.*[60] Samba de sabedorias múltiplas silenciadas e negligenciadas pelas violentas e pretensas epistemes eurocêntricas.

Muito possivelmente o batuque tenha desembarcado por essas bandas, com os primeiros Angolanos, trazidos pelo arrendatário da colônia Jorge Lopes Bixorda, por volta de 1538, (FERREIRA, p.13), talvez inaugurando por aqui, processos de simultâneas assimilações nas variações rítmicas da cultura bantu.

Ponho-me a pensar que, pela própria configuração geográfica da baía de Todos os Santos, com suas duas entradas de barras, talvez não fosse nenhum delírio ou despautério histórico imaginar penetrações paralelas ou, em tempos distintos, de escravizados africanos pela barra principal e pela barra que joga águas do oceano nas atuais Cacha-Pregos, na antiga vila de Santo Amaro do Catu (Jiribatuba).

Considerando-se que, numa análise comparativa inter-regional, a história dos ritmos bantus, que chegam no litoral sul do Rio de Janeiro, inclusive compondo alguns

[58] O banho de folha de algodão era usado para aumentar a dilatação da parturiente, segundo as tradições das parteiras de Matarandiba.

[59] Preparo feito pelo povo mais antigo para quem está com resfriado forte, onde se mistura água, doce de goiaba e farinha de mandioca.

[60] Planta comum na Mata Atlântica, com nome científico de miconia albicans, usada como infusão para quem tem artrite.

[61] Nome regional para fortes resfriados.

quilombos na região de Angra e Paraty, dá-se em razão de sobreviventes de naufrágios com tumbeiros, porque não considerar também na Bahia, sobretudo em seu vasto litoral, o papel ameaçador da grande formação coralígena que bordeja o mar do Espírito Santo até a altura do Rio Grande do Norte?

Até que ponto não valeria pensar no cabila banto chegando também pelos agrupamentos de seres humanos que se fixaram na contracosta de Itaparica e nos baixios do Recôncavo, em contato direto com os Tupinambás, por acidentes marítimos com tumbeiros na costa dos arrecifes, ali na entrada da grande barra, pelo "vento de agosto"? Enfim, deixarei isso para um artigo ou algum outro trabalho acadêmico possível.

O samba de Matarandiba, ao que se impõe nas reflexões dos mais experientes, é fruto do batuque banto que adentra pela barra principal e pela barra falsa de Jiribatuba e Cacha Pregos.

A chegada dos bantus Congo-Angola, tendo o semba[61] e o cabila[62] como ritmos proeminentes, se deu por aproximadamente, 300 anos antes da chegada da viola machete com os sudaneses. (MENDES, TV Olhos D'água, 11 de julho de 2017).

É possível compreender a dinâmica e a preservação do samba de roda naquela localidade mais reclusa de Matarandiba, por mãos femininas cuidadosas e responsáveis, sem o contato com a viola machete vinda com os portugueses, ou de Cabo Verde, ou de Braga, segundo Mendes.

Como dizem os antigos, o samba de Matarandiba não tem viola e nunca teve.

É no couro.

[61] Semba deriva-se do kimbundo e equivale a uma dança de umbigada, originária de Angola.

[62] Também conhecido como cabula, é um ritmo executado nos terreiros de nação Angola, tendo sido a célula mãe do samba e de outros gêneros ligados ao batuque.



Figura 8: Tocadores do Voa Voa Maria. Fonte: Acervo ASCOMAT. (S/D). Da esquerda para a direita, estão os pescadores batuqueiros, seu Fernando, seu Adilson, Mirinho do pandeiro, Gilson, Edilson, o falecido seu Messias e Diego.

A história mostra que, a vinda da viola machete, da viola de ¾ ou, do chamado machinho, como é conhecido o violão no samba cururu[63] do interior de São Paulo, tem relação direta com a chegada dos iorubanos da Costa da Mina, mais precisamente das regiões do Togo, da Nigéria e do Daomé.

Isso ocorre, em muito, possibilitado pelo fechamento da Baía do Daomé por navios da escolta inglesa no século XIX, pelo surto de bexiga que golpeou Angola nesse período, produzindo alterações significativas das rotas negreiras daí advindas, sobretudo entre a costa do ouro e a costa da Mina, numa região de maior aceitação do fumo de rolo de soca baiano, entre os mercadores sudaneses.

Segundo Pierre Verger (1966, p.19-20), o fumo baiano em soca, era embebido em melaço de cana objetivando hidratar e preservar as folhas por mais tempo, o que produzia um perfume bastante apreciado entre comerciantes de *peças do Daomé e da Nigéria*[64].

[63] Modalidade de samba caipira do interior de São Paulo.
[64] Como eram chamados os escravizados comercializados na Costa da Mina.

Assim como nos candomblés de Salvador, por articulação política ou estratégia de vida, o samba de Matarandiba e, quase toda a estrutura cultural e de vida do lugar, tem protagonismos matrilineares[65].

Essa marca de determinação da mulher baiana, como signo emblemático de algumas tradições de certas culturas africanas, sedimentou em alguns rincões da Bahia, uma extrema criatividade ligada à cultura afro diaspórica, travando lutas bravias frente a muitas distopias vindas das colonialidades.

Ao observar criticamente e com maior afinco os usos e as conduções sistematizadas na própria precariedade material dessas comunidades ribeirinhas e insulares de Todos os Santos, percebe-se casos inusitados no cuidar e no manter vivas tradições.

É simbólico e igualmente apaixonante, o caso do saudoso padre Argemiro[66] que, envolvido pelos encantos múltiplos de Matarandiba, sendo pároco da igreja Matriz da comunidade vizinha de Santo Amaro de Jiribatuba, ia rezar as missas e fazer suas memoráveis homilias em ritmo de sambas de roda, entre as décadas de 1950 e 1960. A rigor da memória, foi assim até adoecer e falecer, lutando por Matarandiba contra o famigerado capital extrativista multinacional que, aterrou um braço de mar importante da ilha na década de 70, trazendo danos irreparáveis e irreversíveis a toda natureza do lugar, afugentando com a paz dos nativos; influenciando drasticamente na vida de marisqueiras e pescadores, alterando fluxos e estoques marinhos. O samba profano virava sagrado com o padre revolucionário e reverberava politicamente pelos cantinhos da antiga capela do Senhor Santo Amaro, à sombra de um majestoso tamarineiro.

Em Matarandiba, onde tudo é lambuzado de samba, o miudinho dos pés e o giro das saias iluminam desejos da alma, que se entregam como distração orgânica contra a cruel pecha invizibilizante e o fundo descaso colonial. O Voa Voa Maria ressignificou o samba e o transformou em instrumento político poderoso e necessário.

Ao que parece e, aí também reside minhas dúvidas, o samba de Matarandiba teria forjado toda a cultura local, uma vez que, mesmo nas manifestações mais arraigadas no tempo das memórias, como o Zé de Vale e, entre outras latentes, como o Cajueiro, como a

[65] Destaque do papel feminino na sociedade, como em algumas partes da África.

[66] O padre Argemiro foi um sacerdote católico que celebrava missas na capela do senhor Santo Amaro, em Matarandiba, em certas épocas, se tornando um ativo defensor de Matarandiba contra os ataques ambientais provocados pela empresa mineradora multinacional. Suas homilias eram famosas por serem realizadas em forma de samba de roda.

Santa Mazorra e as extintas festas da Taoca e da Pescada, o samba é presente, ditando regras, ritmos e caminhos.

Das entregas passadas do presente de Iemanjá no mês de fevereiro por mãe Célia, falecida mãe de santo da ilha, na ponta do Limão, canto da ilha onde sempre se fizeram as oferendas a deusa do mar, até o cozinhado das mulheres e as lavagens das fontes dos festejos juninos, o samba do Voa Voa é moldura permanente. Não existem festejos em Matarandiba sem a presença do samba Voa Voa Maria, por mais que existam os incautos, os ingratos e os distraídos do lugar. No Voa Voa Maria não há lugar para distrações e o samba de Matarandiba é do mar, na igual proporção em que a Matarandiba é do samba.

1.3 - A maré tá toda cheia, Maria levanta a saia

O samba Voa Voa Maria, conforme reafirmado diversas vezes no corpo deste texto, tem sido o companheiro que, desde sua organização, vem aprendendo a ler para ensinar seus e suas camaradas.

Tecendo redes reivindicatórias e ressignificações imperiosas nas identidades pesqueiras e marisqueiras da ilha, do porto de Arthur[67] ao Ribeiro[68], é o samba tentáculo poderoso no sentido das transformações mais estruturais e acentuadas.

Nas grandes pescarias dos antigos, despertados pelo som emitido dos grandes búzios (tapus) em profundas madrugadas, por dias rancheados na barra falsa de Jiribatuba, era o samba que servia de alento e incentivo, batido na madeira das canoas, conforme relatos do saudoso seu Nelson de dona Detinha.

Quase sempre, quem segurava as pontas domésticas maiores durante esses longos hiatos do companheiro pescador, e não só nesses períodos, eram as mulheres. Muitas destas eram marisqueiras, andando lado a lado, partilhando das tribulações materiais e emocionais com seus pares. Às vezes descarnando o siri ou, em outros instantes, caminhando pelos manguezais com suas comadres, pela captura dos imprescindíveis mariscos ou, apenas para desabafar suas dores e angústias cotidianas.

---

[67] Porto abandonado na maré de Matarandiba, famoso por ser local de namoros e encontros de amores proibidos

[68] Ponto conhecido entre os pescadores de Matarandiba, indo em direção a antiga fazenda do Caboto, onde o samba tem uma de suas origens na ilha.



Figura 9: O Voa Voa em dia de samba na ilha. Fonte: Acervo ASCOMAT. (S/D)

Os caminhos trilhados pelo Voa Voa Maria se diferenciam substancialmente de outros sambas da ilha e do próprio Recôncavo, sobretudo pela feminilidade protagonista em todos os estágios da cultura.

O samba produzido na ilha de Matarandiba contagia outras comunidades de Vera Cruz e Itaparica, espaços em que a cultura é rica, mas, repousa em estado de latência permanente.

Mesmo com o avanço feroz do neopentecostalismo evangélico, das tecnologias desestruturantes e do recrudescimento do machismo colonialista conservado em alguns rincões do nordeste, o Voa Voa turbina a força das marisqueiras sambadeiras e aponta as fraquezas não assumidas pela covardia desumanizante do racismo patriarcal cis-heteronormativo, em suas mil máscaras.

Entre as façanhas promovidas pelo Voa Voa Maria, algumas se traduzem em possibilidades concretas de acessar outros espaços de cultura e de poder, aliadas à imersão em saberes tradicionais. Desta forma, o samba reacende toda a cultura do local e vem fazendo do povo de Matarandiba, até pouco tempo, invisibilizado, apagado e escanteado, um exemplo a ser seguido.

O samba do Voa Voa Maria, ao que indicam alguns resultados concretos e outros imateriais, tem se mostrado como necessária e efetiva vacina na cura do obscurantismo estratégico do sistema multi opressor, dotando de novos conhecimentos vozes nativas, adaptando novos fazeres aos antigos saberes herdados e jogando lume na percepção mais aguda das interseccionalidades.

> Maria quem te mandou,
> sambar na beira da praia
> A maré tá toda cheia
> Maria levanta a saia[69]

As marcas dos preconceitos vêm sendo apagadas ou corrigidas pela força da cultura e os malditos legados do pós-abolição que insistem em associar traços da memória cultural negra a algo menor, aos poucos parecem sucumbir em seus abismos dos absurdos da colonialidade.

Utilizo-me de um trecho da historiadora Lilia Schwarcz sobre uma análise do batuque dos negros e a associação imediata a termos como devassidão, vadiagem e a licenciosidade, citados nos frequentes nos jargões médicos do pós-abolição, como características inerentes a "negrinhas relapsas" e "bêbados" de origem africana (SCHWARCZ, 1993, p.189-250).

Posto como âncora da cultura de Matarandiba, o samba tem caminhado no sentido de promover acessos à cidadania, de combater os deliberados desprezos institucionais e gerar qualidade de vida pelo viés da educação e do conhecimento.

Como máquina de moer gente negra, a noção de modernidade e de progresso parecem querer instrumentalizar formas perversas de silenciar a cultura e a riqueza de sabedorias, investindo na alienação política ou, em certa medida, em negacionismos religiosos e científicos. No caso do Voa Voa, isso fica explícito nos casos de afastamentos de integrantes do samba e dos benefícios conquistados que, pelo samba, chegaram à ilha.

Na conta entre as enchentes e as vazantes das marés acumuladas nas experiências da memória, o saldo parece estar sendo favorável à comunidade. Seja ouvindo as narrativas

[69] Trecho do samba *Maria levanta a saia*, do Voa Voa Maria.

atadas ao sentir, à prática das vivências, dos fazeres e trocas, seja apenas observando o respeito e o reconhecimento que assumem e corporificam a cultura.

O Voa Voa é um samba de várias sambadeiras mestras, conjugado com muitas alegrias, algumas dores, incomuns encantos, incontáveis belezas, fartas preciosidades, inevitáveis subjetividades, em diversas frentes de lutas. Aliás, muitas dessas lutas indicam reações naturais aos ranços colonialistas que insistem na subalternização dos povos da maré, em seus diversos arroubos hegemônicos que, permanentemente, tentam diluir o belo e adensar o horror.

Para muito além de meros corpos do mar, a sambar na beira da praia em seus simbolismos, a comunidade que compõe a ilha de Matarandiba parece amparar-se com mais intensidade e assiduidade nas políticas públicas atraídas pelo Voa Voa Maria, num salutar processo de desinvisibilização comunitária, através do esforço sobre humano de marisqueiras que dominam o território das marés.

A influência das antigas sambadeiras e dos primeiros tocadores de Matarandiba, em seus mais remotos períodos e espaços da ilha, é o que sustenta o percurso do samba e adoça com cheiro de terra e mar, os caminhos do Voa Voa Maria.

Quando se abre a relação temporal consignatória entre passado, presente e futuro, no resgate da memória em Matarandiba, precipita-se, inevitavelmente, uma imensa lacuna produzida pela constatação de que, grande e significativa parte dos atores e consignadores destas reminiscências, já embarcou na canoa governada pelo decesso, para outros sambas, nas infinitas marés da princesa de Aiocá e de Ganga Zumbarandá[70].

A oralidade como principal fonte de pesquisa, aponta que os sambas das “Marias” de todos os tempos, de todos os cantos de Matarandiba, foram garantias identitárias para o “amém” legitimador dos moradores ao Voa Voa Maria.

O labor cotidianamente áspero da mariscagem, ainda que pela barra de pródigos e preservados manguezais, parece tornar-se menos doloroso pela esperança de alívio e alegria no samba do Voa Voa.

[70] Inquice da lama na tradição Angola, assemelha-se a orixá Nanã Buruke, sendo o mais velho entre os inquices. É ainda conhecida como Nkisi Zumba, sendo divindade ligada às águas turvas e barrentas, aos mangues e aos pântanos

Nas alvas coroas de areia expostas pelas marés de vazante, em seus mudos apicuns[71], do Pontal ao assombrado *Mulião*[72], lá estão algumas sambadeiras, como marisqueiras, sambam agachadas na fé, ladeadas de canções de outrora, atentas aos compromissos inadiáveis do porvir das águas da vida.

Dona Angelina Gonçalves Santiago, do alto dos seus 81 janeiros[73], muito bem vividos, fez a gentileza e a nobreza de comigo partilhar contos e vivências fundamentais na decodificação e entendimento dos meandros que, associados a outros muitos aspectos, fundamentam o Voa Voa Maria como grande âncora.

Foram relatos apaixonantes, enredados por muitas pontes entre o samba, as histórias de velhos pescadores, de muitas memórias de marisqueiras, de caçadores e suas percepções com os "não filhos" da ilha, como eu, como o tocador falecido seu Messias, como a ativista cultural dona Deni, como a doutoranda Fernanda Queiroz, entre outros e outras apaixonados(as) pela ilha e pela cultura do lugar.

Energia que vem da raiz mais genuína de Matarandiba, o samba é um presente impregnado de passados, apresentado nos vários relatos colhidos, como o de dona Guiomar Arcanja, de dona Taninha sambadeira, da minha vizinha sambadeira Edmaris, de Dona Nini, de dona Gela, de dona Didi, entre outras e outros moradores.

---

[71] Apicuns são campos de areia branca que se formam no interior dos preservados manguezais.

[72] O Mulião é um ponto na ilha de Matarandiba temido por alguns pescadores, pelas lendas ligadas às visagens de assombrações e fenômenos associados às crendices populares construídas no imaginário da população local.

[73] Há uma tradição em Matarandiba de citar a idade das pessoas ligando-a ao mês de janeiro. Possivelmente por ser janeiro o mais importante período de festas na comunidade. Por exemplo: não se diz 15 anos. Diz-se que a pessoa já possui 15 janeiros.



Figura 10: Mestra do samba de Matarandiba - Dona Didi. Fonte: Acervo ASCOMAT (S/D).

Uma gama extraordinária de vozes unidas, marca e sintoniza identidades que se revelam e se reconstroem pelo samba de roda, levando a percepção de que as tradições dos batuques, das rezas, das festas, das alternâncias lunares, dos ciclos das marés, tenham sido contribuintes para o fortalecimento das asas dessas incansáveis Marias.

Da união dessas vozes pelo samba e, necessariamente pelos outros braços da cultura local, venho podendo perceber que Matarandiba transforma-se ininterruptamente no lugar onde o samba tem abraçado a vida e a vida vem provando o poder do abraço do samba.

Ao vento que sopra suave no couro do tambor, lembrando os segredos da tão referida oralidade, impõem-se o ritmo do vai e vem das marés, nas saias das marisqueiras que bailam, rodopiam e voam.



Figura 11: Segura a saia Maria. Fonte: Acervo ASCOMAT. (S/D). Da direita para esquerda, seu Fernando com o tambor, a sambadeira Anaíldes com o tamborim, o tocador Ban sentado e Anailton de pé, atrás de Érica, que está em destaque. Sentada com o pandeiro no colo está a sambadeira dona Nilma e, atrás dela, sua filha Dom.

Voa a comunidade em novas possibilidades de destinos, pela busca incessante de acessos que permitam novos caminhos, por meio de atração de políticas públicas culturais com capacidade de transformar vidas, ressignificar histórias e construir novos e diversos laços.

O tempo do povo da maré, na ilha de marisqueiras e pescadores de Matarandiba, parece assumir um ritmo bem diferente do tempo cronológico, sobretudo em certas épocas simbólicas do ano, em muito lembrando a ideia de espiralidade temporal, trazida pela doutora Leda Maria Martins (2021).

Sincronicamente, o samba de roda se coloca como fiador cultural nos enlaces de transmissões entre passado, presente e futuro, retomando tradições há muito repousadas na memória.

A pesquisadora Leda Maria Martins (2021), citada em sua obra *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*, pontua que, nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem, construindo identidades, produzindo amálgamas de pertencimento com o lugar. De toda forma, na cultura de Matarandiba, o samba de roda

vem se impondo como o grande forte São Marcelo, em sua temporalidade curvilínea de tradições africanas, como um importante testemunho histórico.

Num marcante e elucidador trecho de sua tese de doutoramento, a pesquisadora Renata Freitas Machado chama atenção que o Voa Voa Maria, enquanto autêntico samba de roda da ilha faz-se como "um samba, enquanto prática dinâmica, ancorado no chão. Um chão que nada tem de neutro, carregado de cicatrizes, feridas, histórias" (MACHADO, 2019, p.194).

Esse samba que busca romper com qualquer forma de neutralidade, ancorando-se em seu poderoso território, é o mesmo que ia chamar, saveiros e saveiristas, canoas e canoeiros que singravam pela Baía de Todos os Santos, embora ressignificado.

Bradando por pautas coletivas, culturais, posicionadas ao reconhecimento público de suas potências inestimáveis, o Voa Voa parece não se limitar ao samba apenas recreativo, não se intimidando com a inundação midiática de efêmeros modismos, enlatados pela urbe e vomitados para todos os cantos.

Há intenções diversas no Voa Voa Maria, inclusive a de não se render ante a campos de disputas que, velada ou escancaradamente, tentam calar seu canto, sem qualquer responsabilidade com a maré. Nesse mote, a cultura de Matarandiba se agiganta em seu lamento ambiental, contra a terrível prática das *pescarias de bombas nos ramos do mar*[74].

O samba do Voa Voa Maria se mantém bastante atrelado às tradições étnicoraciais e ambientais, assim como as atividades pesqueiras e de mariscagem, fomentando ações culturais, socioambientais e até mesmo acadêmicas que reforçam a grande herança cultural e, inclinam-se ambientalmente, contra práticas deletérias ao mar de Todos os Santos.

Entre janeiro e fevereiro, um pedaço do mar de Todos os Santos, entre a ponte do Funil e a ilha da Cal, extravasa em alegrias, com o samba de roda Voa Voa Maria e as várias outras manifestações da ilha.

[74] Modalidade de pesca centenária na Bahia que consiste na coleta de peixes com uso de explosivos, nos ramos de plantas jogadas no fundo do mar para atrair espécies marinhas, sendo proibida por lei ambiental. Essas bombas possuem alto poder para produzir danos ambientais irreversíveis ao ecossistema marinho. Algumas oficinas de cunho ambiental, têm sido oferecidas por projetos levados à cabo pela Associação sociocultural, envolvendo biólogos, pescadores, marisqueiras e o público interessado no assunto.

Conforme reiterado em outros trechos da pesquisa, o samba atravessa poeticamente todos os festejos e celebrações da ilha, em seus vultosos espetáculos de belas cenas, cantos e encantos.

No caso do Voa Voa Maria, a poética contida na manifestação parece ter seu auge quando ocorre ao largo da sombra do antigo tamarineiro, vizinho fiel da pequena capela do Senhor Santo Amaro, padroeiro da ilha.

Matarandiba parece realmente ter sido "adoçada" pela potência do samba de roda Voa Voa Maria que, indubitavelmente, trouxe mais orgulho, em meio a paisagens já estonteantes, sob saias de chita a rodar pelas brisas da maré, em corpos produzindo fazeres e saberes atemporais, partilhados como legado de uma expressiva matriz ancestral.

Muniz Sodré (1998, p.21) irá dizer que, o exercício da liberdade proporcionado pelo samba suplanta o aprisionamento mental e a palavra reforça o poder, o esquecer do mundo para lembrar de si e dos seus e suas, da sua identidade pessoal-coletiva e pertencimento a uma comunhão afrodiaspórica sem misticismos irreais (...), como patrimônio herdado, o samba carece ser vivenciado, experimentado, experienciado, em suas agências de resgate, de transmissão e perpetuação em todo território de Matarandiba.

É papel relevante do samba de Matarandiba compor lacunas múltiplas no espaço, reterritorializando laços e passos, além de valores simbólicos e concretos na comunidade.

Em razão da considerável hegemonia feminina na cultura e nas relações familiares, o samba tende a reforçar partilhas de identidades na liberdade das rodas, na subversão dos quadris de maré cheia e na libertação de gestos sociais, plenos de violências impostas pelo racismo.

Como forma de preservar todo o patrimônio imaterial, é possível também notar o Voa Voa Maria passeando pela musealização de aspectos da memória de vida das pessoas e das tradições do lugar, com estratégias que impactam as novas gerações, reforçando a valorização e a reprodução dos saberes, pelos guardiães da memória.

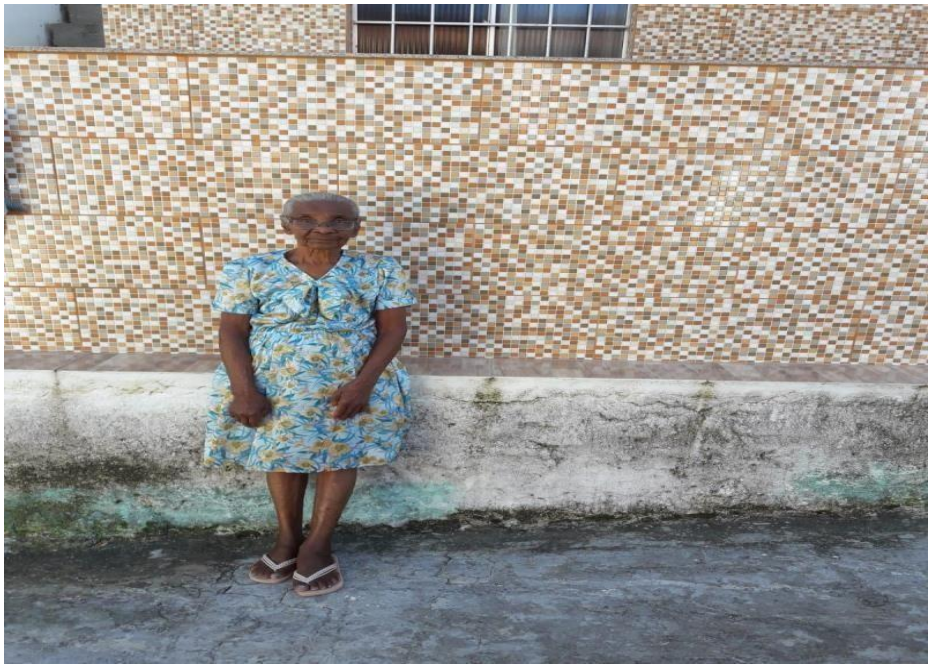


Figura 12: Dona Gela do prato, uma mestra. Fonte: Acervo pessoal (23/04/2022).

Essas mulheres do samba de roda e de toda cultura de Matarandiba são, atualmente, a vanguarda desse patrimônio inegociável, sendo paralelamente, as grandes responsáveis por salvaguardar toda essa riqueza que, atravessou um oceano, não sucumbindo às covardias da escravidão e do pós-abolição.

São os afetos ancestrais, tatuados na matrilinearidade e na bitola do tempo, carregando experiências éticas, estéticas e poéticas, definidoras do Samba de Roda Voa Voa Maria, ratificando Matarandiba enquanto lugar de marcante sororidade,[75] intencionalidades proeminentemente femininas nas muitas marés e Marias.

[75] Sororidade é o mesmo que união, aliança entre mulheres, baseadas na empatia e no companheirismo feminino.

2 - O samba do mar de Matarandiba?

Neste capítulo, pretendo aprofundar a discussão em torno do Voa Voa Maria, enquanto símbolo manifesto e marcante da Ilha de Matarandiba. Miro na decodificação de suas influências na preservação de toda a teia cultural produzida no lugar, bem como sua mobilização no desenvolvimento de políticas públicas à ilha. Neste mesmo sentido, vou tecendo um diálogo que tome como marco referencial e essencial, as narrativas de seus agentes culturais.

Através da técnica da história oral, objetivo realizar um estudo aprofundado sobre a relação do Voa Voa Maria, ancorado na força do fazer feminino e, como este se impõe como peça-chave na defesa da cultura local, na costura dos retalhos históricos, políticos, inseparáveis na formação da identidade daquela comunidade

Discutir o samba do Voa Voa Maria enquanto instituição cultural de Matarandiba e não só como arrimo e espelho da cultura da ilha, conforme cita tia Marica em sua entrevista, tentando compreendê-lo como peça ímpar na estrutura cultural de Matarandiba.

Os constantes e demorados deslocamentos entre a ilha de Itaparica, o interior e a capital, além das intensas trocas culturais nas feiras ou nas festas de largo em Salvador, trouxeram ao samba de roda características diferentemente assimiladas por cada comunidade, tanto nos timbres instrumentais, quanto no vozeado.

A apresentação do Voa Voa Maria embaixo do Tamarineiro, ao lado da Capela do Senhor Santo Amaro, ou em outro canto de representatividade histórica para o lugar, evidencia sentidos e conotações bem nítidas de pertencimento à raízes africanas *bantus*, contundentemente fincadas aquele lugar.

Numa cuidadosa atenção à musicalidade perpetrada pelo Voa Voa, com destaque à força dos tambores e do orgulho das Marias, é possível notar muitas memórias de oralidade e de execução que a travessia da calunga grande[76] não pulverizou.

Ao contrário das tendências mais modernas e sem assentamentos na oralidade, pode-se perceber a consolidação do samba entre as(os) mais jovens e a resiliência do gênero ante aos novos tempos, robustecendo sobremaneira heranças africanas, por pontes entre o comer, o batucar, o sambar, o mariscar, o pescar e a viabilização de horizontes mais

[76] Como é conhecido o oceano em sua imensidão entre algumas tradições religiosas de matriz africana. Essas mesmas tradições chamam o cemitério de calunga pequena.

resistentes aos riscos de apagamentos, por conta de manifesta responsabilidade política coletiva.

O samba Voa Voa Maria, elemento responsável por costurar a dimensão sociocultural à extensão política comunitária, renovou a alegria do lugar e fomentou várias ações solidárias entre o povo do mar de Matarandiba e comunidades vizinhas.

Na sensibilidade e na memória coletiva dos moradores do lugar, inclusive dos que não moram mais na ilha, é notório o imperativo do samba como instrumento que alçou Matarandiba e sua cultura a patamares empoderadores. Vários símbolos possibilitam constatar que a preservação da cultura de Matarandiba vêm no bojo dos resgates e colaborações, via oralidade e sororidade entre mulheres, sejam as da ilha, sejam as de fora, numa relação que se alastrou pela força feminina como significativo processo educativo.

Numa breve análise político-conjuntural, percebe-se que o papel da associação sociocultural em ter o samba como ponta de lança é atrair, cada vez mais, políticas públicas significativas e estruturais para a comunidade, tais como as simbolizadas no ponto de cultura, no ponto de leitura, no ponto de memória, nas oficinas diversas, na musealização dos patrimônios insulares, nos afetos femininos para elaboração e execução de toda e qualquer manifestação em Matarandiba.

Através de pesquisas junto a ASCOMAT e ouvindo pessoas com certo grau de envolvimento com a cultura da ilha, foi possível verificar que há uma salutar tentativa, no processo de transmissão e perpetuação de algumas manifestações culturais, atrelando os herdeiros e herdeiras de moradores que, no passado, ou levaram aquela cultura para Matarandiba ou, por ela sempre se responsabilizaram.

No caso do Boi estrela, ou Boi Janeiro, que significa a vitória da vida sobre a morte e tenta dar ares pedagógicos à ressurreição cristã, são as famílias de seu Mauro (Mauro Antônio dos Santos) e de seu José Catarino (seu Caturra) as responsáveis por levar à frente esse elemento simbólico, como apoio da associação.

No caso da celebração do São Gonçalo, no dia de Natal, são os herdeiros e herdeiras da família de dona Alexandrina (Xandu), no papel do seu filho Gonçalo e da sua família que contribuem junto da associação para manter essa tradição.

Desta forma tem sido em relação aos outros grupos culturais que possuem versões mirins, produzindo práticas que reforcem o sentido de pertencimento e de manutenção dos valores compartilhados na oralidade.

O grupo mirim *Os Filhos de Maria*, traz um sentido mais urgente sobre uma pauta que evidencia o papel da mulher numa estrutura patriarcal estigmatizada em "funções e responsabilizações de mulher" que, por diversas vezes querem participar do samba, mas, não tem com quem deixar seus rebentos. Assim nasceu esse coletivo mirim que, como nas outras nuances culturais, não possui uma família como referência, uma vez que o samba sempre abraçou todas as pessoas da ilha, em maior ou menor grau.

Trazendo de volta o foco narrativo ao elemento fundamental desse estudo, alguns sinais têm indicado que o samba Voa Voa Maria não só consolida identidades e pertencimentos através do simbólico.

Sua gente preta e seu território, tem testemunhado conquistas significativas pelo canto, pela dança, pela poética das águas que traz consigo uma considerável gama de sociabilidades, comprometimentos e responsabilidades reivindicatórias, como indicativo de reparações históricas.

Conforme citou Muniz Sodré (1998), o samba é bastão de Exu e, como dono do corpo, liberta, acende, redime, consola, transforma e ressignifica simbolismos há muito assentados.

Inclusive e, sobretudo, pelo que mostram as recentes conquistas de aparelhos culturais para a comunidade, destacadamente pelo viés do samba em editais diversos, as transformações, as readequações e o comprometimento politicamente consciente das pessoas envolvidas nos projetos tem sido o denso cimento que mantém a estrutura firme.

Num campo mais abrangente em que certas disputas se dão baseadas na busca por acessos, contra a covardia das ameaças meritocráticas, dos privilégios brancos, machistas e excludentes, a metamorfose do que era somente diversão em luta, se faz na proporcionalidade intencional do ecoar do batuque pela maré, ao prazer conscientizador das umbigadas em círculos, ao protagonismo oral matrilinear.

Quando optei em basear essa pesquisa pelo viés decolonial, observava o samba de Matarandiba, renascido e reelaborado no coletivo cultural Voa Voa Maria, como força local necessária a contribuir com muitas urgências, das mais latentes às mais escancaradas.

Foi no voo do samba das Marias que mais se vislumbrou retomar signos identitários e políticos que possibilitassem Matarandiba de ir além. Ou seja, além da continuidade distópica da colonialidade, mantida de diversas e disfarçadas formas na comunidade e além da efemeridade de uma pseudocultura, imposta pela fugacidade da globalização.

Conforme pude notar nos longos conversados com seu Miguel Arraieiro, aquela "brincadeira boa" proporcionada pelos antigos e pelas antigas do samba, ficou como marca de um tempo remoto em que Matarandiba fazia do samba apenas diversão e prazer, num fundo distante da baía de Todos os Santos. E tomar o samba como apenas uma diversão, como cita seu Miguel, não é pecado algum, sobretudo ante às circunstâncias espaciais de acessos a outras culturas, de acúmulos de tempos, de uma forma inocente de fazer o samba tornar consciente suas perspectivas políticas emancipatórias.

Sintonizado ao campo das reivindicações globais, o Voa Voa Maria se impõe qual eco de vozes marginalizadas, inferiorizadas, invisibilizadas e amordaçadas pelo terror do racismo, da misoginia na maré, nos manguezais, nas coroas de areia branca.

O samba corrido do povo do mar de Matarandiba é uma oração personificada no poderoso coletivo voa Voa Maria que, como redentor braço cultural, virou a chave das intenções e dos sentidos apenas festivos, renascidos e reinventado em aspectos identitários e políticos, cruciais à ilha.

Ao olhar aguçado do pesquisador Roque Ferreira, em seu livro *Terreiros de Samba Chula* (2015), o samba de roda da Bahia está intimamente ligado ao fumo de rolo de soca, por qual lambuzado no doce do melaço da cana de açúcar era, tendo sido produto definidor da entrada de nagôs, Jejes, Fanti Ashantis e da viola machete no estado, enamorando-se do batuque banto trazido pelos congos-angola, com os Cabindas, com os Macuas, duzentos anos antes.

Pierre Verger em *Fluxo e Refluxo* (1987, pp. 19-20) dirá que o fumo de rolo de soca produzido às margens do Paraguaçu, o adensamento da bexiga em Angola e a descoberta do ouro em Minas Gerais, foram fatores determinantes para alteração do tráfico da região dos bantos para região dos sudaneses, trazendo para essas terras baianas, irmãos e irmãs do Daomé, do Togo e da Nigéria.

Contrariando parte do vizinho Recôncavo, em Matarandiba, o samba do Voa Voa Maria é uma manifestação de samba de roda sem viola, em sua originalidade, tendo sido

reinventado e fortalecido nas tessituras da mariscagem, da pescaria, majoritariamente pelos braços e memórias das mulheres mais identificadas com a cultura.

Através dos relatos nas entrevistas, das múltiplas vivências na maré e da observação de certos aspectos institucionais, intermediada pela ASCOMAT, venho verificando que o samba produzido pelo Voa Voa Maria reverbera no alargamento de novas possibilidades de análises teóricas, conceituais e na focalização de categorias oportunizadas pelos estudos decoloniais.

Seria quase impossível levar essa pesquisa à frente tendo por baliza epistemes eurocêntricas. Falar do samba de Matarandiba e de todo seu elenco cultural é libertar conhecimentos e sabedorias ancestrais, sufocadas e preteridas.

Por uma nova forma de perceber, para alargar a apreensão além do campo visual e produzir conhecimentos, os estudos decoloniais vem possibilitando a abertura de frentes para muitos embates acadêmicos ligados, historicamente, à problematização das colonialidades impostas a grupos tidos como subalternos ou minorias inexpressivas.

Em Matarandiba, o samba se mantém independente de sua relação entre o sagrado e o profano, ancorando-se na forte presença das marisqueiras e seus descendentes e na organização política sob condução da Associação
Sociocultural.

A ASCOMAT foi fundada em 9 de março de 2008, sob marco temporal das gestões entre os baianos Gilberto Gil e Juca de Oliveira no Ministério da Cultura, originando-se na mesma época em que se iniciou a implementação dos Pontos de Cultura como políticas públicas para a promoção da diversidade artística, cultural e étnica.

A ASCOMAT tornou-se um instrumento fundamental para a preservação da cultura da ilha, uma vez que passou a organizar e a sistematizar toda a cultura que se encontrava difusa, instrumentalizando e capacitando pessoas para contribuir com a gestão.

Inicialmente, por aproximadamente doze anos, a associação localizou-se numa sede improvisada (alugada) ao lado da praça principal de Matarandiba, estando sob presidência de Adenildes Leal (Deni).

Pela inscrição realizada no site Cadastro Empresa, há uma diferença entre a data de real fundação (09/03/2008) da ASCOMAT e seu registro como pessoa jurídica, no dia

14/05/2009, localizada à época de seus passos iniciais na Rua Santa Rita, 76, na Vila de Matarandiba.

Atualmente, por intermédio do presidente da Câmara de Vereadores de Vera Cruz Eleomar Barbuda (Lico), a associação foi agraciada com um prédio definitivo, onde se estabelecia uma antiga escola municipal de primeiro segmento do ensino fundamental. Com número de alunos incipiente para compor duas escolas na ilha, houve a transferência dos estudantes para escola que fica ao lado do quiosque, à beira mar.

A presidenta atual da ASCOMAT é Josiene Souza da Rocha (Geane), uma mulher preta nativa, assertiva e de uma generosidade infinita.

Não busquei minúcias informativas sobre o estatuto. Porém, tive acesso a como se compõem a estrutura básica da associação, composta por secretárias e conselheiras, entre as quais, a conselheira Doutora Renata Freitas e a conselheira e ex-presidenta, Adenildes Leal.

No samba de roda e no samba da vida, a voz das mulheres carrega papel de destaque e proeminência por todos os cantos de cultura da ilha, com condução firme, produzindo frutos relevantes. Afinal, das composições musicais à costura das roupas, são elas as protagonistas. Da organização das apresentações a todas as outras etapas desse intrincado processo, para e pela cultura de Matarandiba, as mulheres assumem papéis de destaque inequívoco.

Entre esses frutos advindos dessa força feminina, há de se sublinhar a formação dos grupos mirins dentro de cada manifestação, possibilitando a transmissão oral dos saberes, das tradições e da memória local às novas gerações.

É isso que, entre outras atitudes, parece redefinir os caminhos de preservação, de resgate e da manutenção da cultura de Matarandiba, criando boas perspectivas de perpetuação das manifestações vinculadas às reminiscências, aos pertencimentos históricos e identitários.

Simbolicamente, o samba Voa Voa Maria quando se apresenta debaixo da tamarineira, no alto do Cruzeiro ou na maré, parece perpetuar marcas fundadas em construções subjetivas do povo de Matarandiba, uma vez que parece reconectar pontos de extremos significados territoriais do lugar, num aparente sinal de gratidão aos signos que lhe batizaram.

É perceptível os enlaces entre a tradição do acentuado protagonismo feminino na cultura e na organização da economia do lugar, fomentando uma considerável valorização da autoestima feminina.

De um lado, o reconhecimento da comunidade pelo Voa Voa Maria, por meio da pedagogia patrimonial no Ponto de Memória, com registros da história e da memória do local, traz o fortalecimento de Matarandiba enquanto vértice de manifestações simbólicas que agregam benefícios diversos.

Numa outra vertente, através do acesso a políticas públicas e privadas culturais, às mulheres do Voa Voa Maria vão se robustecendo como dínamos mais efetivos na manutenção da memória, abrindo horizontes e dimensões emancipatórias que vão se corporificando com leveza, pé no chão e saias em giros.

Em Matarandiba, ao que indicam várias narrativas, o samba deixou de ser apenas uma celebração festiva familiar e passou a ser um grande poder transformador comunitário. Entre todos os outros braços da arte local, o samba é o que tem se mostrado, destacadamente, como instrumento mais aglutinador da vontade, da memória e da perseverança democrática, tanto nas vozes das marisqueiras, quanto de alguns pescadores.

Cercos de rede se dão ao mar, acolhidos pela beleza contagiante dos muitos sambas que exala do Voa Voa Maria.

Nos pontos de pescarias da ilha, somente nomeados e reconhecidos entre os nativos, os sambas e as redes apresentam a Ponta de baixo, o Costado, o Porto do sal, o Porto da cajazeira, o Canto da fonte, o Barro, o Caroço, o Ribeiro, o Cascalho, o Guará, o Fundão e a Passagem, todos cantos de pesca e mariscagem.

O samba do Voa Voa Maria é permanente catapulta a lançar Matarandiba para muito além dos muros e fossos que a colonialidade impõe pela memória desse povo do mar e por sua sabedoria natural nos lanços de pesca e nas redes de vida, tecidas pelas mulheres da ilha.

Parasambeando o compositor de Nazaré das Farinhas, seu Roque Ferreira, ao meu modo, percebo que o Voa Voa Maria faz-se, desde 2009, olhar de mistérios demais. Samba apanhador de sementes nos seios dos manguezais. Voa Voa Maria como senhor das beiras das águas e dos temporais, nas trovoadas dos ventos bravios de noroeste. Samba Voa Voa Maria como flor mais "venenosa" aos apelos por políticas públicas em Matarandiba que, no

bê-á-bá da vida, aprendeu no mar de Deus e Deusas, tatuar em cada saudade um porto e, em cada porto, um adeus.

Para dar corpo e vida à preservação de toda a teia cultural de Matarandiba, abro a roda para que as protagonistas do samba falem, em primeira pessoa. Começo com as entrevistas de duas importantes sambadeiras, colhidas em 08 de março de 2022, que contam sobre a memória do samba na ilha de Matarandiba.

Conduzida de maneira bem descontraída, valendo-me da vivência no lugar, do acolhimento concedido pelas mais velhas e pelos mais velhos, balizado no respeito e no consentimento surgido no caminhar natural das prosas à beira do cais, no banco do Pau Mole, em minha casa, em suas próprias residências ou na associação cultural, fui compondo a percepção sobre o Voa Voa Maria.

Minha primeira entrevistada foi a marisqueira e sambadeira, Guiomar Arcanja Santiago, conhecida docemente como Condinha. No auge de sua sabedoria e potência de mulher preta, lá pela boca de uma noite amena, de uma brisa fresca que vinha dos lados de Salinas da Margarida, me trouxe ao alto do Cruzeiro, o cheiro do Voa Voa Maria que, até mesmo as próprias profundezas de um Recôncavo de águas que sambam, desconhece.

Busquei a identificação entre entrevistador e entrevistadas, utilizando as iniciais dos nomes e sobrenomes de cada uma delas. No caso da sambadeira e marisqueira Condinha, usei as iniciais GAS, já que seu nome de batismo é Guiomar Arcanja Santiago.

Da varanda de minha casa, fui logo perguntando, entre os tragos suaves num delicioso licor de tamarindo, feito pela marisqueira e sambadeira, conhecida como Betinha de tio Biu.

WPB: Condinha, seus pais eram de Matarandiba?

GAS: "Sim. Pai e mãe. Mas não eram do samba não.

WPB: Onde você nasceu?



Figura 13: O navio onde nasceu a sambadeira.
Fonte: https://acervo.iconografico.itaparica/?fref=photo, Acessado em 11 de novembro de 2022.

GAS: Nasci no mar. Mainha teve muita dificuldade para me parir. Sofreu comigo. Mãe Daluz, a parteira da ilha, fez tudo que podia e, não teve jeito. Mainha sentiu dor até não aguentar mais. Foi quando alguém mandou um mininu chamar correndo algum canoeiro, porque os navios não vinham até a maré. Aqui é baixo (raso). Eles iam pra Ponte do Funil (...) foi quando saiu mainha barriguda, minha madrinha Angelina e a velha Daluz, de canoa, até encostar no navio. Imagino a luta pra mainha subir com aquela barriga. E, eu nasci dentro do navio Visconde de Cairu, na altura da ponte de Itaparica. Por isso que meu nome é Guiomar Arcanja Santiago e, só me chamam de Condinha (Viscondinha, rsssssssss).".

WPB: Condinha, o que significa o samba Voa Voa Maria em sua vida e na vida da comunidade de Matarandiba?

GAS: Olha Wal, o samba é tudo pra mim e pra Matarandiba. O samba é uma energia que toma conta da gente, que a gente nem se dá conta quando tá sambando. Desde quando eu era adolescente, já existia aqueles samba de prato, como você sabe. E aí tinha aquelas coisas que nossa mãe só deixava a gente ir com alguém de confiança. Mainha nunca foi de samba. Mainha sempre foi do Terno de Reis. Era a porta estandarte do Terno de Reis. Então ela tinha aquele cuidado de antigamente (...) hoje, as mininas diz assim: eu vou ali e,

vai mesmo (rssssss, algumas). Eu ia pro samba com a mãe de Miguel, mãe de Du, dona Catarina do prato. Ela tocava um prato, minino... E, quando a gente chegava num samba... poxa velho. A gente batia palma e, no melhor do samba, na hora boa do samba quente, ela dizia: bora pra casa. E aí, a gente também tinha que ir, porque ela era nossa responsável e batia na porta pra poder entregar a gente a mainha. Depois parei. Saí de Matarandiba e fui trabalhar fora, entendeu? Parei e parei com o samba também (...) as pessoas foram ficando mais velhas, alguns foram pra esse negócio de igreja, outros foram morrendo e, agora que resgatou novamente, eu to aqui firme e forte, né? Depois dessa pandemia então, estou aqui com o pé afiado, pra quando o samba voltar. Voa Voa Maria e samba no pé.

Em seguida, a entrevistada foi a sambadeira Edmaris da Silva Brito ESB, filha de Dona Dalva, numa conversa também em minha casa, posto que somos vizinhos de muro. Aliás, entre várias narrativas tão ricas em sabedorias ligadas a perspectivas civilizatórias consolidadas na vivência das culturas populares e seus invisibilizados atores e atrizes, essa foi uma que trouxe aspectos identitários interessantes e bastante curiosos, ainda que Edmaris não seja filha da Ilha de Matarandiba.

Era início da tarde de uma quarta-feira de dezembro. Havia um cheiro de moqueca no ar, com protagonismo de coentro e puro azeite, envolvendo o Alto do Cruzeiro. E foi nesse contexto de cheiros acolhedores e ancestrais que, iniciamos o diálogo sobre o samba de Matarandiba.

WPB: Edmaris, você é filha de Matarandiba?

ESB: Eu é que não, infelizmente! Não sou nascida aqui não. Meu pai era de Aratuba e, mainha era de Berlinque. Mainha sentiu as dores e, eu nasci no meio do mar, indo pra Salvador. Por isso meu nome é Edmaris. Me criei em Salvador. Minha mãe conta que, com três anos, eu já sambava nas festas de Santo Antônio. Arrastavam os móveis e os bancos quando eu chegava. Quer dizer, com três anos eu já era sambadeira. Eu amava e amo sambar o samba de roda. Aí, eu sambava mesmo.

Já riscava o chão sambando. Eu conheci Matarandiba com uns 12 anos, vindo veranear. Aqui a gente só conhecia Nelsinho, que é meu primo. Aliás, eu sou prima de Lico (vereador) e, namorei com Dominguinhos em Salvador (que, por acaso, era daqui de Matarandiba). Vim e me apaixonei por Matarandiba. Fiquei vindo todas as férias do colégio. Resultado: um dia viemos e ficamos de vez. Não sei exatamente a data. No início

eu chorei para me adaptar, porque eu não sabia ficar sem usar sapato alto (rsrsrsrs). Aqui em Matarandiba, o jeito de se arrumar é muito simples.

WPB: Como vocês vieram parar aqui no Alto do Cruzeiro, lugar de marisqueiras e sambadeiras?

ESB: Então, nós compramos uma casa em outro lugar da ilha e, não deu certo.

Mudamos e, também não deu certo, porque o que tem que ser, só é na hora certa.

Um dia, minha tia Detinha disse: "vocês vão morar no Cruzeiro, lá no meio das marisqueiras?". Aqui em cima, no Alto do Cruzeiro, sempre foi lugar de marisqueira e gente pobre. Era discriminado. Aqui onde é sua casinha, sempre foi do pessoal pobre. No Alto do Cruzeiro surgiu essa casa aqui que moro até hoje.

WPB: Como o Voa Voa Maria entra na sua vida?

ESB: O samba sempre existiu aqui em Matarandiba. Mas, o nome Voa Voa Maria surgiu da letra de um samba antigo. O povo aqui sambava no fundo do quintal. Eu sambava mesmo (...). Tudo aqui acaba em samba. Não aprendi a sambar aqui. Trouxe isso no meu sangue. O que acontece? Se tinha aniversário de alguém, terminava em samba de roda, samba de prato, samba corrido, samba de barravento. Tudo era motivo de samba. Aí, um dia, nós fomos para Mar Grande fazer uma apresentação e, como não tinha o samba Voa Voa Maria organizado ainda, levamos nosso São Gonçalo, porque foi o primeiro resgate da cultura de Matarandiba. O samba é o mais antigo, mas, tava dormindo. O samba de roda daqui foi formalizado em abril de 2009, com o nome Voa Voa Maria. O samba sempre existiu aqui, mas, não tinha um nome, uma organização. Entende?

WPB: Então você está me dizendo que o Voa Voa Maria foi o samba resgatado em 2009, com base no que já ocorria aqui naturalmente entre as famílias?

ESB: Sim. Porque sambar aqui sempre foi espontâneo, como sorrir, como tomar banho, escovar os dentes (...). Sempre foi forte e natural o samba aqui em Matarandiba.

WPB: E você acha que há relação com essa memória das marisqueiras que faziam o samba do Caboto e em seus quintais, com o protagonismo feminino do Voa Voa hoje?

ESB: Relação tem. É por isso que to te dizendo… O Voa Voa Maria foi criado, porque não era oficial. A gente foi buscar por esse lado dos mais velhos do samba. Deni que vai buscar com Dona Angelina e Tia Dina as coisas da cultura de antigamente. De como era o samba antes. Como eu te disse, lá no evento de cultura de Mar Grande, conhecemos um grupo

chamado La Plata, da Gamboa. Era bem bonito. Outro que se chamava Raízes da Gameleira, que as meninas dançavam e botavam uma raiz de qualquer planta no chão para sambar em volta. Daí para cá, se amadureceu a ideia de fundar o nosso samba Voa Voa Maria. Aí, com o tempo, as sambadeiras iam sambar com os meninos e as meninas. As crianças foram gostando tanto do samba que pediram para formar o grupo mirim. Aí, a associação criou o grupo mirim Os filhos de Maria e, hoje em dia, quase toda a cultura tem seu grupo mirim. Tem o Boi mirim, tem o Terno mirim, tem o samba mirim.

WPB: Você é marisqueira?

ESB: Não. Eu não vivo do marisco não. Sou apenas sambadeira do Voa Voa Maria.

WPB: Você acha que o samba de Matarandiba é diferente de outros lugares? Se sim, por quê?

ESB: Porque assim, eu até brinco com pessoal do samba daqui. Digo que, no samba de Matarandiba, quando os moleques vestem a roupa, viram homem. Tem alguma coisa que tem uma força, assim pelas roupas, pelas cantigas. As mulheres se empoderam, ficam mais bonitas. Lá fora, não é que as meninas sejam feias, mas, não tem aquele brilho, aquela coisa, aquele poder que você vê no samba do Voa Voa Maria. Não investem. Não tem apoio e a gente aqui em Matarandiba é diferente. A gente tem orgulho de se vestir. A gente tem mais orgulho de dizer que é de Matarandiba com o Voa Voa. Você anda por aí, vê os mininos tudo bebendo. Mas, quando botam a roupa do Samba, rapaz... se transformam. Viram senhores homens. O orgulho de dizer que se é de Matarandiba é muito por causa do Samba do Voa Voa Maria.

Em abril de 2022, consigo ir a Associação Sociocultural, onde pude conversar com um grupo de mulheres mais jovens envolvidas na preservação do samba e de toda a cultura de Matarandiba, com destaque às falas de Taís Verônica, em seus 34 janeiros e da menina Livia Caroline, com seus 16 anos, recém-saída do grupo mirim os Filhos de Maria.

Segundo Lívia Caroline, sua permanência no samba mirim já estava sendo bastante impactada por razões emocionais ligadas a chegada da adolescência feminina, por seu natural amadurecimento enquanto mulher consciente de sua participação, mais séria e efetiva, no seio do Voa Voa Maria. Era evidente em seu relato que, seus interesses e pertencimentos que lhe mantinham vinculada ao samba mirim, já começavam a não dar

conta da inocência infantil de apenas sambar por sambar, indicando a vinda da maturidade e das responsabilidades de luta, enquanto filha de Matarandiba.

Taís Verônica foi assertiva em falar sobre o protagonismo feminino no Voa Voa Maria e, foi categórica em dizer:

TV: Aqui em Matarandiba existiria um samba só de mulheres, perfeitamente, com elas cantando e sambando. A força do Voa Voa Maria vem das mulheres, assim como toda a cultura da ilha. Sem as mulheres, até teria o samba normal, que já faz parte da ilha. Mas, não existiria o Voa Voa Maria aqui. No encontro de samba que houve aqui, reunindo os sambas de Vera Cruz, mais de 90% eram de mulher. Na ilha de Vera Cruz, quem segura a cultura é a mulher. Todo mundo diz que o lugar de Vera Cruz que tem mais cultura é aqui em Matarandiba. Eu, particularmente, tenho mesmo paixão é pelo samba Voa Voa Maria. Até gosto das outras culturas, mas o samba é tudo pra mim. Tenho 34 anos e, nunca vi aqui em Matarandiba um samba tão bonito como o Voa Voa Maria. Muitas mulheres participando. Antes, os meninos se reuniam, faziam um partido e, acabou. Com o Voa Voa não. As pessoas são convidadas para ir pra fora e são pessoas da minha comunidade. Eu fico muito contente quando vejo o samba se apresentar. Eu me arrepio toda. É uma sensação diferente de outras emoções que eu sinto na minha vida. Quando elas se reúnem, se arrumam, quando olham uma pra outra. Elas trocam olhares durante a apresentação e, ali, tudo já é dito. Quando começam a sambar, a sorrir, a se comunicar pelo jeito de cada uma. Eu sinto que as mulheres de Matarandiba viram o centro das atenções quando o samba está se apresentando. O empoderamento tá ali. Aquelas mulheres empoderadas e, todas da minha localidade (...).

Ao sair da Associação Sociocultural, me arrisquei a perguntar às meninas, por curiosidade do pesquisador se, para elas, o samba do Voa Voa Maria é arte ou cultura, ou as duas coisas juntas? Taís Verônica, novamente, foi quem se pronunciou:

TV: Eu creio que seja os dois, ao mesmo tempo. Porque a definição da arte para a cultura é bem parecida. Porque a cultura tá a todo momento em todo lugar. Uma não para pra a outra acontecer... A leitura é uma cultura, a vivência de um povo é uma cultura e o que esse povo produz é arte. Então cultura sem arte não existe não. Por exemplo, a arte do Voa Voa Maria quando se apresenta, transmite uma emoção que não sinto vendo outros sambas com suas culturas apresentar. Tem as roupas, tem os cantos daqui que o fazem muito

diferenciado. As músicas são nossas, de nossa terra. Muitas músicas daqui são poesias (...).

Matarandiba recebe grupos de turistas de base comunitária de todo canto, além de muitos estudantes da UFBA, da UNEB e, quase sempre a critério do grupo visitante, entre a escolha de uma apresentação da cultura local, o Voa Voa Maria é o mais pedido.

Aliás, esse turismo de base comunitária é algo interessantíssimo para a economia da ilha de Matarandiba, numa espécie de imersão comunitária, com almoços oferecidos pelas famílias em suas casas, além de oferta de dormidas, com remuneração justa a todos os envolvidos, sobretudo o povo da cultura.

O samba tem seu lado mais disponível para se apresentar e, como em todas as outras manifestações culturais têm o samba, é o samba que muitos querem ver.
E o Voa Voa Maria é protagonista.

Em certas falas colhidas na Associação, foi possível perceber alguma resistência das mais jovens em relação às bases do Voa Voa Maria ligadas ao samba do Caboto, do morador conhecido como Bieco, de dona Florzinha, entre outros e outras.

Inclusive, pude notar certo desconforto sobre a determinação do rótulo de mestras do samba, por um entendimento de que o Voa Voa Maria, com características outras, é fruto mais direto dos sambas espontâneos nos quintais que alegravam e divertiam o povo do lugar nos finais de semana.

A hipótese que se fortaleceu ao longo da convivência e da pesquisa, indica que a consolidação do samba de Matarandiba nos moldes do Voa Voa Maria, transformou e reinventou memórias diversas, criando caminhos, possibilidades, pontes e trocas, sendo reflexo de origens diversas, por urgências necessárias.

No próximo tópico, que já indica o porvir do capítulo seguinte, trago a identificação histórica e geográfica que, trará as réguas de orientação e localização espaço-temporal, de onde o Voa Voa Maria faz seu quartel general, hora pela historiografia oficial ou, pela sabedoria histórico-popular.



Figura 14: Tocadores do Voa Voa Maria. Fonte: Acervo ASCOMAT (O tocador Edilson), S/D.

2.1 - O batuque histórico na Geografia do samba de Matarandiba

Segundo seu Miguel Arraieiro, Matarandiba já se chamou Pitombo e em quase todos os depoimentos que tive acesso, nesse lugar "tudo acaba em samba".

A divisão político administrativa de Itaparica, datada de 1962, fundou as bases territoriais e de pertencimento entre os dois municípios emancipados, dentro do mesmo complexo físico de Itaparica: Vera Cruz, com aproximadamente 75% do território, com sede administrativa em Mar Grande e, o município de Itaparica com os 25% restantes.

O batuque do samba de Matarandiba, desde sua refundação como o Voa Voa Maria, reverbera nos territórios mais inusitados da Geografia local, assim como nos chamados lanços[77].

Os lanços de rede ocorrem em certos pontos de pesca, batizados em tempos profundos pelo povo daquele pedaço de mar de Todos os Santos. Entretanto, os que mantiveram fidelidade a esses nomes, não souberam explicar suas origens históricas, a exemplo do lanço do Canto do Cação, do Curnizolo, da Enseada de Badú, da Restinga, do canto de Gaçú, do Canto Grande...

[77] Lanço é, ao mesmo instante, lançar uma rede ao mar e, como se referem os pescadores do fundo da Baía de Todos os Santos, aos pontos de lançamento dessas redes.

Assim, pela potência da cultura e pela tomada de consciência política, alicerçada num forte desejo coletivo de preservação e resgate, o samba parece se espraiar pelo lanço do Olho Amarelo, do Rato Norte e do Rato Sul, pelo lanço do José, pelo lanço do Canal de Dentro, pelo lanço do Robalo ou pelo lanço da Bananeira.

Seu Miguel me narrou que o samba de Matarandiba, bem antes da multinacional se instalar na ilha, em 1976, na sua infância, na década de 40, já atraía gente de muito longe para ver e "brincar" no samba.

A história parece indicar que as cidadezinhas do Recôncavo, muitas das quais interligadas pelas embarcações da Companhia Baiana, se relacionavam entre si e a ilha de Itaparica, possibilitando trocas econômicas, culturais e diversas possibilidades de sociabilidades.

Durante uma breve conversa com Goni (Rosalvo dos Santos Assunção), no dia 20 de setembro de 2022, como é conhecido esse nativo de Matarandiba, o próprio me afirmou que durante sua infância, na década de 1970, suas lembranças são da vinda de um povaréu para ver o samba em Matarandiba.

Antes de embarcarem nas canoas e nos saveiros até Matarandiba, segundo
Goni, vinham nas embarcações maiores, como o navio "Flor de Lamar", o "Anunciada", o antigo "Maragogipe", o "El Rei", de regiões distantes.

A preservação do samba pelas mulheres da ASCOMAT, tendo por braço fundamental o Voa Voa Maria, indica fortalecer ferramentas de memórias e traz de muito longe histórias lendárias do lugar. Histórias como a de um certo Domingos do Gi, considerado o bruxo do lugar, assim como do polêmico Antônio do Rumo do candomblé, que teria fugido e se casado com uma menor de 12 anos da ilha.

O Voa Voa é motor ininterrupto de resgates e memórias tanto de causos da Vila de Matarandiba, como de sua geografia próxima, como a história de Budião do Mutá, emblemático ladrão de comida que, após praticar seus delitos, tinha por hábito defecar nas panelas por ele esvaziadas. Aliás, Budião teria sido um raro caso de preso da Cadeia do Sal[78] que teria conseguido fugir.

[78] A prisão do Sal localizava-se às margens do rio Jaguaripe, num prédio histórico construído em 1697, na cidade de Jaguaripe. A temida prisão era assim chamada pelo fato de os encarcerados serem submetidos às celas onde, em épocas de marés cheias, a depender da estatura do condenado, a água ficava na altura do peito da pessoa ou afogava. Raros foram os casos de

É na resenha do samba que se torna possível ouvir histórias sobre o criativo e insolente Dondon, um personagem que, por volta dos anos 1930, usava o sapato invertido para não ser perseguido pelos subtraídos e pela polícia.

2.2 - Oh minha filha, onde é que você tá?

Tô no samba mamãe, em Matarandiba.
É o samba Voa Voa, de Matarandiba.[79]

O samba existe, resiste e (re)existe em Matarandiba, desde os tempos mais remotos. Segundo Bad, os avós dele já falavam do samba em Matarandiba da época em que eram crianças. Ou seja, dos velhos que vieram do período pós abolição, visto que Dona América e seu Carmelino eram da primeira metade do século XX.

Como me contou dona Mercedes, a relação com o samba de dona Catarina do Prato, de dona Izidia, de Dona América de seu Carmelino, todos contemporâneos, assim como dona Dona Nazinha, dona Alzira e o velho Vaqueiro se daria nas lavagens das fontes, nas festas de santos juninos e nas comidas feitas na varanda do casarão de um senhor conhecido por Laurêncio, entre as décadas de 1930 e 1940, na fazenda do Caboto-Guará.

A ilha de Matarandiba, antes de 1962, estava sob auspícios administrativos de Itaparica e, como sublinha dona Angelina Guedes de Souza, dona Gela do Prato, era somente uma pacata vila de marisqueiras e pescadores encantada nos segredos longínquos no mar de Todos os Santos.

O samba parece ter sido contínuo em manifestações da ilha, ainda que de forma apenas recreativa. Os ecos dos batuques nas festas de aniversário, nas festas de casamento, nas moquecas e escaldados nos quintais entre famílias são ininterruptos na memória coletiva, mesmo entre os cooptados pelo dito neopentecostalismo desagregador.

Sambar em Matarandiba sempre foi prerrogativa do povo da maré em seu dia a dia.

---

prisioneiros que sobreviveram à Cadeia do Sal ou conseguiram fugir. Atualmente o prédio é tombado pelo IPHAN e serve a funções político administrativas.

[79] Trecho do samba *Voa Voa Maria*, do Voa Voa Maria.

Saltando das memórias, feito peixe *solteira*[80] nas marolas mornas de maré de enchente, o samba é marcante nas falas do povo mais ligado a cultura, sendo prólogo e epílogo das tradições iniciadas com os festejos juninos, até as festas de São Gonçalo, do Aruê e pelo mês de janeiro adentro.

Entre os batuques das legendárias marisqueiras com seus cantos de labuta cotidiana, colhendo seus frutos do mar, lavando suas roupas e utensílios nas fontes hidrominerais da ilha, o samba veio amadurecendo laços afetivos relevantes.

Foram as múltiplas jornadas e representações de vidas no mar, elos ressignificadores e a tábua de compartilhamentos experienciais sobre marés, integrando ao resgate do samba, fazeres da oralidade, em cuidados de alteridade para com a memória do lugar e com memórias de comunidades vizinhas, como a vila de Baiacus, Cações, Jiribatuba, Tairu, Conceição, Mutá, Encarnação, Pirajuía, entre outras.

Tão imprescindíveis ao resgate e à preservação do samba, assim como de todo o mosaico cultural da ilha e das mulheres mestras do samba de Matarandiba, com destaque nesse cenário as mais antigas, como dona Gela do Prato, dona Didi, dona Angelina, dona Mercedes e dona Marica.

Como em quase todas as comunidades de Vera Cruz, como Tairu, Ponta Grossa, Baiacu, Campina, Aratuba, Jiribatuba entre outras, em Matarandiba a força da mulher protagoniza uma diversidade imensa de atividades, fazendo lembrar a força feminina na civilização Cuxita e suas Candaces sudanesas. Mulheres em sororidade profunda, que se alentam na lida dos mariscos, que se amparam às agonias patriarcais; quer enxugando lágrimas de dores e aflições, quer partilhando álacres sorrisos de boas marés e samba.

Preciosos são os laços, tão firmes e sinceros, entre o povo do mar, quanto os que unem as marisqueiras em sua labuta diária nas marés e, em suas jornadas de luta como cumeeira econômica familiar. Aliás, as tidas comadres da maré criam elos de irmandade que transcendem a mariscagem pela maré e, alastram-se pela vida inteira, quer na reza, na prosa, no colo, no samba, na morte, na sorte, no parto, no mar.

---

[80] Peixe conhecido com vários nomes pelo litoral brasileiro, tais como guaivira, guaibira, solteira, tibiro, pamparrona, tiburo, cavaco, tábua, goivira, entre outros nomes regionais. Com carne rica em ferro, é um peixe de couro muito apreciado no norte e no nordeste do Brasil, embora tenha baixo valor comercial. Em épocas de maré de enchente, é facilmente observável seus movimentos de saltar sobre as ondulações provocadas pelo contato do vento na maré.

São as mulheres de Matarandiba as grandes e principais guardiãs da cultura e, desta forma, impõem-se como as donas de imensurável bravura pela sobrevivência pela maré. Seja no Matange, local tradicional de mariscagem na Geografia de Matarandiba, seja no Pontal (fazenda nos limites de Matarandiba em direção a Ponte do Funil, próximo da lendária fonte do Tororó), em cada palmo de maré em Matarandiba, lá estão as mulheres da ilha e de outras comunidades.

Arriadas ou agachadas, como que em permanente oração à dona do mar, assemelham-se à deusa das lamas sagradas do mundo dos orixás, como se fosse uma legião de Nanãs.

Parecem herdeiras reais da velha Nanã Buruku[81], em seus movimentos cadenciados em seus invisíveis ibirís[82], na dura vida da maré.

Há tempos que a força da mulher na contracosta da ilha de Itaparica e nas cidadezinhas do Recôncavo, vem se revelando motor incansável de perpetuação familiar e cultural.

Em Pescadores da Modernagem: Memória e conflito social na Ilha de Itaparica, Wellington Castellucci cita:

"*mulheres e crianças, munidos de panacuns, balaios, de cipó, jererés, pequenas facas e colheres, agachadas e ciscando a areia da praia para dali retirar um dos alimentos da dieta alimentar*" (Castellicci, p.166)

Essa força feminina é tratada no artigo de Elizabete Rodrigues da Silva, sob o título *Resistência inventiva das mulheres fumageiras do Recôncavo baiano (2013)*, assim como em vários outros trabalhos acadêmicos, entre os quais, *os processos de protagonismo de mulheres negras no Recôncavo da Bahia: O samba de roda como mediador das relações cotidianas* (2015), de Francimária Ribeiro Gomes e Laila Rosa.

Conforme observado por Fernanda Queiroz (2020), todas as mulheres da pequena comunidade de Matarandiba, em algum momento, tiveram seus corpos tocados pela força

[81] Nanã é considerada a orixá senhora da criação, bastante temida por sua intransigência e austeridade. É a Yabá anciã da sabedoria que habita as lamas dos manguezais e dos pântanos. [82] Apetrecho indispensável à indumentária da Orixá Nanã, feito com cabaça, palhas da costa, contas e nervuras de folhas.

do samba de roda e, com esses corpos, deram continuidade a uma prática que está presente em diversos momentos da vida cotidiana. Como elas afirmam: "tudo em Matarandiba acaba em samba"

> *Meu cajueiro, venha brincar, o senhor dance direito, para o galho não quebrar*[83]

Antes da chegada da empresa mineradora, em 1976, ao que consta em parcos registros orais, já havia uma vila de Marisqueiras e Pescadores, que remonta ao século XIX, conforme contam os mais velhos e as mais velhas, por transmissão de seus entes mais diretos.

Com o passar do tempo, estudos geológicos evidenciaram já na década de 70, uma considerável bacia de sal gema no subsolo de Matarandiba, colocando a ilha na rota dos famigerados processos de concessões federais ao capital transnacional, em plena época de ditadura civil-militar no Brasil.

A chegada dessa empresa mineradora no correr da década de 70, entre outras coisas, inaugurou um delicado processo ambiental de aterramento do mar para viabilizar as atividades empresariais, num severo crime ambiental, documentado e comprovado por técnicos.

Coadunado com os entes políticos do já emancipado município de Vera Cruz, do estado da Bahia e do governo federal à época e, sem qualquer plebiscito ou atenção com os moradores e suas atividades tradicionais ligadas à maré, foi ligada à ilha de Matarandiba ao continente, na altura da rodovia estadual BA-01.

Esse fato produziu e continua produzindo sombrios efeitos de desequilíbrios ambientais.

São reflexos nefastos e diversos, à toda comunidade, tendo alterado o fluxo das marés e o comportamento instintivo de espécies locais, conforme mostram estudos encomendados pela ASCOMAT.

---

[83] Cantiga em forma de samba, entoada na manifestação cultural do Cajueiro em Matarandiba, durante o mês de janeiro.

Nesse sentido, o motivo desse esclarecimento é, também, visibilizar as lutas contra essa hecatombe ambiental, elevando o nome da ilha que foi covardemente transformada em prolongamento de um território do capital minerador multinacional.

Portanto e por tudo, a pesquisa trata do samba da ilha de Matarandiba que, um dia, estabeleceu-se como Vila por identidade numa ilha solta ao mar, de vigorosa cultura afro-indígena produzida por marisqueiras e pescadores, evidenciando a força desse arsenal cultural como freio ou força de construção de diálogos, assim como pontes ressignificadas entre as partes constituintes desse esgarçado sistema no lugar.

É esse o painel emoldurado por mulheres insulares da ilha de Matarandiba, no Voa Voa Maria ou em outras manifestações fruto de reminiscências locais do samba. Um samba que se achega em rodadas saias de chita, multicoloridas, plurais de encantos, pleno de saberes, nobre de potências femininas atemporais.

Seja no antigo batuque com pandeiro de pau de jenipapo ou no tambor de tronco de coqueiro, "amansado" ou escavado com fogo. Seja conversando com a velha campanha de barro encomendada em Maragogipinho ou, no couro da cotia e no lombo da jiboia, o samba sempre ecoou em Matarandiba, em meio as canoas centenárias Barroso e 7 léguas, nas marés secas de lua grande, nas marés de enchentes festivas do calendário em fases diversas.

A água doce da fonte do Tororó que beija o balaio de sal das águas de Iemanjá e alimenta o preservado manguezal, chama o samba do Voa Voa Maria a acolher demandas ambientais no seio do mar. E, não há como dissociar o fazer conscientizador do samba, do fazer integral ao bem do cenário que oferta amenidades aos pescadores, às marisqueiras e a todo povo do lugar.

Como disse o cancioneiro popular Raimundo Cleto do Espírito Santo, o compositor soteropolitano Tião Motorista, reverberado pelo revolucionário Carlos Marighella, no limiar da assombrosa ditadura civil militar no Brasil (1968/1984)*:*

> "...Quem samba fica, quem não samba vá embora, se é homem, meu senhor, se é mulher, minha senhora, vou pra Bahia pra ver vapor correr no mar (...)

Baía de Todos os Santos, em seus cheiros, seus sons, seus movimentos, suas idílicas cenas, suas ilhas paradisíacas, seu samba de roda que, como azeite, lambuza-se em poesias, resistências, resiliências culturais salvaguardada, primordialmente, pela força inalienável do corpo feminino no samba do mar.

É assim em Matarandiba; é assim em ilha de Maré; é assim na ilha do Paty e é assim em várias ilhas, entre os mais de 50 territórios insulares que compõem a Baía de Todos os Santos.

Mar do samba de roda, na roda de samba do mar, na fímbria dos tempos do samba de roda, fortalecido e revigorado no ano de 2004.

Talvez pelo reconhecimento e pela patrimonialização do gênero, seja 2004 um ano tão valoroso e emblemático, tanto para cultura diaspórica africana, elencando quadros relevantes de visibilizações, quanto de revisitações e de despertares essenciais ao fazer no samba.

O ano de 2004 foi um ano de ajustes de contas históricas, sobretudo na geografia mais profunda do samba de roda, em seu berço maior: o Recôncavo da Bahia.

No vaivém das águas, o samba parece fôlego do povo do mar em seu caminhar pelos mangues, rios e bocas de marés, numa reinvenção constante do batuque, aos moldes femininos, como acesso de resgate na herança banto, sobretudo na contracosta da ilha de Itaparica, de Vera Cruz e pelos baixios do Recôncavo.

Sem tirar o pé do chão, num miudinho ancestral e delicado, o ano de 2004 marca um instante divino de conquistas do samba e, com o samba.

Foi a materialização institucional de justas reparações, por órgãos respeitados no Brasil e no exterior, sobre os cuidados do Ministério da cultura e do IPHAN, reconhecendo o Samba de Roda como patrimônio cultural, fora do eixo Rio-São Paulo, conjugado ao reconhecimento pela UNESCO do Samba de Roda como patrimônio cultural imaterial da humanidade.

O pós abolição é repleto de casos que evidenciam lutas agônicas, tanto para dissociar o gênero das duras pechas do preconceito, que lhe associavam à vulgaridade, a marginalizações subversivas, quanto para extirpar os discursos racistas que vinculavam, pejorativamente, o samba a *coisa de preto*, de gente menor e sem cultura. O samba como matriz depauperada de mediocridade melódica, rítmica e harmônica, como observado por

Bucy Moreira, filho de tia Ciata, em depoimento contido no livro de Roberto Moura Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro (1995).

Wlamyra Albuquerque em seu artigo intitulado “Samba no sobrado da baronesa: liberdade negra e autoridade senhorial no tempo da abolição” aponta em seu artigo, um pouco desse trato virulento ao samba no pós-abolição: “*Quando foi pressionado pela vizinhança incomodada, o subdelegado julgou ter encontrado a melhor oportunidade para pôr ordem naquele “valhacouto”, mantido aberto dia e noite, naquela quanto noutras ocasiões em que a canalha desenfreada e ébria se entregava ao samba*” (Albuquerque, Revista Brasileira de História, 2018 – p.174).

O tom ensopado de ódio, preconceitos e ranços coloniais direcionados ao samba de roda, sobretudo no pós-abolição, conforme citado anteriormente, é efetivamente reescrito pelo reconhecimento do gênero pelo IPHAN e, no ano seguinte, pela ratificação patrimonial da UNESCO.

Esse ato reparatório cultural foi importante marco num país com um histórico de políticas e discursos racistas que procuravam omitir, diminuir/ou embranquecer as participações e criações negras na construção sociocultural, estética e negra (DÖRING, 2016, p. 17).

Bastante celebrado pelo território baiano, destacadamente nas comunidades do Recôncavo da Bahia, nas aldeias pesqueiras, nas ilhas da contra costa de Itaparica e Vera Cruz, o samba de roda correu mar e retomou territórios de identidade.

Na barra da saia da baía de Todos os Santos que abençoa o Recôncavo, na doçura das águas doces de Oxum, na "quadrada das águas perdidas", conforme citou o violeiro sertanista Elomar Figueiras de Melo, sob testemunho do velho Paraguaçu em suas perigosas coroas da barra, o samba chegou no oco do toco do pau miúdo, inicialmente na sacola da oralidade banto, como cita o poeta santamarense Roberto Mendes.

Entre águas de manguezais, sombra de coqueirais, imponentes dendezeiros, densa mata atlântica e uma profusão de cheiros e paisagens deslumbrantes, de tantas contas, conchas, palhas e causos, é que o batuque se casa com a viola machete, nos possibilitando jogar luz nos fazeres e saberes das mulheres do samba de roda.

Ainda que o samba de roda de Matarandiba não tenha tido viola machete em sua configuração original, é impossível não associar o nascimento do gênero pelos baixios do

Recôncavo e pela costa e contra costa de Itaparica e Vera Cruz, com a chegada dessa viola por mãos, vinda possivelmente da Ilha da Madeira ou de Braga, pelas mãos dos negros sudaneses.

Eis aí um contraponto inusitado, sendo essa viola incorporada ao batuque banto que ali já existia há mais de duzentos anos por terras do Recôncavo. E, por registros históricos, será o fechamento da baía do Benin, no século XVIII, o acontecimento de inflexão espacial que, segundo Roberto Mendes, iria definir as bases estruturantes e fundamentais do samba de roda pelas terras do interior da Bahia.

Esse evento ligado à macabra travessia de povos escravizados africanos pelo oceano Atlântico em direção à famigerada América colonial cristã escravista, ajudou na costura do samba de roda em seus tipos e desdobramentos, como a chula, o samba amarrado, a umbigada, o barravento, o samba corrido e o samba martelo, apenas para citar alguns.

Em Matarandiba, como saveiro redentor na travessia pelas águas do Jaguaripe, entre inquices, voduns e orixás, o samba de roda fez sua morada pela luta e pela labuta em saias de marisqueiras.

Conforme Munanga (2006), o corpo foi o principal veículo de resistência e transgressão. Por meio dos jogos, das festividades, da dança, das cerimônias religiosas de iniciação, das ervas ingeridas, da transformação dos alimentos, das intervenções estéticas no corpo e, sobretudo, nos cabelos, os negros recriaram tradições, inventaram novos símbolos, guardaram a memória ancestral e as ensinaram às novas gerações. E assim o é. Corpos pretos atravessados por reminiscências duras nos labores do mar, como grande despertador daquele patrimônio encantado no silêncio dos discursos coloniais, mal contados ou apagados em suas tramas pós-abolição.

Sempre cuidado pelas mãos de velhas marisqueiras, como dona Catarina, dona Alzira, dona Nazinha, dona América de seu Carmelino, num tempo profundo e sem diversões urbanas da modernidade, na antiga fazenda do Caboto ou, na faina das lavagens nas fontes, o samba de roda de Matarandiba foi resguardado em sua história secular, nas memórias mais antigas de moradoras como Tia Dina e as menos antigas, dona Angelina Gonçalves Santiago e dona Marivalda (solista, compositora e sambadeira). Ora pelas

cantigas reverberadas na mariscagem do chumbinho, da ostra, do sururu. Ora relembradas, despretensiosamente, nos instantes raros de preguiças urgentes e merecidas.

Matarandiba foi positivamente afetada pelos acontecimentos de 2004 ligados a salvaguarda do samba de roda como patrimônio imaterial pelo ministério da cultura, na figura do ministro Gilberto Gil, durante o primeiro mandato do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sendo um ano chave ao samba de roda de todo o Recôncavo, trazendo em si uma gratidão histórica, de amálgamas, de pertencimentos apagados há tempos, também na ilha de Matarandiba.

Nessa ambiência de resgates, vivências e retomadas de potências locais, a ação voluntariosa de um grupo de marisqueiras e pescadores, fez renascer em 11 de abril de 2009, com o nome Voa Voa Maria, o adormecido samba do lugar.

Reincorporando-se e, reacomodando-se a esse trepidante tempo pós-global de efemeridades, o samba Voa Voa Maria reinsere-se e, se reinscreve como matriz crucial da ilha de Matarandiba, protagonizado pelo feminino, parecendo auxiliar no resgate e na preservação de todo o riquíssimo mosaico cultural local.

Com raízes bem fincadas em Matarandiba, o samba de roda Voa Voa Maria vem assumindo lugar de destaque em frentes diversas, contribuindo sobremaneira, inclusive, na compreensão de urgências feministas emancipatórias, em remodelamentos normativos na ilha, buscando rechaçar algumas regras e até promovendo reconfigurações nessas recentes discussões.

No embalo da patrimonialização do samba e seu resgate como genuína manifestação do lugar, ainda em 2008, é criada a Associação sociocultural de Matarandiba (ASCOMAT), contribuinte com ações que articulam universidades, comunidade, capital privado, editais públicos e ações altruístas que fortaleçam ainda mais o samba de roda, como bastião legítimo de reivindicações e, como ferramenta de atração de políticas públicas diversas à ilha.

Com cenário de reivindicações e apelos, o samba de roda Voa Voa Maria, na comunidade de Matarandiba, passa a se organizar em torno das práticas comunitárias e de políticas públicas, reelaborando maneiras de viver suas práticas culturais. O samba de roda, tão simbólico no bucólico cotidiano da ilha de Matarandiba, impõe-se como engrenagem possante, ressignificando vivências e saberes agenciados no tempo.

A fundação Palmares, órgão do governo federal, sob liderança de Zulu Araújo, já no dia 11 de abril de 2009, anunciava em seu site a apresentação do grupo Voa Voa Maria, marcando oficialmente o definitivo resgate do gênero na ilha e, sacralizando o Largo do Tamarineiro, localizado no centro comunidade, como grande referencial espacial desse reencontro imaterial, possibilitado pelo resgate da memória ancestral.

O nome Voa Voa Maria foi herdado de um trecho de um samba cantado pelos antigos, resgatado da memória de dona Marica (Marivalda Purificação dos Santos) e dona Angelina Santiago, sugerido pelo tocador Genebaldo.

A retomada definitiva ocorreu com apoio da Associação Sociocultural de Matarandiba (ASCOMAT), do Ministério da Cultura, do projeto ECOSMARITES/UFBA, da prefeitura Municipal de Vera Cruz e da Associação Comunitária de Matarandiba.

Num dia memorável, o samba de roda, na figura do Voa Voa Maria e por mãos fundamentais femininas, retornou soberano à Matarandiba, com apresentações de outros sambas de comunidades vizinhas, como o samba de roda de Mutá, de Cações, da Gameleira e de Encarnação.

Era assim retomada, por iniciativa protagonista das marisqueiras de Matarandiba, a principal matriz cultural da ilha, (re)encravando suas estacas de fortes raízes africanas em Matarandiba, definitivamente.

Sem as mulheres da ilha, o samba de roda não teria feito morada permanente em Matarandiba. Inclusive, talvez, jamais teria sido possível, sem essas guardiãs da rica memória, torná-lo um grande agente de desenvolvimento sustentável solidário na ilha que, há tempos, possui sua moeda própria (a Concha).

Em sentidos inversos, a continuidade da tradição como cena fundamentada na memória, alia uma relação dialética entre o tradicional e os novos paradigmas do pós-global, aprofundando o envolvimento da comunidade via relação histórica, atravessada por laços familiares sedimentados no samba.

Em igual tempo, os fazeres do samba acabaram se relacionando com motes sócio-políticos e estratégicos que se inseriram nas dinâmicas das práticas culturais e na economia de Matarandiba. Com isso, o samba de roda, enquanto rito ancestral de proeminência feminina no lugar traz novos paradigmas e horizontes, nas

vivências-agências vividas por aqueles corpos das marés, justamente por conseguirem consubstanciar a tradição aos inevitáveis processos de renovação.

A história do samba em Matarandiba indica estar relacionada ao extremo contato com o Recôncavo e suas memórias contidas no batuque banto ou samba de umbigada que, personificado como o cabila e o semba de Angola, do Congo e ritmos de Moçambique, acomodando-se pelas ilhas, entre idas e vindas de negreiros pelas águas de Todos os Santos.

Numa conversa informal à beira do portinho, ouvi que Matarandiba, assim como as vilas vizinhas de Vera Cruz e Itaparica, mantinham uma estreita relação com as cidadezinhas do Recôncavo, como Nazaré das Farinhas, Jaguaripe, Salinas da Margarida, Maragogipe, muito em função das distâncias para a capital, da precariedade estrutural, dos longos intervalos e interminável tempo de viagem dos chamados navios vapores.

Em certos instantes do ano, as relações com o Recôncavo chegavam a ser mais constantes do que com a capital Salvador, conhecida como a *cidade da Bahia*.

As tramas econômicas e culturais eram atadas, entre essa região do estado Bahia, por meio do difícil transporte marítimo na Baía de Todos os Santos até Salvador que, na rampa do mercado, assistia o escoamento de frutas, caxixis, palhas, panacuns, samburás, tijolos, piaçavas, muzuás e pescados diversos produzidos na ilha e no Recôncavo.

Em pescadores da Modernagem Castellucci Júnior (2013), relata a intensificação das transformações de toda essa área, já emancipada desde 1962, com o nome de Vera Cruz, conseguindo recolher importantes depoimentos sobre as mudanças naquele trecho da ilha que, desde então, passou a definir suas fronteiras culturais e identitárias como identificadores espaciais nas tábuas do pertencimento.

A partir da década de 70, com a instalação do sistema Ferry Boat, em Bom Despacho e, a instalação em Mar Grande do sistema de lanchas fazendo a ligação com o comércio de Salvador, além da construção da malha rodoviária ligando a ilha ao continente pela ponte do Funil, afetou a relação de Matarandiba com suas antigas regiões do Recôncavo que, com o tempo, foi se alterando gradativamente.

Apesar de todas as alterações espaciais notadas na ilha no correr desses últimos períodos, a maneira de se viver permanece ainda muito ligada à cultura das marés, aos lançamentos desta, seus reflexos na atividade das muriçocas e dos peixes, aos ciclos de luas

grandes, a dinâmica dos ventos e as plurais tradições e festejos ligados a iniciativa de marisqueiras e alguns pescadores.

Matarandiba, como uma ilha constituída fundamentalmente de marisqueiras e pescadores, tem cerca de 900 habitantes, segundo o último censo realizado pela associação comunitária da ilha, em convênio com estudantes da Universidade Federal da Bahia, em 2019.

As principais atividades econômicas permanecem sendo a pesca e a mariscagem, numa comunidade ainda extremamente carente de serviços básicos. A proeminência cultural feminina em Matarandiba tem constituído novas dinâmicas de organização social e, reivindicações no intento de amenizar ou resolver as dores e profundas cicatrizes agenciadas por décadas de atrocidades coloniais, como o forte descaso para com a saúde integral dos seus habitantes e, um difícil acesso à educação pública de qualidade pelas crianças.

A comunidade de Matarandiba conta atualmente com alguns empreendimentos econômicos solidários, sendo eles: uma rádio comunitária, a ostreicultura, a horta agroecológica, a padaria comunitária, entre outros.

O processo de ebulição político-social e de mobilização cultural da comunidade por resgatar matrizes adormecidas, por anos afins, refletiu na emersão de um grupo de mulheres que resolveu criar uma associação cultural e fazer um trabalho em torno das práticas culturais, fragilizadas ou momentaneamente esquecidas.

A ASCOMAT é composta majoritariamente por mulheres e possui seus laços iniciais nas articulações e diálogos com os mais antigos e mais antigas remanescentes insulares, objetivando reviver a tradição e celebrar o ponto de cultura Voa Voa Maria.

Segundo Fernanda Queiroz (2020), todo o processo de reorganização das manifestações e a implantação dos pontos, foram realizados através de uma metodologia que privilegia o diálogo entre as gerações. Espaços como as rodas de memória são criados para que os mais antigos possam contar como aconteciam os festejos em atividades gravadas, filmadas e fotografadas. Com isso, as manifestações puderam voltar a ocorrer estabelecendo ainda mais os laços dos mais jovens com os mais antigos, refletindo um fortalecimento identitário local.

Reiterando, atualmente a rede se mantém, além dos repasses de renúncia fiscal da empresa multinacional que possui a concessão para exploração da ilha, através de editais públicos e, pela articulação com outras redes.

Há ainda constante mobilização local para arrecadar fundos, como bingos, rifas, etc. Esse cenário de esforços solidários diversos possibilitou a retomada de manifestações populares tradicionais, em muito pelo samba de roda protagonizado pelas mulheres como alavanca central, inserindo-se nessa conjuntura pela reflexão de sua prática, ao vento das transformações na comunidade.

O samba de roda de Matarandiba carrega em seu exercício atemporal, as memórias e os ressignificados que coadunam com sua perpetuação. Nele, embutese cantigas de trabalhos na maré, nas labutas dos tempos escravistas e nos dramáticos enredos do pós abolição, envolvendo dança, ancestralidade e um clamor da estética diaspórica africana. Um samba que expressa o lugar de pertencimentos simbólicos entre o povo negro e suas marcas na planta dos pés. Pés que beijam o chão, conduzindo corpos de quadris soltos, num ritmo que lembra o movimento cadenciado das marés.

Freitas (2018), em sua obra denominada *As folhas Vermelhas do Mangue, uma etnografia sobre os mortos, a morte e a maré*, observa que o samba de Matarandiba transcende a vida e a morte, conforme lhe relatou um antigo morador, Geninho:

> Minha avó contava de uma senhora que morava na ilha e gostava de ficar na janela olhando a rua. Um belo dia, ela viu aquele povo todo passar sambando, tocando tambor e pandeiro. Uma sambadeira veio falar com ela na janela e pediu para segurar um negócio que quando voltasse pegava. Ela ficou olhando o povo passar no samba e não reparou o que estava segurando. Depois, quando viu, se assustou. Era um pedaço de osso de gente. (FREITAS, 2018, p. 71)

Ao fim e ao cabo, o samba de roda das marisqueiras e pescadores da ilha de Matarandiba está intimamente enamorado do seu passado da Fazenda do Caboto, do protagonismo feminino e das trocas com as cidades do Recôncavo, sendo essa região baiana a tábua de significados viscerais na formação cultural de toda essa área da maré da

Bahia. Um território referencial na salvaguarda e na preservação dessa matriz afro diaspórica.

Nunca é demais recordar que, o fato do Recôncavo da Bahia ter recebido considerável contingente de africanos escravizados a partir do século XVI, de distintas regiões da África, acabou possibilitando a constituição dessa região com os traços das heranças culturais desses povos.

Em Matarandiba, assim como em outros cantos de Vera Cruz e recônditos do Recôncavo, o samba de roda é valhacouto que abraça e abriga em proteção, movendo os mais inimagináveis esforços coletivos e particulares, sobretudo pela força feminina.

O samba do Voa Voa Maria vai se fazendo presente em quase todo o calendário de festas populares na ilha de Matarandiba, reacendendo gratidões enquanto memória cultural de corações empoderados e pertencidos às identidades que unem em pontes, no embate constante contra os muros de chapiscos coloniais.

Sabe-se que, quando o samba de roda se tornou Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, trouxe entre seus principais objetivos, sua preservação integral e oficial, por uma série de intentos e atitudes, não só para a valorização e salvaguarda do gênero, como também para desdobramentos socioeconômicos que pudessem gerar renda nas comunidades tradicionais onde o samba viga mestra.

Na esteira desse processo, o Voa Voa Maria agigantou-se e, através da conquista de alguns editais relevantes, possibilitou que fossem criadas oficinas de percussão, de confecção artesanato característico do povo daquele canto encantado do mar, entre outros projetos que possibilitaram geração de renda.

O ponto de memória tia Dina e o ponto de leitura tia Dazinha iluminaram de orgulho e gratidão a ilha, enquanto por outras bandas do Recôncavo, multiplicaramse as oficinas de conserto e confecção das lendárias e essenciais violas machetes e das violas três quartos.

Um importante detalhe a ser acentuado no corpo desta pesquisa, ainda que a tradição do samba de roda de Voa Voa Maria não contemple a viola, é o fato do rigor das pesquisas sobre esse instrumento vindo de Portugal, pelas mãos dos escravizados sudaneses.

Foi um esforço hercúleo para levar a confecção aos moldes fiéis das violas tradicionais, como as produzidas por seu José Cupertino Bernardo dos Santos (seu Zé Carpina), luthier afamado da cidade de Amélia Rodrigues; as confeccionadas por seu Antônio dos Anjos, o "Tonho de Duca", lá de São Francisco do Conde e, as projetadas pelo saudoso Clarindo dos Santos, luthier de Santo Amaro.

Conforme observa o pesquisador e compositor Roque Ferreira, a patrimonialização trouxe a possibilidade de se preservar, em alguns locais de samba, a presença de tradicionais instrumentos, tais como o insistente prato-faca, os potes de barro de Maragogipinho (campanhas), encourados com pele de jibóia e os pandeiros de origem árabe -mourisca que sobrevivem nos carurus de Cosme e Damião, em Saubara Jaguaripe, em Saubara e Salinas da Margarida.

Outra frente fomentou o apoio ao processo de organização do conselho de Sambadores, culminando com a criação da Associação dos Sambadores e Sambadeiras da Bahia (ASSEBA), desdobrando -se na criação de redes de Casas do Samba, com sede em Santo Amaro. Esta casa de Santo Amaro foi comandada até pouco tempo, pela saudosa sambadeira Maria Eunice Martins Luz, a dona Nicinha (nora do legendário seu Popó do Maculelê).

Além de propiciar um conjunto de objetivos que pudessem alavancar e desenvolver políticas públicas de fomento e preservação ao samba de roda, a revalorização patrimonial trouxe também um olhar sobre o fazer de povos e comunidades que, historicamente, foram subjugados e invisibilizados pela endurecida trama colonial.

Nesse percurso, o Voa Voa Maria de Matarandiba, sob tutela e determinação das mulheres, se ancora nesse samba, carregando e produzindo e redescobrindo espaços, resgatando memórias em suas singularidades cotidianas, dialogando com novas pautas. E ainda que sigam preservando suas heranças e sabedorias, continuam sendo acolhedoras pelas diferenças (DÖRING- 2016).

E dessas singularidades se faz o Voa Voa Maria, como batuque banto genuíno da ilha de Matarandiba, nas marisqueiras que emprestam seus corpos atravessados de maré e infinitas subjetividades ao samba, que reinscreve nesses corpos, como demarcador fundamental de novas pautas, novos campos de disputas, renovadas esperanças e novas perspectivas trazidas nos acúmulos entre luas, lutas e marés.

Conforme Wellington Castellucci Junior, em Pescadores da Modernagem (1960-1990), no compasso dos toques dos búzios, homens e mulheres trabalhavam conforme as determinações das oscilações das marés, da lua, dos ventos, e assim planejam todos os ciclos de suas existências. Nesse sentido, encaixa-se no trecho dessa fala, a junção dos ciclos de suas existências ao fazer do samba, como mecanismo de reivindicações, resgates e preservação da memória do lugar.

2.3 - Sambaê, sambá, samba de Matarandiba

O trajeto percorrido até os dias atuais pelo Voa Voa Maria, alimenta-se e se retroalimenta da consubstanciação de destinos irmanados pelo encanto do samba e de seu poder transformador nos caminhos da comunidade.

Caminhos de maré de enchente que trouxe dona Deni de Salvador para Muritiba e, de lá para Matarandiba, acendendo a chama apaixonada pela luta contribuinte no reavivamento da cultura da ilha.

É a mesma maré que, através de Jeane, de Taís, de Lívia, de Denise, de Maura, de Magali, das meninas da associação que acolhe as urgências socioculturais com comprometimento e noção de pertença.

O samba de Matarandiba que cuida, sara, cria vínculos emocionais e desemboca num mar de paixões arrebatadoras, é samba situado entre a simplicidade de sabedorias partilhadas e a partilha desinteressada do amor pela diversidade da arte.

A memória é a esteira rolante de Matarandiba, sendo essa a lógica da ressignificação do Voa Voa Maria.

O Ponto de Memória Tia Dina e o Ponto de Leitura Tia Dazinha abastecem a cultura de esperanças, lançando no samba do Voa Voa Maria letramentos ancestrais na cartilha da maré.

Minha terceira entrevistada, foi a dona Angelina Gonçalves Santiago (AGS), outra memória viva de Matarandiba.

Filha de seu Tourinho e dona Isaura, uma fonte admirável de informações de quase todos os braços da cultura do povo da Maré de Matarandiba.

Memórias tão valiosas que servem como leitos de rios da oralidade a desaguar nas fontes de resistência, do resgate ancestral da cultura de Matarandiba, da preservação imaterial e de transmissão aos mais novos.

Feliz por me mostrar sua nova casa na rua do Cercado, sentamo-nos na sua varanda e a entrevista virou uma alegria em lembranças.

Como filha de Matarandiba, nascida na localidade do Ribeiro, próxima da antiga fazenda do Caboto, dona Angelina me narrou que essa beleza e essa força que o Voa Voa Maria carrega, vem de lugares da ilha onde o samba se aninhou, lá pros lados do Caboto, onde morava um certo Bieco e em outros cantos desse mesmo caboto, onde um certo sr Graçuliano e uma senhora de nome Florzinha eram donos.

Pela narrativa de dona Angelina, que coincide com trechos dos relatos de dona Mercedes e dona Gela, as lembranças do samba do Caboto são sempre de diversão, de alegria e de uma inocente maneira de distrair a carente comunidade, precária de acessos outros.

Segundo ela, foi morar uma senhora em Matarandiba, da comunidade vizinha de Baiacus que trazia um samba diferente, que não era o samba que se fazia pelos antigos em Matarandiba.

Essa senhora se chamava Dona Mariazinha, que tinha um neto chamado Germano. Ele era tocador de batuque e ela tirava as modas de improviso, cantando sozinha, com a casa toda trancada, conforme segue contando dona Angelina:

AGS: Aí, a gente batia na porta dela e ela sem querer abrir. Quando ela abria aquela porta, rapaz... A gente entrava e era samba até de manhã. (...) ela não era bem minha vizinha. Morava mais para cá. Ali onde tem a casa de Hermoginho, o pastor. Ela era de samba duro, mas nunca participou de samba nenhum aqui da ilha. Ela só fazia cantar em casa. Aí o povo foi pegando aquela alegria, aquela coisa daquele samba. E ela já tinha ensinado aquele samba a Catarina, a Izidia, que ensinou a sua filha Marica e se juntou com o samba daqui de outras pessoas. Aí a gente falou: tem que retornar com esse samba.

Questionei, respeitosamente a nobre senhora: dona Angelina, o Voa Voa Maria tem alguma relação com os sambas dos velhos do Caboto e com os sambas que as famílias faziam em seus quintais?

AGS: Olha, o Voa Voa é outra coisa. Mas, como lá atrás, é um samba trazido pela força das mulheres. Agora botou as vestes e organizou, porque não tinha essa coisa dessas roupas organizadas. A gente ia com qualquer roupa e sambava com o pé no chão. O samba é a cultura mais importante daqui, pra mim, porque é um pouquinho de tudo de samba da ilha. O samba e o povo daqui tem essa alegria. Dizem isso e, é verdade, tudo acaba em samba aqui em Matarandiba. No samba, todo mundo vai.

Dona Angelina me conta que observou Matarandiba se transformar demasiadamente depois que o samba Voa Voa Maria passou a existir oficialmente.

Cita como o samba fortaleceu as outras manifestações e Matarandiba ficou muito conhecida em todo canto. Nas palavras dela, vem gente de fora do país conhecer a natureza e a cultura de Matarandiba, mas, fazem questão de ver o samba.

Em sua memória elástica, Matarandiba sempre foi um lugar desconhecido que ninguém frequentava, podendo ser acessado apenas por saveiros, por velhos navios ou pelas canoas vindas do interior do Recôncavo.

Matarandiba era uma ilha que parecia solta no meio do mar, até o Voa Voa criar as suas pontes simbólicas, seus vínculos territoriais e abrir novos caminhos e perspectivas.

O samba do Voa Voa Maria mostrou Matarandiba para o mundo, evidenciando toda cultura do lugar, trazendo muito da força de luta pela ilha que o padre Argemiro botava em suas missas e homilias.

Em 2008 a ideia de recriação do samba veio à baila em Matarandiba, durante um leilão para arrecadar fundos, sendo formalmente oficializado em abril de 2009, entre as lágrimas de dona Deni, temerosas de perder um edital por pura burocracia e a obstinação pelo retorno de um gênero.

O resgate do samba de Matarandiba, enquanto Voa Voa Maria, está associado às lágrimas espontâneas e tristes da ativista cultural Dona Deni que, aos prantos, insistia: Moço, *esse dinheiro não pode voltar. Esse dinheiro é para fazer o samba de um povo, lá em Matarandiba.* Era o primeiro edital ganho, entre muitos que vieram depois, pelo Voa Voa. Depois, a ASCOMAT foi fazendo outros com a força do Voa Voa e, assim, foi ganhando todos.

Matarandiba passa a acessar políticas públicas através do samba, principalmente numa ilha que possui moeda própria. Houve grandes melhorias na arte depois de todos

esses editais e prêmios. A prefeitura passou a olhar diferente para Matarandiba. A Dow Química também passou a olhar diferente para a ilha.

A Associação Sociocultural já não paga mais aluguel. O vereador de Matarandiba, Lico, olhou para a cultura, conseguindo junto a prefeitura um espaço que era da antiga escola. O Voa Voa Maria agora tem sua casa e não precisa mais pagar aluguel. A prefeitura começou a exercer sua função pública de proteção da cultura de Matarandiba.

Uma frase de dona Angelina me tocou com maior força:

AGS: Antigamente os padres vinham da capela de Jiribatuba rezar as missas em Matarandiba e ajudavam comprando tecidos para cultura da Ilha. Ajudavam para fazer as roupas. Eles viam a alegria daqui. O samba de Matarandiba vem lá de trás. Vem da lembrança da memória dos pescadores e das marisqueiras.

Dona Angelina lembra o papel do Largo da Tamarineira, da capela do Senhor Santo Amaro, das folhinhas miúdas atiçadas pelo vento no Tamarindo celebrando a volta do samba Voa Voa Maria.

O ar foi se enchendo de saudades, quando dona Angelina ia recordando tocadores batendo no couro dos tambores, com algumas marisqueiras recémchegadas da maré indo para suas casinhas se vestir como sambadeiras.

Em Matarandiba, o Voa Voa Maria resgatou o cantar feliz na maré e, politicamente, trançou todos os sambas do lugar numa só manifestação.

Nas falas saudosas da velha senhora Angelina Santiago, vinha contido um arsenal de elementos fundamentais que, definitivamente, ratificou cada bailar de saias de chita, cada umbigada, cada flor de sorriso, cada gota de suor pelas peles de veludo em cor azeviche.

Ficou nítido que o Voa Voa Maria é uma nave mãe a conduzir a comunidade em suas agências particulares de vida e suas subjetividades na maré, além de seus desdobramentos pela urbe, entre Vera Cruz, Itaparica e a metrópole Salvador.

Dos sambas no chão de areia branca, cravejada por folhas de aroeira, São Gonçalinho ou pitangas, o Voa Voa brotou benzido por folhas sagradas em cada quintal, em cada casinha de pescadores e marisqueiras, pela vastidão do Caboto e das inúmeras fontes de água mineral da ilha, voando com suas Marias.

Com apresentações como participante de outro show no teatro Castro Alves, no Largo do Pelourinho, na cidade de Nazaré das Farinhas, em Jaguaripe, em Itaparica, em Mar Grande e, até mesmo de forma improvisada num encontro em São Paulo, o Voa Voa Maria joga luz permanente em toda cultura dessa micro localidade no fundinho inusitado da Baía de Todos os Santos.

Venho conseguindo compreender o samba de Roda Voa Voa Maria à luz de convites ao tempo do coletivo, operando achegas inimagináveis entre grupos de todos os territórios de Matarandiba, produzindo teias e malhas poéticas entre a pesca e a mariscagem, com cuidados e afagos que se espalham numa coesão coletiva de energias substanciais, fortalecendo Matarandiba a cada lua grande.

A pandemia que assombrou o mundo, emudeceu os tambores de Matarandiba, as vozes das sambadeiras, a poesia das águas, a alegria do luar. A maldita novidade, apresentou uma extrema necessidade de afastar o que sempre foi unido. Estar juntos e juntas, talvez seja um pedido recorrente nos Aruês de fim de ano. Mas, foi preciso se cuidar e cuidar de quem cuidava, fosse nas rodas da fé, nos meneios da esperança ou, na espera da caridade provinda dos mistérios da maré, do manguezal e do vento ao luar.

A ASCOMAT teve papel ímpar nesse momento de aflições, medos e desconfortos convencendo seu povo, dentro de todas as medidas protocolares sanitárias orientadas pela ciência, da necessidade de aguardar um novo renascimento, em tempo de maior segurança.

Nesse sentido, houve uma grande sensibilização comunitária em relação à relevância da Associação Sociocultural, enquanto poita segura num mar revolto de incertezas, de negacionismos, de desprezos pela vida, sobretudo dos mais humildes. Esse tempo de aflições terríveis trazido pela Covid-19, fortaleceu ainda mais o sentido de humanidade vivido no lugar, sobretudo quando houve a morte de um filho de Matarandiba, muito querido na ilha.

O Voa Voa Maria, como bússola maior da Associação, se dotou ainda mais como ator atuante de práticas de lutas políticas por aquilombamento, trazendo o bem a comunidade, mesmo nos períodos de mais severas marés de medo e luto.

Nas esteiras das entrevistas, conversei via celular com dona Deni (Adenildes Santana Vargas Leal - ASVL), uma das maiores referências contribuintes no resgate do samba de Matarandiba, representado e reorganizado enquanto Voa Voa Maria. Ela

confirmou que o grande apoio financeiro que possibilitou a manutenção do resgate cultural do samba veio de um edital do Governo do Estado da Bahia, em 2013, alavancando a fundação do ponto de Cultura Voa Voa Maria.

Atualmente, o Voa Voa Maria, para além de ser um samba de roda, é também um ponto de cultura do estado da Bahia. Sempre que são abertos editais, estaduais ou federais, a Associação Sociocultural de Matarandiba apresenta algum projeto que traga melhorias para toda a comunidade.

Segue a fala de dona Deni:

ASVL: Nossos projetos e nossas propostas, quando a gente ganha, e na maioria das vezes a gente ganha, priorizam ações sociais na comunidade, miram a compra de novos instrumentos, realização de oficinas diversas, reforma de instalações que possam abrigar o Voa Voa Maria e as outras manifestações da ilha.

Falando sobre o protagonismo das mulheres no samba e na cultura de Matarandiba, direta ou indiretamente, Deni corrobora com a ideia de que foi esse protagonismo o motor que trouxe a Matarandiba algumas políticas culturais, seja através de editais, seja por premiações recebidas onde o samba de roda está diretamente envolvido, a exemplo do prêmio da Lei Aldir Blanc, em 2020.

O Voa Voa Maria representa a comunidade, com apoio de parceiros diversos, de boa parte das pessoas junto da Associação com suas 14 mulheres e agentes que fazem captação financeira a partir da renúncia fiscal de algumas empresas envolvidas com a cultura do estado.

Desde sempre, em Matarandiba tudo é samba. Um lugar que respira samba. Seja aniversário, seja casamento, seja no momento de fé. Cada um sempre fez seu sambinha na frente das suas casas, no fundo do quintal.

O samba do Voa Voa Maria é a grande identidade cultural de Matarandiba, consolidada e experienciada no coletivo de pescadores e marisqueiras do Voa Voa Maria. A presença de vários e várias componentes do samba adulto vindos e vindas do samba mirim, Os Filhos de Maria, acena à perpetuação da cultura por uma natural assimilação na raíz do processo de pertencimento à comunidade de Matarandiba.

Entre campanhas comunitárias para arrecadação de fundos, convites de prefeituras do Recôncavo e editais, o Voa Voa Maria vai executando suas atividades, contando exponencialmente com a essencialidade feminina.

Em quase todos os relatos, há menção da importância das mulheres para o samba de roda Voa Voa Maria, em escalas de participação, de comprometimento e de responsabilidade.

O amor pela cultura de Matarandiba é mais aflorado entre o povo feminino e tudo o que acontece na cultura da ilha, é por conta das mulheres. São elas que trabalham assiduamente na maré, de sol a sol, embaixo de chuva, de vento. São maioria entre as famílias de Matarandiba, em muitas delas são a fonte de sustento principal. São elas que seguem mariscando proventos cruciais ao equilíbrio do seu povo, entre muitas violências de todos os níveis.

A base da cultura de Matarandiba assenta-se na mariscagem e na pescaria, sendo o corpo feminino o personagem principal de toda a cultura do lugar. O samba traz orgulho ao morador, à sambadeira, às crianças, a quem se vê pertencido por vínculos diversos, como narra dona Didi, a senhora Dilma Gertrudes de Souza (DGS):

DGS: Olha… para mim é muito bom, porque é uma lembrança que vai renovando a gente, porque é tradição nossa. Eu tenho 77 janeiros, fiz agora mais um janeiro no dia 18 de janeiro. O povo de Matarandiba sempre foi muito animado com o samba e tem muitas músicas daqui mesmo. Eu fico doente porque eu não posso mais ir. As pernas já não aguentam mais. Antigamente a gente fazia o samba de roda em todo lugar, nas casas nas ocasiões de festa, no feriado assim. O samba era a música e a diversão das famílias, né? Hoje não. Hoje o Voa Voa Maria traz a comunidade e faz toda a ilha ouvir nosso samba. Sou nascida e criada aqui em Matarandiba, sou filha mesmo. Puta que pariu, aquele sambinha no quintal, o tac tatac tac tatac, com aquele tamborzinho e a gente cantando no prato sujo de moqueca. Essas mulher daqui de Matarandiba, tem uma energia muito forte. São boas mesmo no samba (...)

Dona Didi sintetizou a grandeza do samba Voa Voa Maria com estreitos laços de africanidade, pelo olhar da marisqueira que viu o vento baixo correr pela canoa nostálgica dos tempos de marés vazantes e hoje percebe as boas brisas vindas em fartas marés de enchentes.

Saí dessa conversa com dona Didi com a sensação de que o Voa Voa Maria é mesmo fruto das mais sólidas heranças culturais negras aqui mantidas, reconstruídas, evocadas e moldadas pelos esforços ressignificados de muitos de nossos e nossas, vindos e vindas das muitas Áfricas, no que Lélia Gonzalez chama de Amefricanidade (GONZALEZ, 2020, página 117.).

A Améfrica, para Lélia Gonzalez, enquanto sistema etno(geo)gráfico de referência, liga-se a tônica de nossa criação e de nossos antepassados, inspirados em modelos africanos, inclusive baseados em códigos originais que, por força de necessidades, urgências e lógica de sobrevivência, precisou de readaptações conjunturais e estruturais, neste caso, até surgir reelaborado no papel do Voa Voa Maria.

E na narrativa da mestra dona Marivalda da Purificação (MP), Tia Marica, na experiência contida em seus 69 janeiros, ficou notório o sentido de diversão lambuzada de responsabilidades, alegrias, nas coletividades balizadoras do Voa Voa Maria, como reinventor e mantenedor de práticas fortalecedoras de toda cultura de Matarandiba.

O mestre é aquele que é reconhecido por sua comunidade, como o detentor de um saber que encarna as lutas e sofrimentos, alegrias e celebrações, derrotas e vitórias, orgulho e heroísmo das gerações passadas, e tem a missão quase religiosa de disponibilizar esse saber àqueles que a ele recorrem. O mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo e assume, por essa razão, a função do poeta que, através do seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora, que irrompe para dignificar o presente e conduzir a ação construtiva do futuro (ABIB, 2006, p.92).

Dona Marica, enquanto uma mestra, cita a elevação da autoestima dos participantes que, por reflexo, contagia a comunidade, canonizando o Voa Voa Maria como o grande espelho da cultura e definidor dessas águas de luas em samba de roda.

Como em outros pontos do Recôncavo e da ilha de Itaparica, em Matarandiba o samba de roda era nomeado como “samba de velho”, segundo me disse dona Mercedes (Maria Mercedes Pereira -MMP):

MMP: Estes velhos e velhas formavam a roda de samba, em algumas épocas que começava logo que a lua aparecia nos lados do povoado de Encarnação. Aqui não tinha luz elétrica. Era tudo escuro e a luz era da candeia de Deus, do Aladin, do bibiano ou da bossa nova. O samba comia solto, da noitinha até o amanhecer do dia”.

Essa passagem de memória de dona Mercedes, me remeteu à entrevista realizada com a sambadeira Taninha, dois dias antes, num recorte avassalador de emoções que unia o samba de antigamente dos velhos, o luar e a brincadeira de roda das crianças no Alto do Cruzeiro, como alternativa a proibição de crianças participarem do samba.

Entre as muitas histórias sobre o samba de roda de Matarandiba, o pessoal da família Freitas, ligada aos falecidos dona Nonoca e o velho Mussinho, pelas amáveis figuras de Renata Freitas (não confundir com a pesquisadora Renata Freitas Machado) e de sua mãe Tânia Freitas, me apresentaram um arsenal robusto de memórias familiares, como a mesma talha de armazenar água, feita de barro do século XIX, confeccionada para os lados de São Roque. A mesma cama, onde parteiras trouxeram à vida muitos pescadores e marisqueiras.

Da sala ao lado de onde estávamos, quando vem à tona o assunto sobre parteiras, dona Raimunda emenda na conversa: *aqui em Matarandiba, quando nascia menino, corriam pro cartório de dona Bizuca para fazer o registro, lá em Jiribatuba. Jiribatuba antigamente, era Santo Amaro do Catú. Tudo daqui era lá…".*

Apresentaram-me uma substância em forma de pedra, um tipo de breu branco, retirado de uma determinada espécie de árvore da Mata Atlântica conhecida como morcegueira. Essa pedra chamada amescla, com vários benefícios na questão respiratória, era posta nos potes e talhas de água como tradição comunitária, deixando a água com um gosto característico, sendo um hábito secular na comunidade.

Após muitas recordações, muitos afetos passados e nostalgias, o samba do Voa Voa Maria vira assunto na voz descontraída da costureira, marisqueira e sambadeira Taninha Freitas (TF):

TF: Eu costuro, sabe Walmir. Um belo dia eu avisei pras freguesas lá de Salvador: Olhe, eu não recebo ninguém. Eu não costuro pra ninguém, porque eu vou pra ilha, pro samba. Aí elas disseram: mas o que essa mulher vai tanto pra essa ilha pra sambar? Eu disse: claro, agora que levantou o samba Voa Voa lá em Matarandiba, toda uma cultura dessa, eu vou perder? Olhe Walmir, eu gosto tanto do samba que, eu sambo sozinha dentro de casa. Eu to no fogão, eu tô sambando. Eu me levanto da máquina, eu tô sambando. Eu vejo samba na televisão, eu tô sambando junto. O samba é a origem da gente, que traz um poder muito grande. Aqui em Matarandiba, em primeiro lugar, é o samba. A gente ia pro mato catar

lenha, pegar cajú, pegar manga e já ouvia o samba dos velhos. A gente entrava no mato e cantava tanan caipora, tantan… pra ela achar que era o presente dela. senão ela mudava o caminho e a gente se perdia. E do mato ficava ouvindo o batuque. À noite, quando tinha samba na maré, se via muito era o facho batendo nas coroas. Era a beatatan. Eu tinha até medo de descer. Aqui em Matarandiba não se comprava nada. Aqui tinha tudo. Aqui tinha gente que fazia o que não tinha. Seu Pedro de dona Morena e Bidun pai de Caboclo faziam cruz e caixão de defunto. O cruzeiro foi feito por esses homens. Eu lembro que quando as canoas de meu pai vinham emborcadas de peixe, cheias de xaréu para distribuir pro povo, vinha uma outra canoa na frente pegar uma bandeira do Brasil pra colocar na frente da canoa dos peixes(...)

As falas vindas de memórias tão íntimas e tão enraizadas ao cotidiano da comunidade e seus enlaces com o samba, prenunciaram os caminhos que trouxeram até aqui o Voa Voa, injetando ânimo à pesquisa e levando minhas reflexões para além das performances de música, canto, encanto e dança.

Ao contrário do que disseram os compositores Noel Rosa e Vadico, na canção Feitio de Oração, o batuque não é um privilégio. É somente um acesso resguardado da oralidade negra em diáspora. E em Matarandiba é aprendido e ensinado como instrumento de transformação político-social, entre outros espaços, fundamentalmente, nos colégios da maré, conforme será desenvolvido no capítulo seguinte.

3 - Arrasta a sandália Ioiô, requebra as cadeiras Iaiá

Na Vila de Matarandiba, essa memória reconstituída dialeticamente, na dualidade esquecimento-lembrança, fez-se ente revolucionário, dotado de elementos constitutivos preservados em experiências integradas, entre personagens, lugares e fatos.

A memória pousa como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa, ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK,1992, p.204).

Nesse viés de pensamento em que tradições sólidas na memória definem limites à fria modernização e aos arroubos desmanteladores e desestruturantes do neopentecostalismo, entrevistei um outro pescador nativo da Vila, o pescador Augustinho (Augustinho Rodrigues de Santana, ARS).

Esse filho de Matarandiba me falou de suas mais tenras lembranças de menino, suas vivências com sambadores de outrora e da importância do samba reformulado com o coletivo Voa Voa Maria.

E assim ele começa, numa maneira apressada de falar:

ARS: Olha Walmir, a saudade do samba de antigamente é muito grande! O pessoal antigo não tinha muito trabalho de fazer o batuque do samba. Eu, particularmente, acho o samba de hoje - desse Voa Voa Maria - mais bonito, mais organizado, mais controlado. Esse samba de hoje traz muita gente pra Matarandiba e consegue muita coisa boa pra cultura da comunidade. Esse samba sempre existiu aqui pelo que me lembre. Eu lembro de Dona Alzira batendo no prato de ágata com uma faca. Ela mandava ver no prato. Lembro bem de dona Catarina, mãe de Miguel. Tenho lembrança de Dona Lindu.

Dona Alzira era forte no samba mesmo, mãe de Baco. Ela aprendeu tudo do samba com a mãe dela, dona Nazinha e o pessoal de Vaqueiro, lá no Caboto. Aqui nesses lugares todos de boca de mar e mangue, não tinha samba igual ao daqui não. No meu tempo de samba, tinha Joel. Aquele dali que era o cara do meu tempo. Ele animava o samba de tal jeito que ninguém ficava parado. Era samba duro mesmo. Quando ele chegava no samba animava ver. Tinha seu Paulo e seu filho Júlio que tocavam uma campanha retada. Cada um com uma bicha daquela. Pai e filho com aquele tamborzinho de barro entre as pernas. Eu

lembro disso até hoje. Era um tamborzinho de barro que, de primeiro, fazia lá em Maragogipinho e encourava com pele de Jibóia ou de cutia. A pele de cutia era melhor. O som da zorra ia longe demais. Eu ainda vou achar uma zorra dessa para você, Walmir. Você vai ver só. Nem que seja em Santo Amaro. Eu sempre passo por lá. Eu vou parar para procurar, porque Santo Amaro também é terra de samba, né? Aqui tinha esse instrumento chamado campanha. Dizem que tá em extinção hoje. Rapaz, ele era afinado com umas cunhas de madeira dura no cipó. Era um cipó catado nesses matos aí, todo trançado. E fazia o pandeiro do pau do Jenipapo, com uns tambores de tora de coqueiro. Esses homi daqui não era mole não.

Dona Marisa (Marisa Gonçalves, MG), esposa do pescador Augustinho, foi outra entrevistada. Entretanto, ela se recorda do samba dos antigos muito vagamente e muito pelo rio que corre no manguezal que, segundo a própria, sumia quando a maré estava toda cheia, indicando que era o momento em que atravessavam para o Caboto para ver o samba. *MG: O coro comia no samba quando era aniversário das pessoas, quando era casamento. Dia de São Pedro aqui, era o maior samba de todos, sempre depois das rezas nos três dias. Agora, posso dizer uma coisa a você: festa como era antigamente, hoje não tem mais, mesmo com luz de fifó. Hoje em dia é tudo elétrico e antigamente era no violão. Tinha o Jazi (Jazz) com aqueles instrumentos de sopro, na luz de aladin. Eram as melhores festas.*

Na busca por informações sobre o Voa Voa Maria, parti para a casa de uma das mais antigas moradoras de Matarandiba, Dona Gela do Prato que, pelo avançar da idade, já não participa mais do samba. É necessário frisar que, dona Gela do prato, nomeada oficialmente como dona Angelina Guedes de Souza (AGS) -não é a mesma Angelina, anteriormente entrevistada-, me deu o prazer de vê-la tocando em um prato improvisado, já que o seu original, atualmente, faz parte do acervo museológico do ponto de memória da Associação Sociocultural de Matarandiba.

Dona Gela resgatou lembranças e reconstruiu memórias distantes do samba em seu tempo e de sua participação no Voa Voa num passado recente. Narrou lendas para os lados da ponte do Funil, “visagens” e farras com as companheiras dona Didi e dona Mercedes. Pela parte de dona Gela, emergem cenas da mariscagem e de um samba batido nos baldes onde se depositavam os mariscos:

AGS: Vou ver marisco na maré. Vou agora. Vou levar esses baldes pretos. Ia pra longe. Aonde a gente chegava, juntava uns paus pra fazer o fogo e esquentava o samba no balde. Quando não tinha ninguém e as meninas não queriam ir, eu saía daqui sozinha. Eu cansei de mariscar sozinha. A gente marisca e leva tudo na cabeça. Depois a gente vê isso. Bora pegar uma panela, fazer uma comida e nossa baguncinha cantando samba. Quando era noitinha e acabava a bebida, uma dizia pra outra: vai lá você agora, "sá puta" buscar uma batida na venda pra nós tomar. Pegava a carocha pra alumiá na escuridão. E você sabe o que é carocha? É o candieiro que acende com folha de pindoba e querosene.

Memórias do samba de Matarandiba que leva o Voa Voa Maria no regime das marés das águas da Baía de Todos os Santos, como samba de todos os sambas, se movendo numa trajetória que dignifica toda a comunidade. E assim é, muitos anos antes de chegar nesse lugar, em 2008.

Nestes quase quatorze anos de observações atentas sobre os movimentos dessa nuance da cultura da ilha de Matarandiba, de um namoro dedicado com os desenhos e agências do Voa Voa Maria, venho conseguindo entendê-lo como grande pilar fundamental, possibilitador de escoras artísticas significativas.

Habitar Matarandiba por seus cantos de cultura, ouvindo pescadores modernos, sentindo a força de pescadores antigos, vendo a sutileza de marisqueiras sambadeiras no encanto da maré, edifica castelos de empatia, num mar onde o samba majora o povo das águas claras.

Não ser de Matarandiba, não faz com que haja dificuldades na compreensão de que as articulações integrais da trama do samba, sejam tecidas pelas mãos das mulheres do Voa Voa Maria. São essas mesmas mãos que mariscam, que costuram as vestes da cultura, que tratam o peixe, que descarnam o siri de mangue, que catam o chumbinho, que mexem na maré em busca do sustento familiar, as mesmas que afagam sempre com palavras de afeto a quem precisa, sendo ainda as mãos que ajudam na atração de políticas públicas culturais para Matarandiba.

Pensar o samba do Voa Voa Maria da Vila de pescadores e marisqueiras de Matarandiba, como parte de um conjunto de códigos transmitidos de gerações em gerações, adaptados aos modos de vida e suas tradições ligadas ao mar, como uma comunidade tradicional, facilita compreender os caminhos escolhidos por esse coletivo diante da

própria definição de cultura elaborada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura).

O texto da UNESCO define cultura como "*(...)* o complexo integral de distintos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou grupo social, incluindo não apenas às artes e as letras, mas também modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças*"* (UNESCO, 1982, p.1)

Segundo Fernanda Queiroz (2020) sempre foi muito visível na região a diferença no acesso a projetos e editais por Matarandiba, por conta de assessorias capacitadas, e a dificuldade de outros grupos da Ilha conseguirem participar de editais ou prêmios. A falta de uma presença maior nas outras comunidades das políticas públicas acarreta essa imensa diferença, o que ocasiona um destaque maior do Voa Voa Maria em relação a outros grupos, e um crescimento das fragilidades deles.

Embora não seja a política de cultura o que determina a existência da prática do samba de roda, no cenário construído a partir da patrimonialização, ela é de fundamental importância para o evento, tendo-as enquanto um direito de todos os grupos.

Segundo a mesma autora (QUEIROZ, 2020) o Voa Voa Maria inaugurou um modo novo de executar o seu samba de roda, se infiltrando em espaços até então inéditos para a Vila, como em teatros, congressos, festivais e outros aparelhos culturais da metrópole e do interior, conseguindo acessar políticas para subsidiar sua cultura, entrando de vez no circuito do samba.

A conquista de editais e prêmios que surgem na esfera estadual e federal das políticas de cultura, mais elevam o padrão do Voa Voa Maria, asseguram a integridade da cultura local, possibilitando galgar novos voos bem mais altos, inclusive com participações em viagens, apresentações fora da cidade e até a gravação de um importante registro fonográfico em 2018.

> [...] Reconhecendo a importância dos conhecimentos tradicionais como fonte de riqueza material e imaterial, e, em particular, dos sistemas de conhecimento das populações indígenas, e sua contribuição positiva para o desenvolvimento sustentável, assim como a necessidade de assegurar sua adequada proteção e promoção, reconhecendo a necessidade de adotar medidas para proteger a diversidade das expressões culturais incluindo

> seus conteúdos, especialmente nas situações em que expressões culturais possam estar ameaçadas de extinção ou de grave deterioração [...]. (UNESCO, 2006, p.2).

O samba de Matarandiba do Voa Voa Maria, como viga maior de toda cultura da ilha, exige proteção pelos entes públicos como determina a Constituição de 1988 no seu artigo 215: "O estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais". Desse modo, todo cidadão brasileiro deve ter acesso à cultura e é dever do Estado, em todas as esferas, garantir que o direito à cultura possa ser exercido.

Da maré, no embalo do vento fresco que é lugar de encantos e cantos, o Voa Voa Maria decola pela cultura na perspectiva da cidadania, combatendo subalternizações, apagamentos e o racismo colonial potencializado pela pós-modernidade global.

Como bons exemplos de conquistas produzidas por políticas públicas de cultura, Matarandiba passou a contar com a existência do *Ponto de leitura Tia Dazinha* e do *Ponto de Memória Tia Dina e o Ponto de Cultura Voa Voa Maria*, que fortalecem a preservação cultural e a irradiação de conhecimentos e sabedorias locais. São espaços emblemáticos que sugerem a intencionalidade de preservação de objetos, da história da cultura local, de memórias na maré. Nesses lugares de grande sociabilidade, são realizadas pesquisas e oficinas sobre memória social, sobre o patrimônio cultural e conservação do importante acervo histórico de Matarandiba.

3.1 - O Voa Voa ao vento das muitas Marias

Em noite que o búzio toca
Festa, samba e poesia
Do cruzeiro o Boi Janeiro
Anuncia alegria.
Oh, Maria Voa Voa
Samba corre, a saia arriba
No pano de uma canoa
No mar de Matarandiba[84].

[84] Trecho da poesia *O búzio tocou na noite*, de Walmir Pimentel, Rio de Janeiro, 09/09/2012



Figura 15: Associação. Fonte: Acervo pessoal (2022)

O empenho coletivo na valorização do arsenal cultural na ilha de Matarandiba, ora pelo resgate do samba, tão relevante à sua teia cultural, ora pela preservação e perpetuação de sua memória, como responsabilidades cidadãs, vem chamando a atenção de esferas diversas.

Há algum tempo, autoridades públicas municipais de Vera Cruz e Itaparica, o governo da Bahia, e autoridades federais, além da multinacional mineradora que atua na comunidade, começam a perceber a importância de revigorar culturas tradicionais, dentro dos saberes ancestrais que movem seus agentes fundamentais.

Contudo, mesmo após a fundação da ASSEBA (Associação das Sambadeiras e Sambadores do Estado da Bahia), em 17 de abril de 2005, é notório a frágil, tímida e muito recente atenção dada às culturas de comunidades tradicionais de Vera Cruz e Itaparica.

Segundo a pesquisadora Fernanda Queiroz:

> A relação do Voa Voa Maria com a ASSEBA sempre foi conturbada e conflituosa, pois a entidade se mostrava muito distante para a Ilha e para a comunidade de Matarandiba. Deni, por ter um papel de direção da ASCOMAT, é quem sempre manteve a relação com a Asseba, participando de algumas reuniões e encontros (...) A ideia principal da reunião era articular os grupos da Ilha para que eles pudessem estar mais

> presentes nas atividades da Asseba. Estas sempre foram as maiores reclamações dos grupos da região: o distanciamento da Asseba e as políticas culturais que nunca chegavam até os grupos". (Queiroz, 2020, p 77).

Para além do dito "fogo amigo", o Voa Voa Maria, braço forte da associação sociocultural, veio aprendendo a lidar com racismo colonial assumido institucionalmente que, desde há muito tempo, relegou as culturas de matrizes africanas, entre outras, ao plano de menores e desimportantes.

Diferente de outras localidades do município de Vera Cruz, Matarandiba soube criar pontes de assessoria com os projetos da ITES/UFBA que, em muito, auxiliaram no desenvolvimento de buscas de projetos culturais.

É sabido que, historicamente, as políticas culturais sempre se mantiveram apartadas de manifestações ligadas aos povos tradicionais, quer quilombolas, quer ribeirinhos, quer caiçaras, quer marisqueiras, pescadores artesanais, entre tantos mais.

Numa observação breve, nota-se que em períodos anteriores a 1988, e muito por pressão do movimento negro organizado, esses esforços políticos de valorização do patrimônio cultural eram sempre direcionados à cultura da elite, sobretudo a urbana, classificada sob viés eurocêntrico, como únicas formas artísticas aceitáveis.

Desde que o Brasil passou a se entender como país multicultural, manifestações culturais calcadas em sabedorias populares tradicionais passaram a ser reconsideradas por seu protagonismo ético, estético, político e ancestral, sobretudo como balizamento vigoroso de uma robusta fatia de princípios civilizatórios.

A fatia de tempo entre a criação da Fundação Palmares e o processo de Patrimonialização do samba de roda nos anos 2000 pela UNESCO, via IPHAN, muito por reivindicação do Movimento Negro, foi um respiro para a cultura de Matarandiba, entre tantas outras espalhadas por esse país. Culturas que agonizaram diante de duros processos de subalternização, de aniquilamento e apagamento, consideradas manifestações insignificantes.

Basta verificar nas grades de atrações artísticas de eventos em Salvador, ou até mesmo nas cidades do Recôncavo e da ilha, com fortes riquezas culturais, para notar o desprezo pela arte genuinamente tradicional, valorizando-se o enlatado, o efêmero e de apelo midiático com escatologias e sexualização de corpos femininos.

Aliado a esse combo perverso, a falta de políticas culturais contundentes beneficiou estratégias neopentecostais em seu projeto de poder que, avançou sobre matrizes já combalidas e fragilizadas pelo abandono secular, demonizando a arte, espalhando desinformação e esfacelando coletivos culturais importantes.

O Norte e o Nordeste, áreas de fortes culturas regionais em pertencimentos indígenas e africanos, sempre foram as regiões mais impactadas com esse descaso institucional, com o preterimento hierarquizado em modelos eurocêntricos. No Brasil, até 2001, o Ministério da Cultura mirava o eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, inundando o centro sul de editais culturais, via fomento público e privado.

Em Matarandiba, o povo do mar conseguiu segurar a cultura nesse difícil período, em suas datas simbólicas, fosse nas festas profanas ou nas sagradas, sem qualquer apoio institucional, sem quaisquer perspectivas revitalizatórias ou esperança de transmissão às novas gerações e perpetuação no porvir.

Foi na união, foi na oralidade de uma parte significativa da comunidade, entre bingos, rifas, leilões, ajudas de gente do lugar, gentilezas do padre Orni, do padre Argemiro e, paralelamente, com muito empenho das mulheres, baseando-se na memória ancestral preservada entre alguns e algumas.

Retomando a fala de seu Miguel Arraieiro, o samba que sempre foi um divertimento para a comunidade, uma distração do povo para o povo de Matarandiba, por muito pouco não se extinguiu. Por muito pouco, a Vila de Matarandiba não ficou órfã de um braço poderoso de sua cultura, atualmente ponta lança na atração de políticas públicas culturais.

O ano de 2002 se tornou o grande contraponto para a cultura fora do eixo centro-sul e para alguns centros regionais cooptados pelo cosmopolitismo deste. A chegada de Lula ao poder e a eleição do governador Jaques Wagner no estado da Bahia, ambos políticos progressistas, trouxe à cena ministros e secretários de cultura que promoveram significativas alterações nos rumos e na redistribuição das políticas públicas nessa área, valorizando as manifestações tradicionais do interior do país, com fortes reminiscências afro diaspóricas.

O governo eleito na Bahia, nesse período, engendrou no cenário cultural do estado, uma gestão que deu voz e vez a toda criação simbólica e subjetiva do ser humano, olhando a cultura como um valor inegociável e absoluto em tradições acumuladas no saber do povo.

É quando a cultura é apartada do turismo e passa a ter uma secretaria própria, com secretários que conseguem deslocar, de forma salutar, políticas públicas de cultura que miravam destacadamente o centro, para o interior do estado.

Na gestão do secretário e professor titular da Universidade Federal da Bahia, Albino Rubim (2011 – 2014), o Voa Voa Maria conseguiu seu primeiro edital, em 2013 e na excelente gestão do educador, poeta e compositor Jorge Portugal (2015 – 2017), o samba de roda do interior, assim como a Zambiapunga e outras tradições culturais do estado da Bahia, se fizeram representar com toda nobreza e dignidade na rica e diversa cultura baiana.

O Ponto de Cultura Voa Voa Maria, conseguido através da ASCOMAT, muito pela força e organização do seu coletivo cultural, é um entre outros 270 pontos de cultura distribuídos por 27 territórios identitários da Bahia. É a mesma esteira que leva o ministro Gilberto Gil, em sintonia com a UNESCO, ratificar a urgência em se adotar instrumentos de salvaguarda, preservação e valorização da diversidade das múltiplas manifestações culturais, como marca imprescindível da humanidade a ser valorizada e cultivada em benefício comum.

Inevitavelmente, o processo de patrimonialização do samba e o acesso a editais de fomento público, principalmente, trouxe transformações severas na forma de execução do samba de Matarandiba, de como se sentia o samba, conforme cita Fernanda Queiroz em sua pesquisa, a partir do depoimento de dona Marica, uma mestra do Voa Voa Maria:

> O samba mudou muito. Antigamente era um samba mais caboclo, um samba mais... não sei, aquele samba arrojado, samba de caboclo mesmo, candomblé, aquele ritmo assim... era dos antigos mesmo, das pessoas de idade mesmo, era quem fazia aquele samba, hoje não... hoje não... Você vê, até a maneira da gente cantar tem que ser diferente, tem que ser lento. O samba da gente é um samba corrido. Era melhor o de antes. (QUEIROZ, 2020. Pág. 79).

Dona Marica, como outras mestras sambadeiras de Matarandiba, estão se adaptando aos novos ritmos desse samba ressignificado que por hora baseia o Voa Voa Maria. Como muda a lua, muda a maré e o samba do Voa Voa vai ao vento das muitas Marias.

A memória debruçada em ricas vivências vai se reorganizando aos tempos acumulados de uma modernidade insossa, qual viva maré em noite sem lua que corre às cegas, sem destino, sem samba, no rumo cintilante das estrelas, mais viva que nunca no coração de Marias.

3.2 - O samba corrido de Matarandiba

A maior expressão identitária da cultura de Matarandiba é o samba de roda corrido, expressado nas apresentações do Voa Voa Maria, com sua matriz ligada às raízes diversas de suas outras manifestações culturais.

Conforme Édouard Glissant, em Introdução a Uma Poética da Diversidade "[...] toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro. A partir do conceito de crioulização, a identidade deixa de ser raiz única, e passa a ser uma raiz ao encontro de outras raízes" (GLISSANT, 2005. pág. 27).



Figura 16: É mais feliz quem samba na maré. Em destaque na foto Taninha Freitas, ao fundo outras sambadeiras do Voa Voa Maria. Fonte: Acervo ASCOMAT - S/D.

Sabe-se muito bem que, antes de todo processo de patrimonialização do samba enquanto herança imaterial afro diaspórica, já constava pelos cantos da Bahia, principalmente no eixo urbano e em certos trechos do litoral, um bom número de coletivos informais de samba de roda, muitos dos quais ancorados na continuidade do batuque do candomblé de caboclo.

Nesse mesmo contexto, algumas comunidades mais reclusas e distantes, localizadas no fundo da Baía de Todos os Santos, na contracosta da Ilha de Itaparica, dos baixios do Recôncavo pelo Paraguaçu, do Recôncavo Sul, até os limites de Nilo Peçanha e Taperoá, nunca deixaram de executar seus sambas de roda, ainda que na informalidade das atividades cotidianas.

Em Matarandiba, muitos pescadores, marisqueiras e quase todo o povo do lugar, sempre chancelaram suas relações socioafetivas pela lógica dos chamamentos e engajamentos pela cultura e pela solidariedade. A cultura é o elo que solidifica muitos desses chamamentos, transformando laços fraternos em familiares. É o dedo da cultura que consolida empatia na aldeia. A cultura tá na reza, nas ladainhas aos defuntos e não deixaria de estar nos carurus, nos batizados, nos presentes a Dona Janaína, lá no Canto do Limão.

A cultura de Matarandiba, fervilha pelo samba reelaborado do Voa Voa Maria, jamais entregue às armadilhas da banalidade, atento às responsabilidades trazidas por marés de apoios institucionais.

Como em Matarandiba, o apoio em forma de fomento cultural ao samba de roda, tornou certas comunidades rurais e insulares mais conhecidas como Teodoro Sampaio, Muritiba, Apaga Fogo, Amélia Rodrigues, Mutá, como Bom Jesus dos Pobres, entre outros.

Nunca é demais reforçar que o samba de roda foi incluído em 2003 no Livro de Registro das Formas de Expressão e em 2005, passou a ser Patrimônio Imaterial da Humanidade, tendo sido considerado Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco. Somente em 2013 recebeu a titulação de Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O Voa Voa Maria renasceu 4 anos antes da Patrimonialização e, preservou em sua essência a alegria característica do povo das águas mansas, onde o tempo parece ter outra velocidade, ladeado de encantos, de cantos, nos muitos recantos da ilha. O samba corrido a

que Dona Marica reclamou de estar mais arrastado, mora eterno no pandeiro de Mirinho, onde o Voa Voa comanda todos os ritmos do seu caminhar.

O Voa Voa Maria, enquanto símbolo cultural manifesto e marcante da Ilha de Matarandiba, decodifica em suas apresentações públicas, todas as suas influências na preservação da teia cultural produzida no lugar, bem como sua mobilização no desenvolvimento de políticas públicas à ilha.

Por consequência, o Voa Voa Maria vai propondo diálogos políticos que tomem como marco referencial e essencial, as narrativas emergidas das memórias de seus e suas agentes culturais. A história oral baseia toda a relação do Voa Voa Maria com a comunidade, evidenciando na força do fazer feminino, uma eficaz capacidade de transmissão oral.

Indubitavelmente, o samba do Voa Voa Maria, enquanto samba de Matarandiba, se impõe como peça-chave na defesa da cultura local, na costura dos retalhos históricos, políticos, inseparáveis na formação da identidade daquela comunidade.

O samba Voa Voa Maria de Matarandiba está entre alguns dos mais coesos e autênticos grupos de samba de roda da Bahia, tendo seu batuque como grande signo e suas composições próprias produzidas pelas marisqueiras nativas como elemento identitário. O samba no pé das mulheres da maré e suas vozes cheias de memórias transfundidas no cantar, carregam melodias e tradições de pescadores e marisqueiras para seus descendentes, não deixando morrer essa que é a sua maior manifestação cultural.

O Voa Voa saiu da ilha para a região metropolitana de Salvador, já alcançou o estado da Bahia e agora já sonha em conhecer o mundo, levando o samba de roda como herança de um povo.

Nesse caminhar de tempos e ritmos próprios pela cultura popular frente ao presente momento histórico, o Voa Voa Maria segue como principal instrumento político de resistência, de conscientização e de libertação colonial.

O samba de Matarandiba se difere por ser carregado do que é mais essencial às tradições herdadas da diáspora: a oralidade, a simplicidade e o apego ao chão. E quanto mais simples é o samba, mais nobre ele se torna, seja nas umbigadas das sambadeiras, seja no rufar dos tocadores, com suas mãos curadas de mar; seja na percepção de várias categorias analíticas que se apresentam na sutileza do batuque, tais como religiosidade,

música, memória, racialidade, identidade ou no cantar das marisqueiras, o samba de Matarandiba é, em suma, diferente.

Falar sobre o samba do Voa Voa Maria é, antes de tudo, atestar a importância de buscar nas culturas populares aquilo que se estruturou nas experiências, nas vivências, se contrapondo aos desmandos e descasos da contemporaneidade, marcando a identidade Matarandiba.

A maré muda. O vento muda. A lua muda. Mas a natureza é a mesma que, ciclicamente, se renova em cada mudança, qual a cultura. O Voa Voa nasceu das águas calmas assentadas na sabedoria absorvida da sacola da memória de irmãos e irmãs, escravizados e escravizadas que, em Matarandiba, sedimentou vínculos de pertencimento que amalgamam o contato relacional entre sambadeiras, tocadores e comunidade. São famílias envolvidas no samba por gerações, com contínua transmissão de saberes entre membros, seduzindo os mais novos e construindo pontes de encantamentos pela comunhão entre a arte que resiste na maré.

A força da memória do Voa Voa Maria é o que mantém a canoa dessa cultura fixada ao seu cais. Retornar às origens e raízes, é revisitar faróis que iluminam os novos ciclos e caminhos possíveis no presente, para que a canoa desse samba não se perca pelas águas da modernidade. O resgate das heranças é permanente, a fim de reinscrever o Voa Voa Maria nos campos de disputas reparatórias para que não se percam sua materialidade gestual, suas subjetividades e seus simbolismos estéticos.

3.3 - Caminhos do samba do mar, na memória das águas

Toda cultura de Matarandiba sempre residiu viva, em cenas de intensas memórias no imaginário e nas subjetividades de antigas mulheres do lugar. Senhoras como Dona Angelina, como Tia Dina, como Dona Detinha, como dona Didi, dona Mercedes, dona Gela, dona Marica, entre tantas outras que, muito presenciaram, efetivamente viveram e puderam narrar essas ricas vivências, principalmente estimuladas pelo interesse e a atenção aguçada, demonstrada pelo encantamento da ativista cultural Adenildes Leal.



Figura 17: A força que vem do mar. Fonte: Acervo ASCOMAT (de vestes brancas, ao meio, Mestra Tia Marica. À esquerda, de vermelho, a sambadeira Vânia, filha de Tia Marica. À direita, de vestes amarelas, a sambadeira Tonha)

Durante o período da pesquisa as lembranças que compuseram memórias no correr de uma vida longa e de estreitas relações com essa riqueza imaterial, iam pipocando, feito peixe em dia de maré pródiga. Um causo na varanda. Outro causo ali na calçada. Uma prosa na venda do comerciante Totoco, outra conversa na venda de seu Eleonor e, assim começa o renascimento de uma densa cultura que adormecia ao balanço das ondas do esquecimento.

Num país onde, infelizmente, não se valoriza a sabedoria anciã, tudo tende a fenecer, a desconstruir-se sem seus alicerces sólidos, a sofrer com os sintomas das colonialidades que nos rondam. Todo o caminho desse resgate das caríssimas manifestações culturais de Matarandiba, só foi possível e viabilizado pelo acesso à memória desses mais antigos e dessas mais antigas.

A ilha de Matarandiba insere-se na Geografia de Todos os Santos, como poderoso território de um povo tradicional ligado à mariscagem e à pescaria, antes de qualquer coisa. Seu arcabouço cultural significa, ressignifica-se, simboliza e reflete sua composição enquanto lugar de atividades tradicionais, entremeadas de fortes heranças afro diaspóricas,

não somente em sua relação afetiva com o mar de Todos os Santos, como em suas territorialidades e reterritorializações no correr do tempo histórico.

O ano de 2008 marca a criação da ASCOMAT, pensada e organizada segundo anseios comunitários, desdobrando-se num intenso processo de apreço e reestruturação das heranças culturais, a exemplo do Auto do *Zé de Vale*, do *Terno das Flores (Terno de Reis)*, e do *São Gonçalo*, que foram os primeiros retomados, fomentados e apoiados.

Conforme repetido por diversas vezes, o Voa Voa Maria, enquanto principal objeto de pesquisa nesta dissertação, foi resgatado em 2009, numa atitude envolvendo a maior de todas as heranças da ilha: o samba de roda daquele povo do mar, o grande batuque dos pescadores e das marisqueiras de Matarandiba. Tudo isso, chancelado por fazeres de nomes históricos, entre os que já se foram (e o cachorro) e os que por aqui estão, como Tia Dina, dona Xandú, seu Mauro, Tia Dazinha, seu Joca, seu Mussinho, seu Vadinho, dona Detinha, seu Nelson, dona Lindú, seu Arthur, seu Badú, o compositor Domingos dos Breques, seu Tourinho, dona Hilda, dona Gela, dona Angelina, dona Jandira, dona Didi, dona Catarina, dona Nonoca, Laurêncio, Joel, entre tantas outras pessoas e memórias fundamentais.

O reconhecimento da importância em retomar as manifestações como herança imaterial da ilha, dotou a comunidade de um fortalecimento de sua memória, consolidado num denso sistema de trocas nos diálogos entre gerações distintas e distantes.

Segundo depoimento de Adenildes Leal, uma das fundadoras da ASCOMAT e conselheira da associação:

ASVL: Era muito comum as pessoas mais idosas da ilha conversarem sobre costumes antigos, quando narravam importantes aspectos culturais de Matarandiba. Nessas conversas, ficava claro que não se via mais muitos costumes, hábitos e festejos. Percebendo a grandiosidade e a riqueza dessas histórias, além de incentivar mais essas conversas, os diálogos passaram a ser gravados e sistematizados. Com a fundação da ASCOMAT, a partir de um desejo da comunidade em ser representada juridicamente, em participar de editais e fortalecer os laços comunitários, foram definidos sete grupos de trabalho – um para cada manifestação cultural – que ficaram responsáveis pela organização, planejamento e realização de apresentações, retomando os antigos costumes. Foi assim que, depois de um intervalo de 53 anos, o Auto do Zé de Vale voltou, em 2011, a fazer parte do cotidiano da ilha. Seguindo o mesmo processo, foram retomados o Terno das

Flores (após 27 anos) e Presente dos pescadores para Iemanjá (após período de realização intermitente).

A iniciativa ajudou também às manifestações que continuavam acontecendo, mas que foram mais bem organizadas: o Boi Janeiro, o São Gonçalo, a Festa do Senhor Santo Amaro, a Corrida de Canoas, o Aruê, a Lavagem do Cruzeiro, como também a fundação do Samba de Roda Voa Voa Maria e do samba mirim Os Filhos de Maria, entre outras. As ações mobilizaram a comunidade, em reuniões, nas atividades de lembrança, ensaios, organização de grupos, nas rifas e bingos para a captação de recursos.

É salutar grifar que esses resgates do povo do mar produziram resultados materiais, imateriais, simbólicos e transformadores. As rodas de lembranças, realizadas no Ponto de Memória Tia Dina, durante muito tempo, foram as guias que puxaram distantes lembranças em muita gente. Narrativas e relatos sobre a história do lugar, seus antigos moradores, o samba característico, acontecimentos marcantes, cantigas de roda em noites de lua cheia, dos costumes, dos hábitos, das lendas, tudo fortalecendo as trocas, as transmissões, consolidando a memória via oralidade.

Como outras nuances culturais, o resgate do samba de roda do Voa Voa Maria contribuiu sobremaneira com o fortalecimento da identidade daquele povo, elevando a autoestima, valorizando o lugar e reconhecendo suas tradições, suas construções e suas celebrações genuínas. Os saberes e os fazeres nas vivências do povo do mar, despertou o interesse da cultura por parte das crianças e da juventude, tanto que para cada manifestação cultural dos adultos, tem seu correspondente mirim.

Apontado nas diversas entrevistas como a grande viga de toda a cultura do lugar, o samba levou a associação a realizar em 2014, o I Encontro de Samba de Roda da Ilha de Itaparica, em Matarandiba, com apresentação de dez grupos da ilha de Itaparica e Vera Cruz. O resgate de toda essa memória foi se multiplicando e desembocou na criação do *Programa Hora da Cultura,* na Rádio Comunitária de Matarandiba, além de lançar a cultura da ilha em eventos estaduais e nacionais.

O Voa Voa Maria é produto de um processo de intensas trocas envolvendo diferentes gerações, viabilizando notável empoderamento comunitário, na execução e na preservação de seu maior patrimônio: sua rica, inusitada e exuberante cultura.

Os tempos modernos e a massificação neopentecostal trouxeram uma gama de ameaças e desafios às culturas que sustentam, historicamente, as relações entre essas comunidades tradicionais. As exigências cotidianas vão adiando os encontros e a velocidade dos tempos vai forçando esses grupos a se enquadrarem às novas dinâmicas segregadoras de gente.

Em Matarandiba, a força que vem do Voa Voa Maria, enquanto Ponto de Cultura e da tradição coletiva plantada pelos antepassados em tempos distantes, permite acreditar na continuidade da corrente, estabelecendo conexões temporais entre o ontem, o hoje e a esperança de um amanhã salvaguardado, pelo viés da reparação e da sólida memória. A cultura em Matarandiba é o esteio balizador civilizatório de sua gente e essa memória é um fio que renova o fazer, perpetuando as pertenças, compartilhando desejos preservacionistas, revigorando anseios coletivos nos caminhos do mar.

O coletivo cultural representado pela ASCOMAT, sobretudo o povo do samba, manifesta abertamente o que representa essa potência, instrumento de conquistas, de festas, de empoderamento pela tradição. Nas contendas com os arroubos tecnológicos que afastam mais do que unem, o Voa Voa Maria é a representação coletiva irmanada a levar tão rica herança, a um outro futuro possível.

É o samba miudinho de pé no chão, nas cadeiras que bailam nas ondas, que adoçam marés em poesias e reacende no coração dessa comunidade suas vitais tradições culturais. O Voa Voa, a qualquer tempo em que se apresenta, elabora instantes preciosos em que o coletivo cultural e o público que prestigia conseguem partilhar o sumo das emoções de dentro de cada peito, catalisando nas pontas dos pés das sambadeiras, toda segurança e beleza calcada em tradições de heranças africanas.

Entre as muitas correntes simbólicas, entre peixes, mariscos e conchas, é o samba o mais arrebatador elo de orgulho que se junta ao todo, amenizando a dureza da vida no mar, como maior espelho do mosaico cultural de Matarandiba, afetando identidades e autoestima.

Há um ponto em comum entre as pessoas da comunidade de Matarandiba de que o resgate do samba Voa Voa Maria foi a melhor coisa que aconteceu ao lugar. Trago o relato da presidenta e sambadeira Josiene Souza da Rocha (JSR), carinhosamente conhecida como Jeane, em entrevista na própria Associação, em 18 de abril de 2022, onde fica

evidente o tamanho da importância do trabalho da ASCOMAT no processo cuidadoso de resgates culturais na ilha de Matarandiba:

JSR: Matarandiba não é mais a mesma depois dos resgates das nossas culturas. Ela já era especial e agora se tornou mais ainda. Você consegue ver os moradores falar e reconhecer sobre esse lindo trabalho que fazemos aqui. Então, sem sombra de dúvidas, é algo muito importante e bom para toda a comunidade.

O equilíbrio entre o contato com o moderno e o pertencimento à tradição vem mostrando alguma possibilidade de existência na resistência, uma vez que algumas alterações têm complementado certas lacunas de ressignificação do fazer tradicional, sem agredir a tradição.

A Matarandiba de hoje conta com alguns projetos que lhe dotam de tecnologias contemporâneas e lhe colocam em contato com a tão temida aldeia global que a tudo devora, esgarça e mói na efemeridade dos tempos modernos. Na solidez da construção cultural acumulada na oralidade e nos fazeres do povo do mar, Matarandiba mantém suas tradições firmes, sobretudo ao que tange o Voa Voa Maria, ainda se adaptando a uma nova lógica de apresentações públicas, tanto na ilha quanto fora dela.

O samba que nasce dos afetos no mar das canoas, das sombras das mangueiras, dos mudos manguezais, vira espetáculo deslumbrante nos pés e nas mãos curadas de maré. No canto, a magia de timbres cheios de reminiscências transfundidas nas vozes. Marias que carregam melodias e tradições dos pescadores e marisqueiras, trazendo os seus e as suas descendentes para a grande roda da gratidão ancestral.

O Voa Voa Maria, com suas e seus quase 65 integrantes, onde quase 50 são sambadeiras, faz do seu canto na maré a melodia de seu samba, a poesia de suas lutas e a valentia sem limites pela cultura da ilha. O samba de Matarandiba que povoa a Restinga, o Cercado, o Outeiro, o Caboto, o Pontal e o Cruzeiro, é o samba que o Voa Voa Maria se apropria como sistema redentor de memórias, em prol de políticas públicas que garantam à Matarandiba, precipuamente, uma visibilidade como lugar de admiração e conscientização pelo viés da cultura, equilibrando o voraz turismo que mira apenas o consumo de amenidades naturais.

O Voa Voa Maria vem sendo a mais impetuosa manifestação cultural da ilha de Matarandiba que, por força dos tambores da memória, não vem se permitindo subjugar

ante as perspectivas hierárquicas valorativas eurocêntricas pérvidas. Assim como vem escanteando bafos de inferiorizações interseccionais, ondas de apagamentos de códigos e marcos simbólicos, negando representatividades femininas assentadas em submissão e sexualização de corpos.

No samba de Matarandiba, o poder feminino é imensurável, tanto entre as marisqueiras quanto as não marisqueiras, sendo a roda de samba o espaço sagrado do samba de roda. Entre umbigadas de chamamento, largos sorrisos, olhares emocionados e trocas entre corpos tatuados pelo orgulho do pertencimento a tão rica cultura que identifica, que individualiza na diversidade, que diversifica nas individualidades, segue o Voa Voa Maria amalgamando laços afetivos entre o povo do mar.

A certeza no samba miudinho com as plantas dos pés coladas a um chão pleno de significados ancestrais, exibe toda nobreza contida na simplicidade, não abrindo margens a maniqueísmos patéticos e vaidades. Da cadeira que requebra em quadris que simulam ondas no mar, abrem-se múltiplas frentes à novas pontes culturais, reacendendo outras celebrações, como fonte inesgotável do protagonismo negro pelas águas da ilha.

O Voa Voa Maria vai se consolidando de forma robusta, produzindo materializações afro centradas essenciais enquanto ponto de cultura, numa ilha entumecida de sabedorias refinadas e genuínas do povo da maré. Independentemente de como tenha surgido o samba de Matarandiba ou quais amarras o submeteram a duradouro processo de esquecimento na comunidade, por tantos anos, o que mais importa é celebrar sua ressignificação política, sua força estrutural, sua ação empoderadora, sua poesia acolhedora, educativa, resiliente, estratégica e fundamentalmente política.

Há de se valorizar cada uma de suas lutas por pautas de resistência, numa pedagogia vinda pelo batuque das ondas a alertar os poderes constituídos. Enquanto as mãos do racismo e do patriarcado colonial não entenderem o samba das demandas pretas, o batuque do Voa Voa Maria mais alto se fará ouvir.

O Voa Voa Maria é força indomável de liberdades inegociáveis, fazendo-se elo que une culturas, qual cimento histórico a consolidar orgulhos, tornando o samba um sagrado fazer. Patrimônio sublime a consagrar nas águas claras e calmas que banham peles pretas, todo um elenco de heranças imateriais arquitetadas pelo povo de Matarandiba.

Nos momentos mais difíceis de duras marés, da escassez severa de recursos, da presença das fomes muitas, das mortes diversas impostas pelo colonialismo, o samba do Voa Voa renasce. E renasce todos os dias, feito lua prenha de mistérios entre cinzas nuvens. O samba é a oração que segura as turvas águas do sofrimento para passar águas claras de alegrias, com criações poéticas entre peixes, mangues, mariscos e marés.

Como insiste a Doutora da histórica cidade de Cachoeira, dona Dalva Damiana: tristeza não paga dívida! A cura brota da música, do canto, do samba que, em ciclo de rodas, escorre pelo Paraguaçu, se espalha pelo mar de Todos os Santos e abraça Vera Cruz, Itaparica e todos os baixios do Recôncavo das tantas águas.

Matarandiba é toda cultura! É beleza natural, é ilha de fé, de vidas no samba do Voa Voa Maria que se espraia da capela do senhor Santo Amaro, ao terreiro de santo da saudosa mãe Célia e desemboca na sagrada maré de Todos os Santos, de todos os dias. O Voa Voa é o desdobramento mais radical em Matarandiba das águas ancestrais vindas da boca da memória. O samba é filho da grande mãe Baía de Todos os Santos, ousado entre os incômodos de cansanções (a urtiga do mar) e a feliz poética batuqueira que amaina tristezas e represa dores. O samba das marisqueiras e dos pescadores da ilha de Matarandiba renasceu da humildade, da solidariedade, das necessidades impostas pelos caprichos da maré, transcendendo o terrível processo de apagamentos culturais, numa união que manteve tradições.

Foi o samba, onipresente nos sistemas de retomada cultural de Matarandiba, a luz vinda do mar que ratifica a tradição e a valorização dos signos identitários como a mais valiosa das ditas modernidades. No Auto do *Zé de Vale*, é o samba quem cura o caráter desviado e agrega simbolismos caros à humanidade.

A força assumida pela ASCOMAT, tem no samba seu tutor, seu guia, seu Sul em bússolas de africanidades, como propositivo mecanismo político. Nas rodas das saias de chita, nas mãos que tocam o tambor, o Voa Voa Maria é uma obra prima, entre outras primas-irmãs, no acervo rico das tradições manifestas em Matarandiba. É uma das manifestações culturais que mais atiçou transformações de extremo poder, vinda na canoa da coletividade, do fazer matrilinear, do saber das redes, das águas, das conchas, dos contos das estrelas mais bonitas daquele mar.

Foi o samba do Voa Voa a inspiração no ano de 2016, quando o projeto *Identidade e memória do povo do mar***,** desenvolvido pela ASCOMAT, sagrou-se o único projeto vencedor, em todo estado da Bahia, na 29ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Segundo relatos de dona Adenildes Leal, esse projeto encaixou-se na categoria sobre Iniciativas de Excelência em Promoção e Gestão Compartilhada do Patrimônio Cultural, gerando muitos frutos para a comunidade, fortalecendo ainda mais os laços afetivos com a cultura.

O samba mostra a todo instante que não há cultura sem oralidade e sua refundação ressignificou a existência de muita gente do lugar, inclusive adensando resistências e reexistências na própria ilha.

Uma outra nota digna de ser pontuada que indica a capacidade, a determinação e a força da Associação Sociocultural de Matarandiba, ocorreu nas inscrições de projetos mirando os editais da Lei Aldir Blanc. A ASCOMAT inscreveu oito projetos sobre a cultura de Matarandiba, em categorias específicas dos editais, tendo sido exitosa em todos eles.

Notem que, em tudo dito e realizado, o samba é uma linha contínua a percorrer cada ação. É o grande orixá da alegria em Matarandiba. Toca-me profundamente, como corpo negro e pesquisador, ter a oportunidade de contribuir academicamente, registrando marés de tantas capacidades, de imensas/intensas sabedorias acumuladas por gente tão simples.

O Voa Voa Maria carrega reminiscências da ilha em comunhão e responsabilidade, fazendo do samba gesto solidário em afetos e umbigadas. Entre alguns ditos “cidadãos de bem” e outros distraídos, o Voa Voa navega pelas águas do fundo da Baía de Todos os Santos como saveiro redentor de conscientizações e pedagógicas rodas.

O Voa Voa Maria brotou transformado da memória de sua gente preta de mar e se estabeleceu reencorpado de significados sócio-políticos. Numa Matarandiba repleta de presentes de Deuses e Deusas que, em muito se ressente do que o compositor santamarense Roberto Mendes nomeia como presença das ausências, o samba vai preenchendo lacunas de saudades a cada apresentação. Ausências duramente enfileiradas e presentes que forçaram o samba a pegar o cofo de vida da comunidade, com suas mãos musicadas de esperanças incontidas e ressurgir na vastidão do mar de Todos os Santos.

O vento forte do Voa Voa Maria apagou o fifó dos esquecimentos e transformou desesperanças em conquistas, ainda que tomado das lembranças mais profundas de mariscos, conchas, peixes, mangas amarelas, mangues vermelhos e luas sem fim, entregou a ilha Vila de Matarandiba o samba dos pescadores e das marisqueiras, há tempos adormecido de estrelas.

O batuque corrido se ajeitou entre canoas, catraias, saveiros e o canto de barravento que, regozijado, encontrou-se com os mistérios de Oxum e de Ynaê no beijo das águas do Tororó.

Concluo este capítulo sobre tradição e modernidade ancorado em Hall:

> O essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a 'cultura popular' em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma definição de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural. Considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo sempre variável. Observa o processo pelo qual as relações de domínio e subordinação são articuladas. Tratase de um processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas (HALL, 2009, p. 241).

Em seu pensamento, Hall cede balizas que permitem atrelar contornos políticos à causa cultural popular, como chaves de reivindicações por maior cidadania, reconhecimento e respeito às tradições de povos historicamente escanteados pelas sanhas coloniais.

Como a folha vermelha do manguezal que toca nas águas, demarca o nível da maré nos interstícios lunares, segue o samba de roda Voa Voa Maria a demarcar os aguaçais da ilha de Matarandiba, como herança bendita do povo que veio de África.

Ainda extasiado pelo reencontro do Brasil real com o Brasil de esperanças, em muitas emoções misturadas no último domingo, no histórico dia 01 de janeiro de 2023, na posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, deixo meu amor, minha gratidão e minha poesia de gratidão ao povo do mar de Matarandiba, com votos de perenização de sua cultura ancestral.

Óh, Maria: Voa Voa

Voa Voa vem voando
Lançamento de maré
Sororoca ressolhando
Búzio tocou na noite
Já é hora meu irmão
Lá no alto estrela guia
Alumeia o calão.
Que dorme lá na canoa
Sono bom de pescador
O samba do Voa Voa Pelo
mar de Marabô.
Que faça boa viagem
Volte logo pescador
Do samba leve saudade
No samba deixe amor.
Por medo de sua Maria
Fenecer à beira mar
Vai tocar samba mais forte Na
hora que ela rodar.
No amor doce das águas
7 Léguas navegar
Barroso na lua cheia
Areia, sereia e mar.
Mussinho tá no paeiro
Caboclo e Cachimbal:
Vem Santinho canoeiro
Festejar com Juvenal.
Mirinho mira no galo
Pandeiro igual não há
Do cruzeiro o Boi Janeiro
Anuncia alegria.
E Maria Voa Voa
Vento corre na Baía
No samba de uma canoa Só
Voa Voa Maria[85].

[85] Poesia *Óh, Maria: Voa Voa*, de Walmir Pimentel, Rio de Janeiro, 09/09/2012.

Considerações Finais

> Entre as voltas das vidas de velhas marisqueiras e de velhos pescadores, em suas alegrias de outrora ou em seus lamentos cotidianos, o samba do Voa Voa Maria é herança, é lenitivo, é a música antes da música, é maré que se antecipa ao ciclo de luas miúdas e mudas, é corpo que completa a cabeça d'água da grande maré de março.[86]

A canoa da cultura que leva o marisco e o peixe, carrega consigo a grandeza do samba de Matarandiba pelas águas de Todos os Santos, marcando identidades, sarando feridas, dissipando angústias por uma pesquisa prenha de luas, brisas e memórias.

O Voa Voa Maria construiu -se e constituiu-se como entidade saída das águas de bonitezas educadoras e conscientizadoras, como pérola rara da memória desse pedaço de maré, estrelada fundamentalmente por força matrilinear.

Em noites de mar mortágua, o samba se faz anágua da saia que manda a mágoa das Marias pelo mar.

Em dias de maré de lançamento, o samba é um casamento entre a ilha e o luar, onde essa pesquisa foi tomando corpo.

Por mares, areias e luares, meu olhar de pesquisador precisou deparar-se com luas grandes ouriçando muriçocas no mangue, confundindo canoa, suor e sangue, respingando tudo em meu caderno de anotações.

Não é fácil como filho adotivo de Matarandiba observar o tempo prateando coroas de fios brancos, serenados de samba, de mar e de lutas, sob risco constante de perder para a morte referências tão emblemáticas, estando a mais de 1600 km de distância.

A pesquisa foi ao ponto extremo de fiar (fiador) uma estrutura de trabalho que desse conta de garantir toda essa exuberância cultural e, contraditoriamente, tentando entender a desvalorização desse acervo por parte de pessoas que ocupam cargos de representação política na própria comunidade.

---

[86] Trecho adaptado do poema LUAS MUDAS E MIÚDAS, de Walmir Pimentel, 2016.

Entrar na Associação sociocultural e ouvir vozes ativas e altivas de filhas da ilha, ciosas por resgatar, transmitir, partilhar e preservar toda rica cultura de Matarandiba, tendo por farol o samba do Voa Voa Maria, vindo de muitos outros sambas, me encheu de emoção, de uma esperança renovadora a me sorrir pelos lábios do coração e a me encantar pela barra de minha alma.

Já não consigo mais lançar meu olhar sobre Matarandiba percebendo apenas a beleza natural, sem ver o samba do Voa Voa Maria como pilar destacado e desafiador nos meneios da comunidade, integrador entre natureza e cultura.

Pelos lados de Matarandiba, como por todo o litoral que beija o Recôncavo baiano, não haveria lançamento de maré sem luas grandes de samba. Não haveria samba sem as vivências nessa maré que, como lastros orais, correm e concorrem, consignando e trocando saberes pelas bordas da contracosta de Itaparica, pelas perigosas coroas de pedras da foz do rio Paraguaçu e pela vastidão dos doces canaviais na memória de um profundo Recôncavo de águas em samba.

Como disse anteriormente, chegamos à comunidade pelas mãos de circunstâncias curiosas, bastante temerosos e desconfiados. Aqui fomos acolhidos, cuidados, amparados por mãos que conhecem bem as dores do abandono histórico, dos apagamentos que nos permeiam desde que aqui chegamos de África, entre a falácia abolicionista e o embuste da democracia racial.

Nesses quase quinze anos de trocas, aprendizados e adaptações emocionais, na dinâmica gradativa e lenta da transformação de um espaço em lugar, consegui articular o desenvolvimento desses três capítulos atento às transformações, inclusive as performáticas.

Foi preciso entender melhor que, embutido à prática, à execução e a tomada de corpos pretos pelo samba, paira embutida, implicitamente, uma trama secular que chancela pertencimentos, molda urgências políticas reparatórias e semeia rebeldias contra o sistema globalizante.

Em Matarandiba, o samba foi reinventado pelo fazer coletivo nas águas de Iemanjá, nos círculos das pescas de abalo, nas rodas das *comadres* da maré e em suas incessantes buscas pelos frutos da mariscagem.

As brisas da lembrança ainda me presenteiam, soprando em meus ouvidos as palavras de seu Miguel naquela pescaria de baiacus. Suas percepções de filho e pescador,

como alguém que experienciou outras realidades por esse mar afora, como estivador no porto de Salvador e como trabalhador da Petrobras.

Da mesma forma, ainda ouço o pescador Augustinho a esclarecer-me sobre as diferenças e similaridades dos sambas de antigamente em Matarandiba e sua reinvenção organizada como Voa Voa Maria, fiel aos legados da ilha e suas influências de outros lugares de samba.

Notei o quanto foi impossível desvencilhar meu olhar de geógrafo em todo o processo da pesquisa, analisando as espacialidades e as territorialidades que imbricam nas possibilidades mil de chegada desse samba na ilha de Matarandiba.

Muitas cenas oníricas de como esse batuque original amealhou sustância suficiente para perpetuar-se e se doar em prol dessa comunidade tradicional pesqueira e marisqueira, vieram à minha imaginação.

Há uma hostilidade poética do samba a quem contra ele se posiciona ou, paradoxalmente, lhe trata como menor, assim como toda cultura da ilha.

As entrevistas com dona Taninha, com Condinha, com Edmaris, com dona Adenildes, entre outras, me possibilitaram observar com mais nitidez nas apresentações que, os miudinhos dos pés das Sambadeiras tornam-se mais vigorosos, seus requebros mais incisivos e o toque dos tambores, bem mais contundente, mostrando aos *esparros* da vida, quem é quem no samba do mar.

As investidas no campo me permitiram notar os paradoxos de intencionalidades políticas e os subsídios da empresa multinacional, sobretudo em momentos de conveniências festivas, com suspeitos arroubos de generosidade repentina.

Me causou bastante perplexidade e certa sensação de desconfiança, por algumas conceções recentes a cultura, como o novo espaço para a associação, concomitantemente ao não convite do Voa Voa Maria para participar da festa promovida no lugar.

Valoriza-se financeiramente com robustez o de fora, o comum, o banal, a cultura midiática vazia de memórias, plenas de culturas alheias e desvaloriza-se a nobreza do povo do mar, como braço forte da cultura que politiza e empodera, sob o triste argumento de que santo de casa não faz milagres.

Rogo aos ancestrais do samba de Matarandiba e de outros laivos dessa rica cultura que iluminem cada vez mais os caminhos da memória de Matarandiba, celebrando as fortes

mulheres do samba ainda entre nós, como dona Jandira, dona Angelina, dona Gela, dona Ednalva, dona Marica, dona Didi, dona Zélia.

Diante de uma maior convivência e de um olhar mais aguçado com samba do povo do mar, mostrou-me que tão sublime quanto guardar e preservar os produtos dessa peculiar memória, faz-se necessário transmiti-la integralmente às novas gerações, com toda carga resgatada, em seus detalhes, e valores endêmicos.

Resistência, palavra tão em voga em contextos diversos, é o óleo que lambuza feito dendê pilado, as ações na associação sociocultural de Matarandiba. Essa força que escorre e inunda a consciência de partícipes da cultura, é o fogo que alimenta o porvir. É a espadela de vinhático que equilibra anseios e produz caminhos de acesso às redes de políticas públicas e privadas.

O samba Voa Voa Maria marca a identidade histórica e cultural de Matarandiba, com participantes que tocam e sambam desde criança, vendo seus progenitores na roda a viver o batuque do lugar.

Nas diversas oficinas fomentadas por editais públicos e políticas privadas de incentivo, a força do samba gera renda, ensina o samba de roda de Matarandiba e as outras nuances da cultura às crianças, para que a chegada do embarque inevitável nas canoas da travessia final, possa ser garantido o prosseguimento das tradições.

Foram dias de estrada, comendo chão e refletindo sobre as falas das sambadeiras na vez anterior que, trazendo informações valiosas, marejaram em minhas anotações, sob minhas pretensas coerências de confuso pesquisador. Foram longos dias aqui em Matarandiba, preso na minha casa, com chuvas constantes, quase que impeditivas de visitar as pessoas, de ir à maré e correr a ilha em busca de informações mais precisas, de fontes ligadas diretamente ao Voa Voa Maria.

Em outras ocasiões, o bom tempo me enchia de esperanças e lá ia eu nas casas pré-determinadas pelo curso da pesquisa em busca das valiosas entrevistas. Aproveitava para assuntar nas pescas de ressa nas canoas, sobre os fortes e às fortes do samba, tentando improvisar no meio do mar, ao silêncio do teto de estrelas e lua, uma entrevista informal. Afinal, ainda carecia fazer a tal entrevista coletiva na associação com suas lideranças, todas mulheres de Matarandiba.

Especialmente marcante, a cada depoimento concedido, era a forma cuidadosa em me passar integralmente suas emoções, seus sentires no corpo, de como o samba as tocava a alma, de como os atravessamentos sistêmicos capitalistas eram contidos pela percepção de cada uma em relação ao Voa Voa Maria.

Lembro Taninha, a sambadeira apaixonada pelo samba Voa Voa que, só de falar, lhe enchem os olhos de lágrimas de alegria, de redenção, de orgulho, de libertação de amarras acumuladas pela opressão do machismo e do racismo. Doce mulher do mar, engraçada e de frases redondas, filha de Matarandiba, me mandou um recado pela sambadeira Condinha: " Condinha, diga a Walmir que eu quero só ver a hora que ele vai passar aqui para eu falar também. Eu também quero falar do samba pra ele, viu? Diga que é pra ele passar aqui antes de ir embora que eu quero contar as coisas pra ele."

Não apenas fica revelado o protagonismo feminino nos mandos e direcionamentos da cultura, como a essencialidade indispensável e intransferível das mulheres nos ritos e celebrações da comunidade. Ou seja, sem a presença dessas damas das águas ao fundo da Baía de Todos os Santos segurando tão cara responsabilidade, ouso a dizer que Matarandiba correria o risco inevitável da reprodução de mesmices vazias produzidas pela branquitude musical de uma metrópole cooptada pela massificação do Axé music ou dos infernais, alienadores, escatológicos e ensurdecedores paredões.

Termino essa pesquisa com as mãos ávidas por novos fazeres e a alma cheia de gratidão com cheiro de mar.

Se o samba da minha pesquisa, de alguma forma, contribuiu para fortalecer os batuques de afetos, de alianças, unindo um passado profundo a tenros tempos presentes de frágeis memórias externas, já me conforto e dou meu dever como cumprido.

Caso contrário, que a canoa da cultura a leve para o fundo do mar distante, onde pinto não há de piar, galo não há de cantar e mãe não há de chorar. Onde residem todos os pedidos de amores, despachos de duras dores depositadas pelo aruê, em seus sambas de encontros, desencontros e reencontros com os tempos das reminiscências da ilha de Matarandiba.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Cultura popular e contemporaneidade**. Revista Patrimônio e Memória - UNESP. São Paulo, v.11, n. 2, p.102-122, jul./dez. 2016.

_____
ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Culturas populares, educação e descolonização.** Revista Educação em Questão - Natal, v.57, n.54, p.1-20, e 18279, out./dez. 2019.

BARRETO, Virgínia Queiroz. Tempos e Lugares do Barro: vida de oleiros, Maragogipinho-BA. In **II Encontro de História Oral do Nordeste**. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2000.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón *et all*. **Decolonialidade e pensamento afro diaspórico.** Joaze Bernardino Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (Orgs.). 1ª ed. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Nas franjas da plantation: trabalho e condições de vida de escravos e libertos em pequenas propriedades de Itaparica: 1840-1888. **Tempo.** Revista do Departamento de História da UFF, v.14, p. 193-221, 2010.

DÖRING, K. Dona Nicinha de Santo Amaro e Dona Zelita de Saubara: Matriarcas negras do Recôncavo baiano. In: Marilda Santana. (Org.). **As bambas do samba**: Mulher e Poder na Roda. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2016, v.1, p. 17-53.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albegaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. **Projeto História**. Ética e História oral. São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.

FERREIRA, Roque. **Terreiros de Samba-Chula**: Uma abordagem etnográfica, histórica e social da música que os negros faziam nos pasrtidos e engenhos de cana-de-açúcar do Recôncavo baiano, Salvador, Bahia - 2015.

FILHO, Luiz Vianna. **O Negro na Bahia**. Coleção documentos brasileiros. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1946.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: Modernidade e Dupla Consciência. São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. de Enilce de Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Flávio. (2007). **Quase-cidadão***:* histórias e antropologias da pós emancipação no Brasil. Olívia Cunha e Flávio Gomes (Org). Rio de Janeiro: Editora FGV.

GOMES, Francimária R.; ROSA, Laila. Os processos de protagonismos de mulheres negras no Recôncavo da Bahia: O samba de roda como mediador das relações cotidianas. In: **Seminário PPGCS**, 5, 2015, Anais (...). Cachoeira: UFRB, dez. 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios e Márcia Lima (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro, pp. 935-952, 2014.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.

MALDONADO-TORRES, N. La descolonización y el giro des-colonial. In: **Tabula rasa**, n. 9, p. 61-72, jul./dic. 2008.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpotela**. Coleção Encruzilhada, Editora Cobogó. Belo Horizonte, 2021.

MENDES, Roberto. Entrevista a TV Olhos D'Água, 11 de julho - Santo Amaro, 2017.
MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MIGNOLO, W. D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: ***Cadernos de Letras da UFF***, Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**, FUNARTE, Rio de Janeiro - 1995.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual**. Editora Filhos da África. São Paulo, 2018.

NEVES, Margarida de Souza. A educação pela memória. **Teias**. Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.9-16, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americana, p. 117-142. Buenos Aires: Clacso, 2005.
WALSH, C. Interculturalidad, plurinacionalidad y razón decolonial: Refundares político-epistémicos en marcha. In ALBALGI, S.; MACIEL, M. L. (edits.) **Conocimiento, capital y desarrollo**: dialécticas contemporáneas. Buenos Aires:
Editora La Crujía, 2009.

WERNECK, Jurema Pinto. **O samba segundo as Ialodês**: Mulheres Negras e a cultura midiática. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em comunicação - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.